ANNO XXIII — N.º 15
Rio, 13 de Abril de 1929
— Preço: 1$000 —

— Como faziam soffrer a probresinha as suas 'pontadas' nevralgicas!

Um dia, porém, elle a convenceu de que devia experimentar a CAFIASPIRINA, e o effeito foi assombroso.

Em poucos minutos cessou a dôr, sem que o seu delicado organismo soffresse consequencias desagradaveis de especie alguma.

Eis porque o unico remedio que inspira aos dois absoluta fé e inteira confiança, é a nobre e excellente

CAFIASPIRINA

Dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e cólicas menstruaes; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.

BAYER

Allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.

O Pescador do Lago

A Gustavo Barroso, grande escriptor e meu grande amigo.

* * *

EM meio do lago, o pescador deteve o impulso do braço que devia atirar o arpão.

Firme, com um pé no banco e o outro no pavés da canôa, sereno, calmo, a olhar a superficie quieta das aguas, o velho pescador tinha a majestade divina de um monstro querendo anniquilar a propria natureza. Deante delle, a immensidão negra das aguas era como um manto liquido de luto, tentando cobrir o coração da terra.

Pelas margens do lago, largo e profundo, o brilho verde-musgo das florestas erguidas dava, em seu conjuncto, um panorama ridente, todo vestido de esmeralda, derramando-se ás folhas abertas. E, pelas frondes altas, distantes, o tom vivo das ramagens era como uma fantasia, variada e bella, perdendo-se ao longe.

O sol nascia. Tudo estava deserto. Só em meio desse scenario, como visão inconsciente, se via a canôa, pequena e fragil, com o pescador e o piloto, cirandando ao sabor do vento.

O pescador sorria. Tinha a certeza de que, deante de sua canôa, o "pirarucú" boiaria á superficie tranquilla das aguas, offerecendo-lhe o dorso á ponta afiadissima do arpão. Era assim todos os dias. Nudo, coberto de "piuns", mastigando o fumo, o pescador encheu o olhar dentro d'agua do lago que, naquelle instante, parecia um grande lençol negro entre as barreiras erguidas; era como se procurasse vêr através das molleculas liquidas — os jacarés, as tartarugas, as pirapitingas e as sucurijús enormes.

Um "pirarucú" boiou ao longe.

O olhar do pescador reaccendeu-se de um brilho intenso, emquanto uma alegria faminta lhe tremeu os labios, avidamente entre um sorriso e um muxôxo.

Nicolau, o velho cearense, arpoador de "pirarucú", desde que chegára, criança, ao Amazonas, e os seus braços puderam mover uma haste, — não fizera outra coisa sinão pescar no lago. Todos os dias, ás mesmas horas, era aquelle o seu unico trabalho. O patrão pagava-lhe bem para isso, — e, quando Nicolau arpoava dois ou tres "pirarucús", era-lhe concedido, a titulo de premio, o descanso de uma semana inteira, que elle passava á prôa da "igarité", flexando "aruanã".

Ao lange, um outro "pirarucú" boiou.

Nicolau percebeu que o peixe o presentira "arisco", vadio, brincando com elle. E, com um riso de orgulho selvagem, fez signal ao piloto para que se não mexesse. Depois, ficou-se a olhar attentamente á superficie tranquilla do lago. Os seus olhos pequenos, encovados, meio obliquos, pareciam vêr, na transparencia funda das aguas, uma sombra, um corpo... Foi o bastante. Nesse momento, com a mão segurando a haste, o seu braço, pesado e forte, se foi erguendo, lento, até que, n'uma impulsão forte, a sacudiu de encontro ao monstro mergulhado.

— Não arpôe, Nicolau!... Você não está vendo que é a espuma de um bôto?... — falou o piloto, nativo manso, supersticioso e ignorante, da tribu dos corinas.

O pescador voltou a cabeça e fitou-o rindo. O arpão escapava-se-lhe da mão, batendo em cheio no lombo do peixe submergido.

Dentro dagua do lago, ouviu-se um estrondo abafado, emquanto a superficie serena agitou-se encrespada, atufando-se num volume de ondas.

— Eu não disse?!... Você arpuou um "Bôto".

— Ora... ora... — exclamou Nicolau — é um peixe como outro qualquer.

— Mas, o "Bôto" tem mandinga, observou o tapuyo.

A dôr produzida pela estocada do arpão despertou, n'alma do peixe, panico e assombro. Então o "Bôto", numa furia satanica, como se estivesse ardendo em fogo o phosphato de suas entranhas, partiu rapido, furioso, entre agonia e medo, subiu e desceu as aguas, atravessou-as em curvas, submergindo, levando de reboque a canôa com o pescador e o piloto, que, sentados, imperturbaveis, seguiam puxados á extremidade da arpueira.

— Eu não disse?!... O "Bôto" tem mandinga... Se você não cor-

O Commentario

PROMETTE revestir-se de grande brilho a commemoração do primeiro centenario de José de Alencar, em Fortaleza, no mês de maio vindouro. Para as solennidades da inauguração da estatua do maior escriptor cearense, o sr. Mattos Peixoto, actual presidente daquelle Estado, convidou officialmente os dois cearenses actualmente membros da Academia Brasileira — Clovis Bevilacqua e Gustavo Barroso. Esse gesto de fidalguia mostra como o chefe do executivo cearense sabe prezar a intellectualidade representativa do seu torrão natal. S. Ex. é um homem de intelligencia e de cultura. Comprehende, portanto, o que valem os lettras para um povo e prestigia o morto eminente, associando intimamente seu governo ás commemorações projectadas pelos intellectuaes, e homenagêa os vivos illustres com um convite fidalgo e generoso.

Alguem escreveu que foi uma felicidade ter o Brasil, no seu mais alto posto, durante a celebração do centenario da Independencia, uma personalidade de destaque internacional e de brilho intellectual como o sr. Epitacio Pessôa. Podemos, em verdade, felicitar o Ceará por ter, neste momento de regosijo publico, á frente de seus destinos não um simples politiqueiro, mas um moço de cultura, de talento e de alto descortinio como o sr. Mattos Peixoto.

tar a corda elle termina alagando a canôa...

— Tolice!... Eu tomei hoje o dia para arpoar "Boto"... Que se vá queixar á Mãe d'agua! — chacoteou Nicoláu, começando a colher a corda do monstro, que havia cannado.

Assim, tres vezes, nesse dia, elle repetiu a mesma scena, indifferente e brutal. Tres "Bôtos" morreram á ponta assassina do seu arpão... E, cada vez que elle atirava a haste, o indio fazia-lhe a mesma advertencia:

— Não arpôe, Nicolau!... Você não está vendo que é a espuma de um "Bôto"?...

E o velho pescador respondia a mesma chocota:

— Que se vá queixar a Mãe d'agua!

•

NA outra ponta do lago, alguns pescadores de tarrafa atiravam-se radiantes á tarefa cruel e rendosa de matar peixe... Mas, nenhum delles mostrava maior volupia selvagem, nem maior ansia de matar que Nicolau. De subito,

O CONTO BRASILEIRO

(*Concluido*)

■ ■ ■

seu braço ergueu-se ameaçador e terrivel e o arpão, mais uma vez, se lhe escapou da mão, certeiro assassino, desapparecendo dentro d'agua negra do lago. Nisso, em cima da Sumaúma, a "cauhuan" gargalhou sinistra. O piloto estremeceu. Para o seu espirito de nativo aquillo era bem o presagio da morte que chegava.

— Para que você fez isso, Nicolau?... Não viu que era a espuma de uma "pirahyba"!...

— Sim..., respondeu o pescador, — mas, é preciso matal-a. Em toda a minha vida, nunca vi um peixe tão grande.

E a canôa, pequena e fraca, corria por cima das aguas, vertiginosamente. Nesse instante, o piloto quiz gritar; mas o peixe, cada vez mais furioso, mettera-se entre as moitas verdes de "oiranas"... Cansou, finalmente. Nicolau começou a recolher a corda vagarosamente, receioso. O peixe não dava signal de vida...

— Como?! Soltou-se?

— Não.

Nicolau, porém, estava admirado. Como explicar o motivo de tamanha docilidade?... Um peixe tão grande, não fazer força na arpueira!... Era singular! A "cauhuan" gargalhou a segunda vez na fronde da "Sumaúma". Nisso, Nicolau viu dentro d'agua negra do lago um cardume luzidio de "Bôtos" chorando a litania fluvionica dos peixes. O pescador teve um fulgor de colera.

— Ah! só arpoando outro "Bôto"!...

E atirou o segundo arpão.

Como num encanto, toda a agua do lago se transformou em "Bôtos"...

E um bando negro boiou á superficie das aguas, erguendo a canôa que se alagou em seguida.

•

A "cauhuan" gargalhou pela ultima vez na fronte da "Sumaúma"... Terminou a pescaria... o tapuya, assombrado e louco, salvou-se pendurado nos ramos de araçá... No outro dia, á mesma hora, o corpo de Nicolau, muito inchado, boiou á superficie quieta do lago.

ARAUCTO FERNANDES

Margarita Cueto

Trio Garnica-Ascencio

A. Magaldi-P. Noda

Juan Pulido

Os ARTISTAS mais populares gravam suas vozes em Discos Victor

Rosita Quiroga

Os interpretes de musica popular de maior renome escolheram os Discos Victor como sendo o meio mais perfeito para deleitar seus innumeros admiradores no mundo inteiro. Estes artistas sabem perfeitamente que quando estes discos são tocados na Victrola Orthophonica, sua arte é reproduzida com uma exactidão assombrosa.

Encontrará V. S. sempre nos Discos Victor o repertorio mais extenso do mundo em musica popular. A canção da moda, o tango em voga, o fox-trot de maior successo, apparecem *primeiro* gravados em Discos Victor. Ouça estes discos na Victrola Orthophonica cantados pelos seus artistas predilectos ou tocados pelas suas orchestras favoritas. Venha passar alguns momentos agradaveis no nosso estabelecimento ouvindo estes discos tocados na Victrola Orthophonica.

Jorge Añez

Minerva Rodriguez

Distribuidores Geraes: PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Ouvidor, 93 - Rio — S. Bento, 35 - S. Paulo.

O material VICTOR também se acha nas seguintes casas: Dorfman & Irmão, rua do Cattete, 79 e 253; The Dental Mafg. Cº of Brasil, rua do Ouvidor, 127; Vasco Ortigão & C., Largo de S. Francisco; F. A. Pereira, rua Ouvidor, 179; Mestre & Blatgé, rua do Passeio, 48; L. Ruffier, rua do Ouvidor, 121; Roberto Donati & Cia., rua do Ouvidor, 153; Nascimento Silva & Cia., rua Sete de Setembro, 238.

Mariano Meléndez

Novos Discos Victor *Orthophonicos*

Mercedes Simone

Proteja-se! Somente a Cia. Victor fabrica Discos Victor

Victor Talking Machine Company
Camden, New Jersey, E. U. da A.

Alcides Briceño — Carlos Mejia — Antonio Utrera — Libertad Lamarque

A Dançarina Grega

DE ARTURO SCHNITZLER

* * *

TODO o mundo póde dizer o que quizer, mas não creio que essa senhora Mathilde Samodeski tenha morrido de um ataque de apoplexia. Estou bem informado, e não irei á casa de onde a levaram hoje para o descanço desejado. Não quero vêr o homem que sabe, tanto quanto eu, a razão por que morreu, não quero apertar sua mão e calar-me. Irei para casa por um outro caminho. Verdade é que o acho muito mais longo, mas o dia está bonito e tranquillo como aquelle em que vi Mathilde pela ultima vez, na primavera passada. As janellas do pequeno palacio estarão todas fechadas; as ruazinhas do jardim cheias de folhas amarelladas, e de algum ponto verei, por entre as arvores, brilhar o marmore branco em que está cinzelada a dançarina grega. Hoje tenho que pensar muito naquella noite. Parece-me quasi providencial ter acceitado então o convite de Wartenheimer, apezar de haverem perdido com o correr dos annos todo o attractivo para mim as reuniões mundanas, talvez fosse devido ao vento temperado que chegava das collinas á cidade durante a noite, levando-me para o campo.

Além disso, era com um "garden-party" que os senhores Warten inaugurariam seu palacio, o que não era de muito bom gosto. Mas é estranho que ao ir áquella festa não pensasse sequer na possibilidade de encontrar-me com Mathilde. E, no emtanto, sabia que o senhor Wartenheimer comprara a dançarina grega a Samodeski para o seu palacio. E poderia ter pensado nella, porque, quando era ainda solteira, passei horas muito agradaveis em sua companhia.

Não me é tão facil, sobretudo, olvidar um verão no lago de Genebra ha sete annos passados, precisamente um anno antes de ser pedida a sua mão por aquelle que deveria esposal-a. Parece-me, até, que apezar de minhas cãs, me tinha creado algumas illusões, porque, quando depois se fez esposa de Samodeski, experimentei uma grande desillusão e fiquei convencido de que não chegaria a ser feliz.

Tornei a ver Mathilde pouco depois de sua viagem de nupcias, por occasião da festa que Gregorio Samodeski deu em seu "atelier", na rua de Gunkans, onde todos os convidados, por um capricho do esculptor, tinham de comparecer em trajes japonezes ou chinezes.

Ella me saudou de maneira muito desembaraçada; todo o seu ser dava a impressão de serenidade e satisfação. E, mais tarde, em meio da palestra com os demais, encontrei o seu olhar, mas um olhar singular; depois de algum esforço cheguei a comprehender claramente o que significava. Dizia-me: "Querido amigo: Você acredita que elle se casou commigo pelo dinheiro; acredita que não me quer e que não sou feliz; engana-se, porém, engana-se completamente. Basta ver o bom humor de que estou possuida e como brilham os meus olhos."

Encontrei-me ainda com ella em outras occasiões, mas nos viamos por momentos apenas. Uma vez, em viagem, cruzaram-se os nossos trens, e jantei com ella e o marido num restaurante da estação; elle gracejou durante todo o tempo, gracejos estes que não conseguiram fazer-me rir de boa vontade. Falei tambem uma vez com ella no theatro; estava com a mãe, que, por signal, mostrava-se mais bonita do que a filha... Nem o diabo poderia saber onde se encontrava então o senhor Samodeski. E durante o inverno passado via-a no "Prater", num dia frio e claro. Caminhava com sua filhinha entre a neve, por sob os castanheiros desnudos. O carro as seguia a pouca distancia. Eu estava na rua, em frente e não fui cumprimental-as. Encontrava-me, com certeza, preoccupado a pensar em outras cousas; além disso, Mathilde já não me interessava muito. E não me teria preoccupado tanto com ella e com sua morte repentina se não a houvesse encontrado em casa de Wartenheimer.

Recordo-me hoje daquella noite com uma nitidez extraordinaria e de um modo muito mais penoso do que do dia em que estive a seu lado junto ao lago de Genebra.

A noite já tinha descido quando cheguei. Os convidados passeavam pelas alamedas. Fui saudar o dono da casa e alguns conhecidos. Vinha até os nossos ouvidos, sem que se soubesse de onde, o som de uma orchestra, occulta, sem duvida, em algum bosquezinho. Aproximei-me, em pouco, do pequeno lago situado no meio de um semicirculo de altas arvores; no centro delle, sobre um escuro pedestal, parecendo revolutear sobre as aguas, resplandecia a bailarina grega; as luzes electricas que vinham da casa illuminavam-na theatralmente. Lembro-me da sensação que causou um anno antes, na exposição, semelhante obra de arte, confesso que me produziu tambem uma grande impressão, apezar de ser-me antipathico Samodeski e ter eu a esquisita suspeita de não ser elle o autor de tão bellas cousas, cousas estas que lhe têm trazido tanto exito. Parece-me existir algo de incomprehensivel, de ardente, de diabolico, de acaso em sua vida brilhante, e que tudo desapparecerá assim que deixar de ser joven e amado. Creio que ha muitos artistas desta natureza, o que não deixa de encher-me sempre de certa satisfação.

Perto do lago encontrei Mathilde. Passeava pelo braço de um joven com aspecto de estudante e que me foi apresentado como parente. Conversando alegremente, iamos de um lado a outro do jardim, cheio de luzes. A dona da casa, acompanhada de Samodeski, veiu ao nosso encontro. Detivemo-nos um pouco, e minha propria surpresa fez com que dissesse ao esculptor algumas palavras elogiosas a respeito da dançarina grega. Na realidade, fazia-o contra gosto; fluctuava provavelmente pela atmosphera uma disposição pacifica e animada, como sóe acontecer ás vezes em noites primaveris; pessoas que, de ordinario, são indifferentes, saudam-se com affecto; e outras, já ligadas por certa sympathia, sentem-se impulsionadas a toda especie de communicações effusivas. Foi o que se deu pouco depois, quando eu estava assentado em um banco a fumar um charuto. Aproximou-se de mim um homem a quem conhecia muito superficialmente e que começou logo a louvar as pessoas que utilizam sua riqueza de uma maneira tão nobre como nosso amphytrião. Mostrei-me de perfeito accôrdo com elle, ainda que sempre tivesse o senhor de Wartenheimer em conta de um "snob" muito ignorante. Em seguida, sem que viesse ao caso, manifestei áquelle homem meus pontos de vista relativamente á esculptura moderna, do que não entendo lá grande cousas, umas apreciações que em outra occasião teriam carecido certamente de toda importancia para elle, mas que sob a influencia daquella encantadora noite de primavera, achava dever approvar com enthusiasmo.

Mais tarde, falei com as sobrinhas do dono da casa, que achavam a festa muito romantica, sobretudo porque as luzes brilhavam por entre a folhagem e porque a musica soava nas redondezas. Estavamos precisamente junto ao pavilhão da orchestra; por isso não me pareceu nada disparatada a observação. Encontrava-me tambem sob o encanto do estado de animo dos presentes.

A ceia foi servida em pequenas mesas collocadas no terraço e no salão contiguo. As tres grandes portas envidraçadas estavam abertas. Achava-me assentado em uma mesa ao ar livre, em companhia de uma das sobrinhas; do outro lado sentou-se Mathilde com o joven de aspecto de estudante, mas, na verdade, empregado de um banco e official da reserva. Em frente, mas já no salão, encontrava-se Samodeski, assentado entre a dona da casa e outra formosa mulher desconhecida para mim. Enviou á mulher um beijo por gracejo; ella lhe respondeu amavelmente com um movimento de cabeça e sorriu. Olhava-o com um olhar tranquillo. Era, na verdade, bonito, com seus olhos azues, o rosto cuidadosamente escanhoado e o cabello negro penteado para traz. Mas tambem creio não haver visto durante toda a minha vida homem que fosse mais cercado de palavras, olhares e gestos como elle, e de uma maneira tão expressiva. A principio pareceu-me que acceitasse apenas as homenagens, mas vi logo depois pelo modo de cochichar ao ouvido das mulheres, pelos olhares insupportaveis de triumphador e especialmente pela alegria de suas vizinhas, que as conversações eram de uma animação extraordinaria. Mathilde devia tel-o notado tão bem como eu; mas conversava apparentemente calma, ora com a sua vizinha, ora commigo. Foi-se dir-

gindo pouco a pouco a mim somente; perguntou-me por diversos factos de minha vida externa e fez-me descrever minha viagem a Athenas no anno anterior... Falou-me, depois, da filha, que já cantava maravilhosamente canções de Schumann de cór; dos paes, que, agora na velhice, tinham comprado uma casinha em Hietzing; contou-me que adquirira velhas telas de assumpto religioso em Salzburg e outras cousas mais. Por sob essa conversação occultava-se, porém, algo bem diverso, sem duvida. Era uma desesperada lucta intima: procurava persuadir-me, com aquella fingida serenidade, da tranquilla ventura que fruia, e eu não podia acredital-o. Pensava sempre naquella noitada japoneza e chineza, no "atelier" de Samodeski, onde eu nella notara o mesmo esforço. Mathilde percebia muito bem que muito pouco conseguia contra minhas duvidas e que tinha de recorrer a alguma cousa muito extraordinaria para desfazel-as. E occorreu-lhe, assim, a idéa de chamar a minha attenção para a conducta das duas mulheres relativamente ao marido. Começou a falar da sorte delle com o bello sexo, como se estivesse satisfeita, como bôa camarada, dos seus successos, esforçando-se por afastar toda sombra de inquietação e de desconfiança, e elogiando-lhe tambem a belleza e o genio. Mas, quanto mais fazia por mostrar-se alegre, tanto mais profundos eram os pensamentos que assaltavam sua mente.

A DANÇARINA GREGA

(Continuação)

Ao levantar, uma vez, o copo para brindar por Samodeski, tremia-lhe a mão. Quiz occultar, reprimir este tremor; para isso permaneceu durante alguns segundos, não somente com a mão, mas com o braço e todo o corpo numa tal rigidez, que cheguei quasi a temer por ella. Voltou a reanimar-se, olhou-me rapidamente de soslaio, notou provavelmente que estava a ponto de perder a partida, e disse, então, de repente, como num ultimo alento:

— Poderia jurar que me tem em conta de ciumenta.

E sem deixar-me tempo para resposta, ajuntou:

— Oh! muitos acreditam nisso. A principio até o proprio Gregorio me julgava assim.

Falou muito alto, propositalmente, parece; suas palavras puderam ser ouvidas do outro lado da sala.

— E — continuou, dirigindo o olhar para o mesmo lado — quando se tem, como tenho, um marido semelhante, bello e celebre... e quando se é, como eu, uma mulher sem grande belleza... Oh! não me vá dizer alguma cousa!... Sei que me fiz algum tanto bonita depois que veiu ao mundo a minha pequerrucha.

Na verdade, tinha razão; mas para o marido — de tal estava eu inteiramente convencido — a nobreza de suas feições nunca significaram grande cousa, e no que dizia respeito á estatura, ao perder a esbeltez juvenil, perdeu, sem duvida, o unico encanto que existia para elle.

Assenti, naturalmente, com palavras exageradas; pareceu alegrar-se e proseguiu com maior animação:

— Mas, não sou nada ciumenta, nem eu mesma o sabia; só o fui notando, pouco a pouco, e especialmente ha alguns annos, em Paris... Lembra-se que estivemos lá?

— Sim, recordo-me.

— Gregorio trabalhava nos bustos da princeza de la Hire, do ministro Choquet, em muitas outras cousas mais. Viviamos em Paris de um modo muito agradavel, como jovens que eramos...; não quero isto dizer que não continuemos jovens ainda... Explico-me melhor se disser como dois noivos que se amam de verdade. Frequentavamos o grande mundo; iamos algumas vezes á casa do embaixador austriaco, visitavamos a la Hire e outras pessoas. Mas, em resumo, trazia-nos sem cuidados a vida elegante. Moravamos distante até, em Montmartre, numa casa bastante velha, onde Gregorio tinha o seu "atelier". Asseguro-lhe que muitos dos jovens artistas de nossas relações não chegaram a suspeitar sequer de que eramos casados. Iamos a toda a parte com elle. Iamos a miudo ao Café Ayhenés, onde nos reuniamos com Leandre Carabin e outros mais.

Dirigiu um rapido olhar para a senhora de Wartenheimer e continuou desembaraçadamente:

— E havia uma ou outra mulher formosissima. Encontramo-nos na vida com tanta gente estranha! Imagine que as mulheres não faziam ali atraz de meu marido menos de que em qualquer outra parte; era engraçado. Como eu estivesse, porém, sempre a seu lado, ou quasi sempre, não se atreviam a approximar-se delle com tanta liberdade. Um dia occorreu-me uma idéa singular, idéa de que o senhor não me

teria crido capaz, e eu mesma, ao relatar, hoje, o facto com tamanha franqueza, admiro-me de minha coragem.

Olhava em frente, e disse em voz mais baixa:

— Pois, imagine o senhor, uma noite vesti-me de homem e fui, assim disfarçada, em companhia de Gregorio, á caça do imprevisto. Tive que me prometter a mim propria que não me arrebataria por cousa alguma... Está claro: senão tudo aquillo não teria a sua razão de ser. Eu estava uma figura soberba; não me teria o senhor reconhecido... Ninguem me teria descoberto sob aquelle disfarce. Um amigo, de Gregorio, um tal Leonce Albert, um joven pintor, nos acompanhava nessa noite. Fazia um tempo magnifico... maio... noite morna... E eu tinha taes ares de arrogancia que o senhor se admiraria se me visse. Imagine: o meu sobretudo, um sobretudo amarello, não o vesti; levava-o no braço... como fazem os homens... Verdade é que já estava bastante escuro... Ceámos num pequeno restaurante do "boulevard"; depois fugimos para a Roulette, onde cantavam, então, Leagy e Montara... "Fu fen vis les pieds devan..." Ouviu isto ha dias no theatro Wiedener, não é verdade?

E Mathilde lançou um olhar rapido sobre o marido, que se esquecera della. Parecia que se ia deter, mas, de repente, voltou á narração com mais impeto, como a arrojar-se denodadamente em algum perigo.

"Continuámos passeando alegremente — proseguiu Mathilde — como tres estudantes. E agora vem o interessante. Fomos para o Moulin Rouge: estava no nosso programma. Era preciso que occorresse alguma cousa de extraordinario, porque até então não tinhamos tido nenhuma aventura... Chegámos ao Moulin Rouge á uma hora da madrugada. Sabe provavelmente o que se passa ali; na realidade afigurava-se-me coisa peor... A principio nada se passou de anormal. Fiquei um pouco desapontada. "E's uma criança — disse-me Gregorio. — Que imaginavas tu? Acreditavas que cahiriam rendidas a nossos pés apenas chegassemos? Mas, quando nos decidiamos a partir, operou-se uma mudança. E foi que me chamou a attenção uma pessoa... que, por casualidade, havia já passado algumas vezes a nosso lado... Estava muito séria e distinguia-se bastante da maioria das damas presentes. Achava-se vestida sem garridice: trazia um traje branco, inteiramente branco... Observei que a dois ou tres homens que se approximaram della não respondeu sequer, seguindo o seu caminho, sem dignar-se ao menos deitar-lhes um olhar. Olhava apenas o baile, muito tranquillamente e com interesse... Leonce perguntou — havia-lhe rogado que o fizesse — a alguns amigos se conheciam de algum logar aquella formosa creatura, e um delles se recordou tel-a visto no inverno anterior num dos bailes de quinta-feira, no Bairro Latino. Nisto Leonce aproximou-se della, e sei dizer que a elle deu resposta.

A DANÇARINA GREGA

(Conclusão)

Vieram ambos ter, em seguida, comnosco, assentámo-nos todos em uma mesa e bebemos Champagne. Gregorio não lhe ligava a minima importancia, era como se ali não estivesse... Ella conversava commigo sem cessar, somente commigo... A indifferença de Gregorio parecia aborrecel-a muito. Mostrava-se cada vez mais animada, mais communicativa, mais desembaraçada, e, como sóe succeder em casos taes, foi-nos contando, pouco a pouco, toda a historia de sua vida. Por que circumstancias tem que passar uma pobre creatura como aquella! Lemos muitas cousas assim; mas, quando a realidade se nos apresenta, parece-nos encontrar alguma cousa de novo e de inesperado. Recordo-me apenas de um ou outro facto que narrou. Quando tinha quinze annos foi modelo, depois comparsa de um pequeno theatro. Que cousas nos contou do director!... Enamorou-se de um estudante de medicina que se dedicava á anatomia. Ia algumas vezes buscal-o no deposito de cadaveres... ou permanecia ali com elle... Quando medico, abandonou-a. Não quiz sobreviver ao abandono. Tentou suicidar-se. Ria-se de si propria ao narrar-me o caso. Chamava-se Magdalena.

Não sei se Mathilde pronunciou esse nome intencionalmente em voz mais baixa. Parecia-me tel-a ouvido o esposo porque nos olhava de sua mesa, não olhava a mulher, mas os nossos olhares se encontraram e encarámo-nos por um momento, não muito carinhosamente, digamos a verdade. Sorriu immediatamente á mulher; ella lhe correspondeu o sorriso com um movimento de cabeça. Elle continuou a falar com as suas vizinhas da mesa, e Mathilde voltou a dirigir-se a mim.

— Desde então, não posso recordar tudo o que Magdalena falou depois, — disse — tão confusa achei dahi por deante a sua narrativa. Mas, quero ser sincera: houve um momento em que fiquei algum tanto mal humorada. Foi quando Magdalena segurou a mão de meu marido e beijou-a. Mas foi cousa passageira, porque pensei naquelle momento em nossa filhinha. E senti quão indissoluvelmente estavamos ligados, Gregorio e eu, e que, tudo que não fosse isso, só poderia ser tolice ou comedia, como aquella noite. Tudo acabou bem. Seguimos depois para um café do "boulevard", onde ficámos até o amanhecer. Então, para levar a cabo a burla de uma maneira vantajosa e acertada para elle — e o senhor bem sabe como são egoistas todos os artistas... no que se refere á sua arte... — disse-lhe que era esculptor, e convidou-a a ir, o quanto antes a seu "atelier", porque queria modelal-a. Ella respondeu: "Sim, tão esculptor é o senhor como eu princeza! Apezar de tudo, irei."

Mathilde calou-se. Mas nunca vi olhos de uma mulher exprimir, esconder tanta dôr. Depois de uma pausa, na qual se preparou para o final que tinha a dizer, continuou:

— Gregorio quiz que eu fosse no dia seguinte ao seu "atelier". Sim; até me fez a proposta de ficar escondida por detraz de uma cortina quando ella chegasse. Bem sei que muitas mulheres teriam acceitado. Mas, a minha opinião é que se tem, ou não, confiança; e... eu optei por ter confiança. Não tenho razão? — e olhou-me com uns grandes olhos interrogadores. Assenti apenas com a cabeça, e ella proseguiu: — Magdalena acudiu ao chamado no dia seguinte, naturalmente, e continuou vindo depois com muita frequencia... do mesmo modo que as outras terão vindo e vieram muitas vezes, como modelos, e póde o senhor crer-me que era uma das mais formosas. Estive hoje mesmo deante della, ali, junto ao lago, cheio de admiração.

— E' a dançarina?

— Sim; Magdalena serviu-lhe de modelo para aquella obra. E depois do que lhe disse, acredita que haja sido desconfiada alguma vez? Não teria sido, nesse caso, um martyrio a existencia tanto para elle como para mim? Estou satisfeita por não ter sido nunca presa de ciumes.

Alguem, que estava sentado junto á porta do centro, levantou-se e começou a brindar em estylo humoristico o dono da casa. Eu olhava Mathilde, que dava tão pouca attenção ao orador como eu. Vi que dirigia ao marido um olhar em que não somente transparecia um amor infinito, mas que simulava tambem uma confiança inquebrantavel, como se fosse verdadeiramente seu maior dever não lhe embraracar de modo algum o gozo da vida. Elle, por sua vez, acolheu, sorrindo, o olhar da mulher, sem a menor perturbação, apezar de saber naturalmente como soffria ella e quanto soffrera durante toda sua vida. E, por isso, não creio na lenda de seu ataque de apoplexia. Naquella noite consegui conhecer muito bem Mathilde, e estou convencido de que fingia tambem deante do marido, desde o principio até o fim de sua vida de casada, que era uma mulher feliz; e elle a enganava sempre arrastando-a para a loucura. Ella fingira por ultimo uma morte natural ao pôr fim á existencia, existencia que não podia mais supportar. E Samodeski acceitou tambem o derradeiro sacrificio, como se ella lh'o devesse.

E eis-me aqui deante da grade. O pequeno palacio ali está, branco e encantado, envolto na luz crepuscular, e entre os ramos avermelhados brilha o marmore...

Póde ser que esteja eu a praticar alguma injustiça relativamente a Samodeski. Talvez seja falta de perspicacia de minha parte. Mas é triste pensar que Mathilde não tivesse na morte nenhuma outra satisfação senão a de ter triumphado na ultima e divina illusão.

E é possivel, tambem, que me tenha equivocado e que a morte tivesse sido natural. Mas não posso tirar-me o direito de odiar o homem que Mathilde amou de tal maneira. Será este meu unico prazer durante muito tempo.

Casamentos

O Que Toda Moça Deve Saber Antes e Depois Do Casamento!

Minhas Senhoras!

Todos sabem que Certos Terriveis Padecimentos e as mais Perigosas Perturbações Genitaes são Soffrimentos que perseguem grande numero de Mulheres.

Quantas vidas cheias de desgostos e pezares, quantas lagrimas, quanta tristeza e quantos desenganos produzidos por estas tão dolorosas Enfermidades!!

Quantas Senhoras Solteiras, Casadas ou Viuvas, que padecem de tão terriveis Doenças!!.

Quanta Mãe de Familia se considera infeliz, por soffrer assim!

Quem tem a infelicidade de soffrer do Utero sabe bem o que é padecer!!

Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incommodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Differentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza no Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pelle, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero.!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado e ella de alegre que era, passa a ser triste, aborrecida, zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes!

O Melhor Tratamento é usar **Regulador Gesteira**

Sim! Sim!

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dores da Menstruação, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comecem hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

MACEDO DANTAS (S. Paulo) — Não, meu caro, não ha bôa vontade que o salve da cesta. Ha fatalidades inevitaveis. Essa é uma dellas. Quem escreve maus versos, tem que ser castigado.

A cesta aqui é uma pena, semelhante á cadeira electrica, na America do Norte, á forca, na Inglaterra, a guilhotina na França.

A sua pena, poeta, não póde ser commutada. O senhor tem mesmo que ir para a guilhotina da "cesta". Tenha paciencia. Póde confessar-se. Póde declarar a sua ultima vontade. Está chegando a hora...

Vae ser lida a sua sentença de morte... literaria...

"O réo Macedo Dantas é condemnado á guilhotina da cesta do "Saibam todos..." porque escreveu um soneto horroroso, crime hediondo contra a arte e as musas, mythos innocentes, que nada têm com a tolice humana. Sobretudo porque abusa das rimas em *á*, suspeitas e equivocas demais...

Eis a prova do seu delicto:

TEUS LABIOS

Teus labios, meu amor, minha [querida,
Assim pequenos, rubros, virginaes,
Hão-de ser sempre, eternamente [a lida
De meus sequiosos labios canni- [baes!

Teus labios, claro sol da minha [vida,
Adoração que se não finda mais,
Conteem o sabor de tua alma [diluida
Na revoada de beijos immortaes!

Teus labios, ó princesa das mulhe- [res!
Perola incomparavel, se quizeres!
São um arco-iris vivo, humano [e nu,

Revestido de topasios sem conta,
Coberto de uma scintillação tonta,
Tauxiado num céu magnifico: tu!

MACEDO DANTAS

Prompto! "Morreu", seu poeta? Já está *morto!* Si está, não m'o negue. Quero ir ao seu "enterro" no cemiterio da Poesia...

E agora — "requiescat in pace"...

LAMPADA BRUXOLEANTE (E. do Rio) — Perdão, mas V. Ex. errou a porta. Sou pouco theorico e muito pratico, para lhe dar um conselho grave, accaciano, calinesco, de accordo com a sensibilidade, os nervos e romantismo de uma donzella *tota pulchra*...

Deus me livre!

ASTRÉA (?) — Sim, estou de accordo. Quanto ao resto, bem sabe o meu telephone.

O postal é maravilhoso. Quizera vel-a na mesma pose artistica...

Será possivel?

J. F. DE ANDRADE (S. Paulo) — Gostei dos seus sonetos — eu que os não toléro. O *Rio*, *A Tarde* estão bem trabalhados. *Ausente* é muito fraco. Mas passa!

AUGUSTO MOREIRA (Paraná) — O seu conto deve apparecer brevemente. Queira esperal-o.

Quanto ao *O Suave enleio* devo dizer que já está na 3ª. edição, vendida á Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. De sorte que não posso tomar a iniciativa de fazer a remessa de alguns exemplares para as livrarias dahi.

No emtanto, si estas têm algum interesse em obtel-os, é facil dirigir-se á Livraria Alves, que as attenderá, certamente.

O meu romance "Uma garçonne carioca" vae apparecer brevemente.

E' um livro de critica social, um tanto realista, mas não obsceno.

E', quando muito, uma obra um pouco forte, destinada a causar sensação em nosso meio, visto como nella apparecem alguns typos cariocas, facilmente reconheciveis.

Ora, si esse romance interessar ás livrarias de Curytiba, eu acceito as propostas que me faz. Está dito?

Talvez em julho "Uma garçonne carioca" esteja exposta á venda.

RIBEIRO PONTES (Pará) — Oh! Muito agradecido pelo artigo que escreveu sobre mim n'*A Semana* dessa capital. O sr. foi extremamente bondoso e deu um relevo á minha arte que eu nunca lhe reconhecera. Os amigos servem para nos prestar estes serviços preciosos: apontam-nos os erros ou nos applaudem os acertos.

Obrigado. O sr. tem aqui um camarada e um confrade agradecido.

ANGELA D'ALVA (Capital) — A minha opinião sobre a sua poesia escripta em francez? Acho-a linda. Delicada. Bem gauleza, até. Mas revela falta de patriotismo de sua parte. O francez não nos dá a menor importancia. Dizem que somos "les sauvages".

Ainda ha pouco esse tal Albert Londres que aqui esteve e foi cumulado de gentilezas, escreveu um livro arrazando a America do Sul. E' claro que temos a nossa parte no seu ataque injusto.

(Entre parenthesis: esse livro e outros me foram offerecidos pelo meu amigo e escriptor paulista Luis Erbon).

V. Ex. deve escrever é em portuguez. Porque quando amanhã se notabilisar, como poetisa, não será a França que lhe compre os livros, nem os francezes os seus criticos bons ou maus.

Graphologicamente, a sua personalidade é muito curiosa. E' mesmo bizarra.

MANOEL BERMUDES MIGUEZ (Capital) — Upa! O sr. é delicioso. Não quero copromettter a alegria, que o sr., nos vae proporcionar, fazendo reparos desnecessarios, á sua correspondencia.

Aqui vae a sua carta, tal como o sr. m'a endereçou:

Paciente *Yves*. — Effusivamente comprimento-vos dezejando-lhe que vença sempre na sua vida já tão cheia de glorias; paciente lhe chamo, porque aturas sempre com bom humor esses *Cacetes*, cacetes assim como este teu amigo desconhecido

Yves (permita que o trate assim) não querendo roubar por muito tempo a sua preciosa attenção, digo-lhe porque motivo lhe escrevo, eis o meu caso, uma menina de quinze annos, que actualmente está residindo em Buenos Ayres, pediume que lhe escrevesse qual quer cousa por intermedio do "FOM-FOM" porque é a unica revista Brasileira que ella lê.

O caso é serio ou não é?... Pense bem meu caro amigo eu com dezesseis annos obrigado a escrever versos e ainda eu que sou tão inteligente, inteligencia tanta que levei trinta noites a escreyer esta obra prima, que ahi lhe mando e ao mesmo tempo lhe peço para que retoques onde julgares conveniente.

Do sempre —*Manoel B. Miguez*

Os versos a que se refere são os seguintes:

Pudesse ao menos rever
A tua querida imagem
Eu deixaria de soffrer
Seria uma grato miragem

Paula minha querida
Não sabes como estou a soffrer
Tão triste e a minha vida
Esta vida que não tem prazer

Pudesse ainda te abraçar
Como nos tempos idos
Maior felicidade não podia alcan-
[çar

[languidos
Só em pençar nos teus olhos
Me dá vontade de chorar
Porque sei que para mim estão
[perdidos.

Manoel Bermudes Miguez.

O sr. me pede fazer alguns retoques nos seus versos.

Escute, antes, esta anecdota: Certa vez um poeta d'agua doce, remetteu os originaes de um seu poema, a um critico severo, com o seguinte bilhete:

"Mestre,

peço-lhe dar uma opinião sincera sobre este meu livro. Queira assignalar com uma cruz negra os versos que lhe não agradarem."

Dias depois elle recebia o original do seu poema, com a seguinte resposta:

"Caro poeta,

deixo de fazer as annotações que me pediu, com uma cruz negra, para não transformar o seu livro em cemiterio."

E' o seu caso. O seu caso ou o seu... Não sei bem.

Não faço os retoques que me pede, fazer nos seus versos para os não transformar em estrada de rodagem Rio-S. Paulo...

Gostou? Quem não vae gostar da [illegible] é a sua predilecta...

SAUDADE (Capital) — O principal assumpto de sua carta exige uma resposta pessoal. Qual o seu telephone? A graphologia depende dessa resposta.

E' tudo quanto posso fazer.

ESSE PEQUENO (Minas) — Camarada! Eu já estava com saudades do sr. Estava triste. Havia dias aqui aos companheiros de secção: "Diabo! Não me apparece um poeta de pé quebrado para iniciar a minha secção." Eis, porém, que, á maneira dos sortilegios da Idade Media, ou como nos contos de fada, o sr. me apparece. O sr. lembra o Pequeno Pollegar: surge quando menos é esperado.

Ora muito bem.

Na sua carta, exige que prove ser o sr. um plagiario. Isso eu não posso provar. Mas tudo me leva a crêr que os seus versos, afinal bem passaveis, não sejam de sua autoria. Não é que eu tenha um elemento seguro de prova. O sr. bem pode ter-se apossado de um inédito qualquer, de um amigo seu, talvez já fallecido, e póde mesmo te pago a algum poeta,

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

menos bisonho que o sr., para lhe escrever os versos que me mandou.

O sr. dirá: Isto é uma infamia E' uma calumnia!

Póde ser. Mas a culpa desse perigo cabe unicamente ao sr. Pois não é mesmo?

Si não, vejamos: o sr. Esse Pequeno me envia um poema, mais ou menos publicavel, e escreve-me uma missiva em cassange. Ora, ou o sr. não é autor dos versos ou da carta. Escolha! Autor das duas coisas é que não me entra na cabeça. Salvo si o sr. ficou menos intelligente, quando escreveu o texto da sua carta... Que diz?

Deante do meu raciocinio e da accusação que lhe fiz, o sr. se abespinhou. Ficou furibundo. Quiz fazer de Samsão ou de Hercules.

Escute, pois... Eu podia lhe poupar mais desastre litterario. Mas como o sr. pretendeu fazer como o espanhol, — que não enguliu o oceano para não deixar os peixinhos no secco — eu o levo ao pelourinho do "Saibam todos"... publicando a sua reclamação em cassange, ainda mais aperfeiçoado (?). E' o seu castigo.

Lá vae, poeta illustre. Lá vae tolice...

"Yves — Saúdo-te — Acabo de ler o nº. do Fon-Fon de 16 do mez fluente, tendo encontrado, na secção de "Saibam todos", submettidos a uma injusta critica, os versos que te mandei.

Com relação a tua critica, me classificando de "poeta da nostargia" não se póde leval-a a serio, pois lanças-te mão de um ligeiro descuido de minha parte, quando escrevi a palavra nostalgia com a troca de uma letra, para fazeres tão grande escarceo. O que eu faço questão, absoluta questão, é que me proves de onde foi que eu plagiei a obra que te mandei. Se por ventura houve ou ha alguem que tenha tido a sem cerimonia de intitular-se autor dos versos que fiz, quero te dever a finesa de informar-me quem foi ou quem é esse audacioso que teve semelhante coragem.

Estou certo que a tua penna ha de vacillar sem que me possas dar uma só resposta das que te solicito.

Acredito que te tenhas utilisado dessa falta de verdade para que podesses dar maior expansão á tua critica.

A obra que classificas de "caracter carnavalesco" é tão sómente minha que vejo-me na necessidade de ponderar-te que prefiro fazer verso pé quebrado a plagear obra de quem quer que seja.

Que geito podes dar agora, Yves, para que te vejas livre da *péta* que pregaste ao leitores do conceituado Fon-Fon?

Aguardo a tua resposta, ainda por intermedio de "Saibam-todos", desfazendo o indigno juiso que fizeste de minha pessoa.

Conto ao certo, como sendo tu um homem da verdade (não importa que tenhas aberto agora uma excepção...) has de fazer uma rectificação na critica que fizeste sobre um falso alicerce.

Confiante de que has de atten der o meu muito justo appello, me subscrevo, mais uma vez, teu apreciador amigo. — *Esse Pequeno.*

Mas ainda ha um remedio, ó poeta: é confessar que é autor dos versos e não da carta.

CYRENE CLE'O (Capital) — Aqui estão as respostas que devo á sua cartinha azul e gentil:

1º. — Fiquei profundamente commovido ao lêr as palavras de sympathia que me dirige. Obrigado.

2º. — Realmente gosto muito de perfumes. Principalmente daquelles que me offerecem. Não lhe posso dizer, porém, qual o perfume que mais me agrada, porque seria forçado a fazer reclame, sem ter sido encarregado disso, pelos interessados.

3º. — Quanto á graphologia nada lhe posso dizer. Ella não é bôa. Que pena, hein?

4º. — Só lhe poderia dizer francamente o logar que occupa no meu coração, si a conhecesse pessoalmente. Por ora posso affirmar que me inspira grande sympathia... espiritual...

MARION NEVES (?) — Sim. Estou a seu inteiro dispôr. Acceito e retribúo as suas saudades.

YVES.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136.

FON-FON — 13-4-1929

Data da consulta ....

Nome do consultante ....

....

O Cura de Lanslevillard

DE HENRY BORDEAUX — *Da Academia Franceza*

(Continuação)

Ao arroz succedeu-se a sobremesa. Nosso hospedeiro desculpou-se da insignificancia do *menu*.

— Conhece as nossas convenções... — replicou seu collega que soube ser o cura de Lanslebourg.

A parochia de Lanslebourg é um arcebispado.

E elle explicou em que consistiam estas convenções:

— Quando nos visitamos, são dois pratos de manhã, e á tarde, sôpa e outro prato.

— Sim, mas em Lanslebourg, o senhor duplica a dóse. Uma gallinha ensopada com legumes, vale por mais de um.

— Oh! oh! é o gallo da Paixão, o mesmo que advertiu São Pedro de sua abjuração.

— E quando está só? — aventurei.

— *Ad libitum*, — respondeu-me o arcebispo.

Adivinhei que este *ad libitum* dissimulava uma magra refeição, porque ninguem é rico em Maurienne e os curas dão esmolas. A' sobremesa, — queijo e fructas, — a palestra estimulada pelo vinho branco de Saboia, animou-se. Criticou-se o sermão de um cura vizinho que, prégando sobre o roubo, deu este exemplo:

— "Ides á feira vender vossa vacca assegurando que ella leva comsigo o bezerro afim de logrardes maior lucro, no emtanto ella leva tanto o bezerro como eu..."

E o mesmo para mostrar o zelo piedoso de S. Francisco de Salles forneceu o seguinte detalhe biographico que escapou aos biographos:

— O santo estava de tal modo apressado por amar a Deus que nasceu antes do termo..."

Assim a lenda dourada continúa nas montanhas por meio de subtis commentarios. E' preciso ter frequentado os presbyterios para conhecer um certo genero de espirito que envolve almas ingenuas e transparentes, um espirito que é um repouso de alegria e de bom humor, uma alta nas estradas tortuosas da vida. E' o espirito caridoso; ninguem procura brilhar, nem tirar partido d'uma anedota brilhantemente contada, como acontece em Paris, onde o espirito é um bem pessoal que procuram fazer valer e não distribuir gratuitamente. Cada um procura divertir honestamente os outros. E nunca se ouve uma maldade, uma dessas maledicencias que ferem de longe os ausentes. O riso tambem é largo, sonoro, franco, e, não, acre, discreto, ceremonioso e á flôr dos labios apenas.

Quando me retirei para o meu *armario*, — um pequeno quarto muito acceitavel, em summa, — sentia-me bem humorado pela refeição e pelos gracejos do meu hospede. Sua cordialidade me tinha animado tal como uma velha aguardente conservada em tonel. A fadiga não existia mais para mim, e eu esquecera a tempestade que me surprehendera na descida de Roche-Melon. Mas o leito não estava ainda feito. O senhor cura

Odol
Odol
Odol
Frasco grande

que me conduzia com uma vela á mão, escapou de entrar numa grande colera da qual a sua virtude o preservou a tempo. Fez vir Antonio, e, desta vez, não se contentou com o signal cabalistico: tirou completamente o barrete e collocou a mão aberta sobre a cabeça. Quando a retirou, pude notar que era inteiramente calvo e que o craneo estava como deprimido e achatado. Dir-se-ia que tinha sido amolgado de uma maneira desigual. Já o barrete tinha sido posto em seu logar e eu olhava ainda o que elle cobria.

Antonio, com uma agilidade de clown, fez a cama apressadamente. Havia então entre elle e o amo, algum mysterio a que a caixa craneana de meu hospede não era estranha; uma allusão a esse mysterio, e o criado equivoco tornava-se doce como um cordeiro. Mas por que o senhor cura de Lanslevillard era o unico de todos os seus confrades que se deixava servir por um homem e não por uma dessas mulheres de idade canonica e de fealdade tranquilla, encontradas habitualmente nos presbyteros?

Desejamo-nos as bôas-noites, e deitei-me. Confesso, palavra, que na minha confusão fechei a porta á chave. Nunca tomei em casa de ninguem semelhante precaução. Mas esse Antonio não me sahia da memoria. Perseguiam-me os seus olhos falsos e o seu rosto patibular. E, visivelmente, tinha-me acolhido de má vontade; não cessára durante a refeição, mesmo quando me desarmára a sua cozinha, de dirigir-me olhares hostis e vingativos.

O Cura de Lanslevillard

(Continuação)

II

* * *

Dormi até ás sete horas do dia seguinte, não sem ter-me acordado uma ou duas vezes acreditando ouvir ruidos de passos ou perceber o movimento do ferrolho da porta.

* * *

TERMINADA a *toilette*, desci á sala de jantar onde encontrei os dois sacerdotes. Já tinham dito suas missas, e o cura de Lanslebourg se preparava para partir.

— Si o permitte, irei em sua companhia, — propuz-lhe.

— Certamente!

Antonio, que nos servia o almoço, esboçou uns signaes de desapprovação. Olhei-o fixamente, e elle deteve a sua pantomima. Mas bem comprehendi que desaconselhava este passeio a dois. Com grande surpresa para mim, recusou a gorgeta que lhe offereci. O senhor arcebispo que me notára o gesto, induziu-me a não insistir.

— Nunca recebe nada. E' inutil.

Pedi ao senhor cura de Lanslevillard de dizer algumas missas pelos meus mortos, e despedi-me delle depois de toda sorte de agradecimentos. Protestou com energia, affirmando-me ter sentido prazer em receber-me, e, em seus adeuses de despedida, levantou ainda uma vez o barrete de sorte que vi de novo, com mais espanto ainda do que da primeira vez, um craneo brilhante como uma couraça, uma couraça, porém, amolgada em diversos pontos. Aspirou com o grande nariz de narinas dilatadas o ar frio e desejou-nos bôa viagem.

A manhã promettia ser bonita depois do máo tempo da vespera á noite. Mas a neve se approximava, e era-nos preciso apressar o passo para expulsar o frio. Comecei a fazer o elogio do nosso hospedeiro. O senhor arcebispo deixou-me falar, mas, quando me calei, contentou-se em concluir:

— Um santo.

— E' um santo alegre.

— Oh! um santo triste é um triste santo.

— Está elle ha muito tempo nesse posto da montanha? — perguntei.

— Ha muito tempo já.

— E o deixarão ahi?

— Está no seu logar.

Comprehendi o pensamento de meu companheiro de jornada. Para elle, o collega tinha sido feito para dirigir almas simples e rusticas; estava no mesmo nivel dellas, mas as illuminava com o ardor generoso de sua caridade. Numa cidade, mesmo numa grande aldêa, estaria deslocado. A arte dos superiores está em utilizar exactamente as forças á sua disposição.

Continuei, desejoso de satisfazer minha curiosidade:

— Que criado singular tem elle!

— Antonio? E' o modelo dos servos. Apreciou sua cozinha, não é verdade? Pois bem, vela pelo mestre como um bom cão.

— E ladra aos estranhos

O SANGUE PURO É A BASE DA SAUDE!
Defendamo-nos da Syphilis e do seu cortejo macabro;
Do Rheumatismo que inutiliza o homem tornando-o um aleijado;
Do Arthritismo sempre devastador em todas as suas manifestações;
Das Feridas chronicas, das Ulceras e das Chagas sempre nocivas.
Defendamo-nos, depurando convenientemente o sangue!
TAYUYÁ
DE SÃO JOÃO DA BARRA
depura e tonifica o sangue sem dieta e sem resguardo.
MÁO SANGUE · MÁ SAUDE
LABORATORIO OLIVEIRA JUNIOR
KOHOUT
RIO DE JANEIRO

sendo saccola e que pedem alguma cousa...

— Sim, desconfia delles, felizmente para o meu caro collega que é muito confiante. Elle, o Antonio, sabe qualquer cousa a este respeito.

— Ah! E' porisso, então, que o senhor cura apalpa a cabeça quando quer se fazer obedecer?

O cura de Lanslebourg soltou uma grande gargalhada:

— Ah! ah! notou-o?

— Duas ou tres vezes. E' de um effeito seguro e immediato. Quiz experimentar tambem, mas não obtive resultado.

— O senhor? O senhor experimentou?

— Sem duvida. E o Antonio me olhava de travez.

O riso do senhor cura augmentou, um riso abundante, contagioso.

— Ah! experimentou! — repetiu elle, quando recobrou a calma. Não tem as mesmas razões. O seu craneo não está amassado. Antonio não o assassinou.

— Antonio assassinou o amo?

— Justamente; o senhor ignora?

— Como poderia sabel-o?

— Todo o mundo conhece esta historia em Maurienne. E' a primeira vez que se encontra entre nós?

— Não, senhor cura. Já aqui

O Cura de Lanslevillard

(Continuação)

* * *

vim ter pelo desfiladeiro de Vanoise. Mas a viagem rapida não me deixou conhecer grande cousa. Quero pôr-me ao corrente do facto.

E dentro de minha surpresa e do meu contentamento, ajuntei:

— Esse Antonio tem na verdade uma cara de sentenciado. Não me desagradaria conhecer o seu delicto. Não é habito, no emtanto, tomar alguem por criado o proprio assassino.

— Eh! E não se sahiu mal com isso o abbade Borel, porque é um criado gratuito. Espicaçava-me uma grande curiosidade, e meu companheiro não me parecia muito apressado.

— Peço-lhe, conte-me o drama, agora que conheço os personagens.

— Espere um pouco: chegamos precisamente ao theatro do crime.

Tinhamos passado da margem esquerda do Arc para a direita. A estrada se afastava um pouco da torrente; no espaço deixado livre, havia duas ou tres casas isoladas. O bom tempo tinha voltado, e, á nossa direita, as geleiras de Rocheure, recobertas de neve fresca, scintillavam ao sol.

— Siga-me, — disse o cura.

Deixámos a estrada para alcançar o Arc que se quebrava com fracasso de encontro ás rochas de suas margens. Um pequeno talho conduzia ás casas de que falei.

— Prompto, é alli.

O senhor cura mostrava-me na agua uma pedra arredondada e brilhante. Era preciso a pessôa gritar para fazer-se escutar, por causa da vizinhança immediata da corrente.

— Vamo-nos daqui, e retomemos á estrada.

E, quando na estrada, o arcebispo fez-me a seguinte narrativa:

— Ha uns quinze annos, o abbade Borel foi chamado para o curato de Lanlevillard. Era já o homem que viu: bom em excesso, candido, sempre procurando fazer a caridade. Um de nossos collegas pretende que, se elle vê tão longe como o nariz, já vê muito, porque o tem bastante longo. Nessa occasião, concertavam a estrada que um desmoronamento trazia interrompida. O serviço de pontes e açudes empregava muitos operarios piemontezes. Pagam-lhes menos, são sobrios e firmes no trabalho, mas andam sempre ás facadas. E, além disso, ninguem os conhece bem.

(Continúa no proximo numero)

Para qualquer festa ao ar livre, o CHRYSLER é uma friza de luxo que leva a gente a toda parte

Com um CHRYSLER a gente vê tudo e é visto...

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744-2407

ESPIRITO ALHEIO

PREVISÃO FEMININA...

A mulher (*visitando, com seu marido, o terreno onde projectam construir a casa*) — Escuta, querido... Onde te parece que ficará melhor o guarda-vestidos?... Aqui ou alli?...

O homem da porta. — Bom dia, vizinho! Eu móro aqui, no aposento ao lado, e venho pedir-lhe permissão para pendurar um quadrinho na ponta desse prego...

O carteiro. — Aqui lhe trago uma carta tarjada, amigo João.

João — Coitado!... E' de meu irmão... Conheço-a pela letra... Quem diria que ia morrer tão [illegible]

CASTIGO

O pae. — Bem! Vamos deixar de chôros! Ou vocês se calam, ou vão para dentro de casa... apanhar chuva!

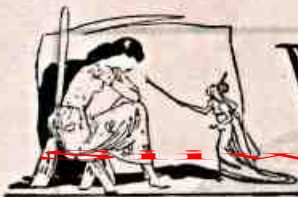
A dona da casa (*cuja cozinheira se atrazou no jantar, e procurando distrahir a visita, que é seu professor de musica*). — Que instrumento lhe agrada mais, senhor professor?

O professor. — A victrola da sala de jantar

O HOMEM de HOJE

É UM HOMEM DE ACÇÃO

Sempre, numa caminhada, se póde diminuir a fadiga. Para isto, não ha melhor meio que, acolchoar os passos, com Saltos de Borracha Goodyear.

GOOD YEAR

VARINHA DE CONDÃO

TRAJES DE GALA

Os salões de festa e os *foyers* dos theatros terão este inverno um brilho de que estavam ha muito privados... As *toilettes* femininas da noite tornam a ser, na verdade, dignas do ambiente e da hora em que surgem. Os vestidos de lamé, de bolero e saia curta, sempre redonda, têm sido desprezados.

Os trajes da noite são cada vez mais fantasistas e majestosos, as saias se alongam atraz ou dos lados, o tulle apparece cada dia melhor recebido; tulles de salpicos ou lisos, de côres escuras ou claras. Os tulles fantasistas, apresentam ora uns salpicos muito miudos em grupos, ora maiores e mais espaçados, ás vezes completamente chatos, outras formando grãos em relevo. Vêem-se tambem tulles bordados de pequenas flores prateadas ou ornados de *bouquets* delicadamente pintados e realçados ás vezes por um fio de metal.

A figura 1 é uma graciosa creação de Jean Magnin para a noite, em tulle azul sobre lamé oiro. Petalas de tulle encompridam a saia atraz, e uma écharpe que cahe airosamente, presa ao hombro esquerdo. E' um modelo encantador para mocinhas ou senhoras jovens, de typo delicado.

Os vestidos ditos "estylo", continuam em moda. Aconselhamos, porém, ás nossas leitoras certo cuidado ao se resolverem á escolha desses modelos, pois não assentam em qualquer pessoa. E' preciso que a mulher tenha um porte fidalgo, e não seja nem baixa e cheia de corpo, nem excessivamente magra e alta.

Damos na figura 2 um modelo muito *chic* de vestido estylo, tambem creação Jean Magnin. E' em taffetá negro com forro e debruns vermelhos. Este feitio presta-se mais para qualquer typo feminino, por ser seu comprimento disfarçado pela grande abertura da saia, na frente, deixando ver um *fourreau* curto cortado recto. Bordados argenteos acompanham os recortes do vestido.

O preto e o vermelho estão muito em moda mesmo para toilettes de noite. Chanel lançou com muito successo o vestido de renda vermelha. O setim branco tambem foi empregado por Chanel em algumas de suas grandes creações.

O setim e o crepe setim negros são considerados muito *chics*. Entram na composição de outro genero de *toilettes* para a noite, muito em voga: as colantes, completamente despidas de ornamentos, tendo como unico enfeite o corte requintado e caprichoso. Esse é o genero que deve ser preferido pelas senhoras um pouco cheias de corpo que têm interesse em alongar sua silhueta.

A figura 3 é uma creação de Martial et Armand, de um grande *chic*. Pode ser executado em setim ou crepe setim preto ou branco. Note-se a linha original do decote, cortado, e a magnifica simplicidade do talho.

IDÉAS DE MARGUY —

Pois que estamos sempre interessados por arranjos e transformações praticas que nos ajudem a tornar confortavel e moderno o nosso lar, eis uma idéa original de Marguy, que consiste em deixar vista sobre duas salas, embora condemnando a porta de communicação. Está claro que esse projecto só pode ser realizado em peças que tenham varias portas. Obteremos, assim, um grande espaço sobre um panno de parede, embora conservando uma perspectiva larga e harmoniosa. A ventilação das salas tambem ganha com esse arranjo, principalmente si algumas dellas fôr pouco favorecida sob esse ponto de vista.

Conforme se vê na figura, na sala do fundo, um movel, commoda, bahú, ou piano, é collocado deante da porta, cortando a communicação daquella com a sala do primeiro plano. As costas do movel servem, por assim dizer, de encosto a um divan que occupa na sala da frente o vão da mesma porta. Si as costas do movel não forem bastante novas e cuidadas, para poderem ficar visiveis, poder-se-á fixar nellas um painel de madeira leve, laqueado do mesmo modo que a madeira do sofá. Esse painel tambem pode ser substituido por uma fazenda franzida e adaptada ás costas do movel.

Um panneau de madeira e um

Fig. 1

Fig. 2

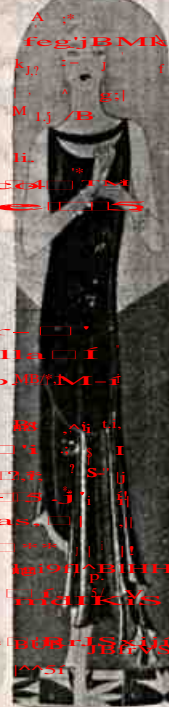



Fig. 3

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Navio	Data
Ruy Barbosa	18 Abril
Raul Soares	30 Abril
Cantuaria Guimarães.	15 Maio
Alte. Alexandrino	30 Maio
Cuyabá	15 Junho
Bagé	30 Junho
Ruy Barbosa	15 Julho
Raul Soares	30 Julho
Cantuaria Guimarães.	15 Agosto
Alte. Alexandrino	30 Agosto
Cuyabá	15 Set.
Bagé	30 Set.
Ruy Barbosa	15 Out.
Raul Soares	30 Out.

NORTE

Navio	Data
LINHA RIO — BELEM	
Pará	5 Abril
Pedro I	12 Abril
Alte. Jaceguay	19 Abril
Manáos	26 Abril
João Alfredo	3 Maio
Pará	10 Maio
Rodrigues Alves	17 Maio
Alte. Jaceguay	24 Maio
Manáos	31 Maio
Cte. Ripper	7 Junho
João Alfredo	14 Junho
Pará	21 Junho
Rodrigues Alves	28 Junho
LINHA MANÁOS — MONTEVIDEO	
Duque de Caxias	10 Abril
Cte. Ripper	25 Abril
Campos Salles	10 Maio
Affonso Penna	25 Maio
Maranguape	10 Junho
Duque de Caxias	25 Junho
LINHA SANTOS — BELEM	
Pedro I	13 Junho
Alte. Jaceguay	27 Junho
LINHA SANTOS — PENEDO	
Cte. Vasconcellos	30 Abril
Cte. Vasconcellos	30 Maio
Cte. Vasconcellos	30 Junho

SUL

Navio	Data
LINHA RIO — PORTO ALEGRE	
Cte. Capella	2 Abril
Cte. Ripper	9 Abril
Cte. Alcidio	18 Abril
Cte. Capella	25 Abril
Cte. Alvim	2 Maio
Cte. Alcidio	9 Maio
Cte. Capella	16 Maio
Cte. Alvim	23 Maio
Cte. Alcidio	30 Maio
Cte. Capella	6 Junho
Cte. Alvim	13 Junho
Cte. Alcidio	20 Junho
Cte. Capella	27 Junho
LINHA MANÁOS — MONTEVIDEO	
Baependy	11 Abril
Affonso Penna	26 Abril
Maranguape	11 Maio
Duque de Caxias	26 Maio
Baependy	11 Junho
Campos Salles	26 Junho
LINHA RIO — LAGUNA	
Asp. Nascimento	15 Abril
Asp. Nascimento	30 Abril
Asp. Nascimento	15 Maio
Asp. Nascimento	30 Maio
Asp. Nascimento	15 Junho
Asp. Nascimento	30 Junho

babado franzido occultam o varão e as argolas que sustentam duas metades de reposteiro corrediço. Essas cortinas formam moldura á vista da outra sala.

As toalhas modernas — Muitas vezes vê-se uma dona de casa no embaraço de não ter uma toalha de mesa que lhe sirva, quando augmenta o comprimento deste movel, afim de receber algumas pessoas para jantar ou almoçar.

A tendencia moderna de simplificação em tudo, tem intervindo tambem nesse detalhe dos arranjos caseiros, e a tendencia actual é de supprimir a toalha inteiriça, substituindo-a por varias toalhinhas collocadas nos logares de cada dois convivas, conforme se vê na figura 5. Assim é facil augmental-as ou diminuil-as, segundo o tamanho da mesa e o numero daquelles que a occupam.

Fig. 8

de camurça escura, Cinderella foi-se toda *chic* para o chá das Melindrosas. Lá chegada, ella não encontrou seu principe encantado, mas lobrigou o Esaú, muito jururú (arre, que até fez verso!), emquanto Melindrosa flirtava desmioladamente com o sympathico Jacob, todo derretido, embora ella não fosse "Miss Tijuca", pela qual, ao que nos parece, este ultimo tem o seu fraquinho.

Cinderella, como pouco dançou, ao inverso da do conto, viu, além do desconsolado Esaú e do lampeiro Jacob, que pensa estar sempre fazendo a esperteza do prato de lentilhas, outras coisas menos tristes do que o tragico espectaculo de uma ingrata, um traidor e um desesperado.

Eis o que, de memoria, Cinderella guardou, e em casa desenhou (pobre Cinderella, virou mesmo pochtisa!) para suas gentis leitoras:

Com esse systema não devem ser postos logares nas cabeceiras. Mas, si acharem que estes fazem muita falta, disponham as pequenas toalhas conforme se vê na figura 6.

Um jarro de flores e fructeiras ou pratos de doces frios podem ser artisticamente espalhados sobre a mesa, mas os pratos quentes serão servidos pelo criado,

Fig. 5

ou então tornar-se-ão necessarios umas esteiras ou protectores de metal cobertos com pequenos guardanapos bordados, afim de que não se estrague o verniz da mesa.

A figura 7 dá uma amostra de bordado com que poderão ornar essas toalhas modernas.

NOS CHÁS ELEGANTES — O chá da embaixada italiana em Petropolis, esteve de um brilho e animação extraordinarios. A pobre Cinderella ficára em casa chorando e sonhando com o principe encantado, quando surgiu a fada madrinha. Tudo isso se vê nas vinhetas que encabeçam a "Varinha de Condão".

Depois de trajar um vestido de crepe setim bordeaux com peito bois de rose ladeado de pequenos botões e casas condizentes e bordado de seda bordeaux mesclada de leve fio d'oiro, chapeuzinho cloche de soutache bordeaux, com sub-aba de feltro côr de rosa e copa com larga banda trabalhada de fita bois de rose, realçada de fios doirados e entretecida do mesmo soutache bordeaux, sapatos mordorés e bolsa condizente

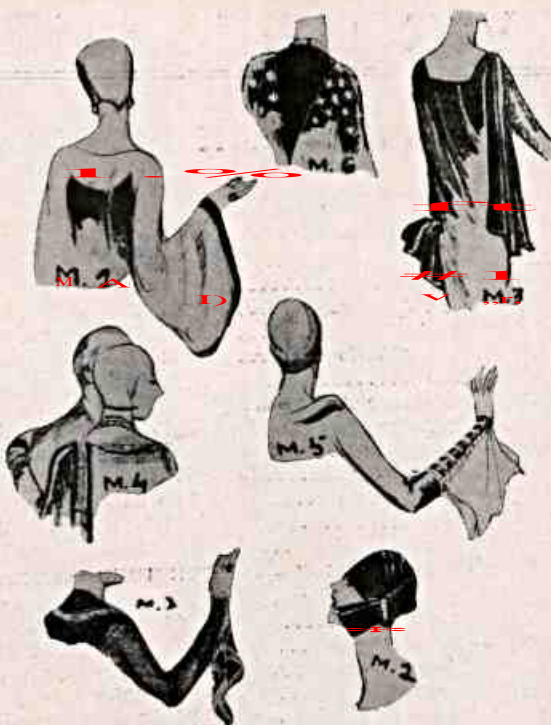



Figura 8 — Modelo 1 — Blusa de georgette branco e negro, com largas mangas voejantes.

Modelo 2 — Pequeno chapéo de feltro negro com faixa de gorgurão negro franzido, sobre a copa, no

Fig. 6

alto, e grande laço do mesmo tecido sobre o lado, arrematado por uma fivella prateada.

Modelo 3 — Vestido de setim azul-preto, com um laço de um lado terminando o apanhado da tunica, e écharpe cahindo do hombro do lado opposto.

Modelo 4 — Longa chatelaine de contas de crystal, dando a volta ao pescoço e recahindo em ponta sobre um hombro.

Modelo 5 — Pontas duplas de georgette branco pre-

Fig. 7

sas por tiras de setim preto muito justas no punho.

Modelo 6 — Corpo de vestido de setim preto bordado lateralmente de contas côr de rosa pallido, formando pequenas flores.

Modelo 7 — Franja doirada muito estreita, beirando originalmente o ornamento dos punhos e a golla de um vestido de crepe setim azul-rei. — CINDERELLA.

DISCOS E PHONOGRAPHOS

COLUMBIA VIVA-TONAL

Phonographos mechanicos e electricos **VIVA-TONAL**
Discos nacionaes e extrangeiros. As ultimas novidades populares e classicas

O DISCO SEM CHIADO

Á VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

Columbia Phonograph Company Inc. New York

Distribuidores Geraes:

BYINGTON & C^o.

Rua General Camara, 65

RIO DE JANEIRO

Vale a pena pensar:

"A mocidade é como o lotus: floresce apenas uma vez."

A mocidade é uma só - e esta mesmo póde ser abreviada pelos estragos da saude.

Defender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até á velhice.

A fonte perenne de conservação para o sexo feminino em todas as phases da vida é

"A SAUDE DA MULHER"

Favorece as Mocinhas,
porque normalisa o apparecimento das regras, tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.

Favorece as Senhoras,
porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.

Favorece as Senhoras mais edosas,
porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 15

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 13 de Abril de 1929.

COPACABANA

DEANTE dos meus olhos, uma photographia palpita...

Ao fundo, o mar, o deus que sabe despir as mulheres, de uma singular maneira.

Posando, tres garrulas meninas-moças, dessas creaturas que a gente não sabe si são botões ou rosas.

De uma nudez provocadora, ellas sorriem, brejeiramente.

Pensando no banho de mar, na monotonia das praias de ha dez annos passados, antevejo as praias do amanhã, e lamento não usar, agora, calças pelos joelhos...

Porque, sem duvida, estas meninas que tenho deante dos olhos, são as precursoras de uma éra dionysica, na qual deve ser uma delicia viver.

Corpos nús exhibirão a sua nudez pagã ao beijo do sol, na areia doirada das praias, sem a incommoda vigilancia da policia de costumes...

Costumes! Que coisa isto será, dentro em pouco?!

Já as nossas praias são a representação viva de que a sensibilidade do pudor feminino vae numa decadencia de se lastimar.

Estamos em pleno reinado do *maillot*, que desnuda as pernas e o collo, que desenha as curvas caprichosas do corpo.

O que não está á mostra, adivinha-se, sem grande esforço.

Debaixo de um céu lavado, sem nuvens, quando os raios solares cahem obliquamente, acariciando, Copacabana, por exemplo, é um admiravel cartão de apresentação dessa despreoccupada civilização que empolga o mundo.

Aqui e alli, a praia apparece pontilhada das côres berrantes dos *maillots*, movimentados no jogo de bolas, alçando-se ao sopapo das petecas, numa adoravel exhibição de acrobacia.

Se isto assim é lindo, força é estacar, não ir além, sob o sol dos tropicos...

A vivacidade da intelligencia da mulher brasileira deve comprehender a necessidade de uma parada no delirio da nudez.

O homem é um animal curioso, tão curioso que chega a despir as mulheres com o olhar...

Não se lhes facilite a tarefa, para que exista sempre, latente, a curiosidade do outro sexo.

O encanto reside no mysterio, e este, devemos penetral-o nas pontas dos pés, sem fazer bulha, afastando o rendilhado da fantasia, com dedos côr de rosa.

Desnudar é sempre desencantar, affirma um chronista brilhante.

Não, nem sempre.

Tudo se resume numa questão de esthesia artistica.

Ça depend...

A's vezes, o encanto está no saber desnudar, com vagares, pausada, descansadamente, pois a pressa é inimiga da perfeição...

Volto a olhar para a photographia das Tres Graças, e arrependo-me das irreverencias sahidas da minha penna, que passeia célere sobre o papel.

Copacabana é um verdadeiro paraiso artificial.

Si o feitiço está no ambiente, cada qual, porém, o sente de accôrdo com o seu temperamento.

A mim, embriaga-me, e quando deito a cabeça na areia da praia, é sempre para sonhar com a banhista de 1950...

MARIO POPPE

A PERFEIÇÃO NA MENTIRA

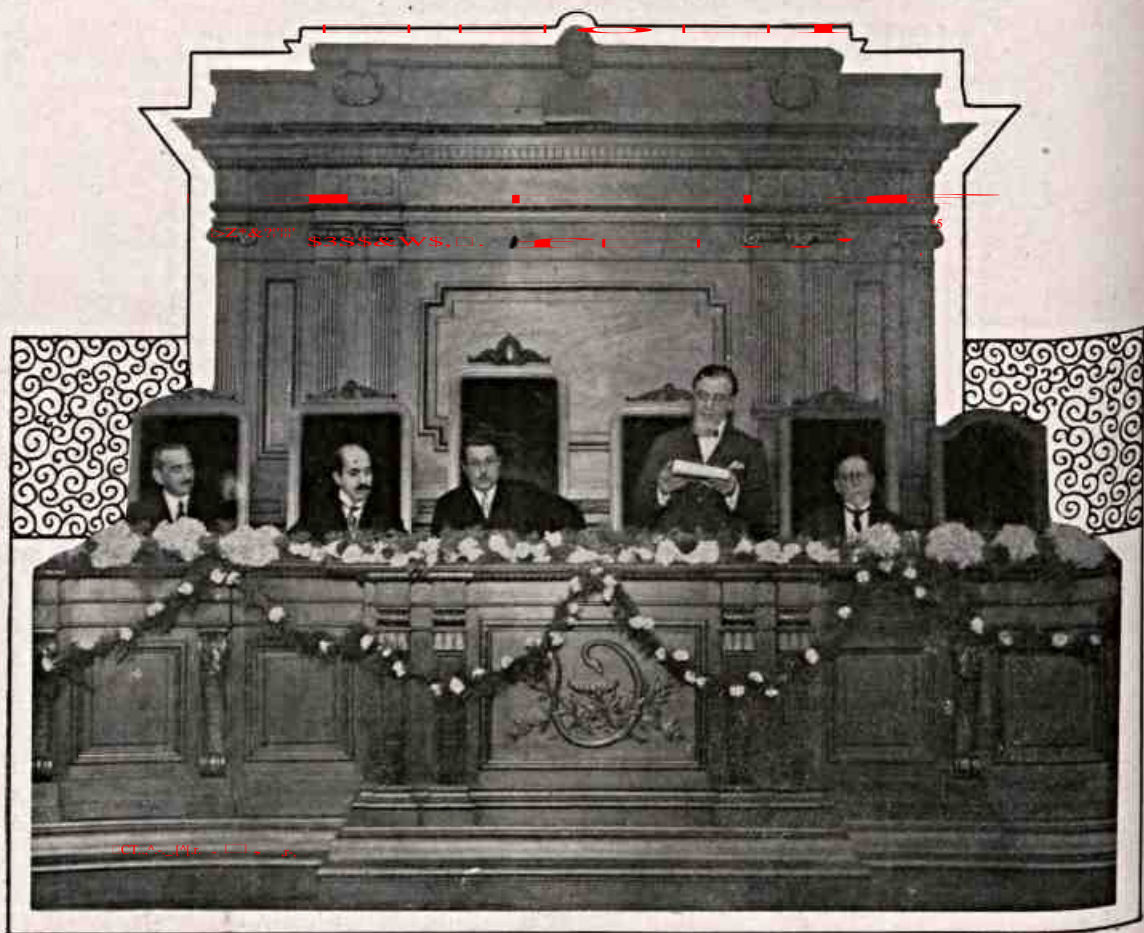
Minha doce amiga. Vejo que não comprehendeste o meu pensamento sobre a mentira das mulheres. Não me referi á mentira desajeitada e grosseira com que a mulher alimenta o furor ciumento do homem, creando-lhe suspeitas e duvidas martyrizantes para esmagal-o finalmente na verdade fatal. Não; essa mentira me horroriza e põe arrepios nos meus nervos. Eu quero a mentira intelligente, fina, espiritual e consoladora, tão amavel e bondosa, como as mentiras da arte, do sentimento e da crença. Quero que uma mulher me engane, mas nunca me deixe convencido de

— Para que mais? — pergunto seriamente.

— E o desvanecimento? — interpellarás tu.

Ora, eu estaria, sempre, a salvo de um desvanecimento, porque essa mulher um dia me estenderia a mão, e, sob habil pretexto, confessaria que já não me podia amar e me deixaria, embora triste e abatido, confortado por uma lembrança carinhosa e affavel.

Não é isso o que de melhor se póde desejar no amor? Não tendem todos os amores a desapparecer? Uns se transformam na rotina affectiva do casamento, que nada tem das paixões assoberbantes e soffregas; outros se transformam numa recordação amiga.

Não é preferivel, não é mais elegante mesmo a re-

A solennidade da abertura official dos cursos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro realizou-se ha dias, sob a presidencia do sr. ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, e com a presença do dr. Aloysio de Castro, director geral do Departamento Nacional do Ensino.

que fui enganado. Suave e requintado espirito feminino o que souber prodigalizar essa mentira! Não é preciso que eu seja amado: basta que eu julgue sel-o, para encontrar na vida um pouco de desabafo a todas as emoções que me acompanham. Encontrar a mulher capaz de dar-me essa illusão seria a felicidade para mim. Ella me diria palavras falsas e mentirosas; mas as diria, como se fossem sinceras e verdadeiras, aljofrando-me a alma de aragens meigas. Fingiria commovente dedicação por mim, havia de me escrever cartas longas e mentirosas, que me fariam muito bem, e de contar a todos que me amava. Eu me sentiria consolado, lisonjeado e feliz.

cordação? A minha repugnancia á vulgaridade diz que sim. E, entretanto, eu fui victima de uma mentira, accrescentarás tu, com essa pertinacia feminina que tanto me agrada. Victima, não, minha doce amiga; fui um privilegiado, um feliz contemplado pelo bafejo dessa abenefica mentira. Queres maior felicidade que a dos illudidos que nunca têm noticia do seu engano? Eu seria apenas um crente. A minha fé sentimental precisa dessas diversidades. Infelizmente, ainda não encontrei na vida tão bella creatura — a mulher que sabe mentir, a deusa bondosa da falsidade!

BRITO BROCA.

"JORNAL DO BRASIL"

COM a transcorrencia, a 10 do corrente, do 37º. anniversario da sua fundação, o *Jornal do Brasil* commemorou, mais uma vez, uma data gratissima á imprensa e á opinião brasileiras.

No já longo cyclo de sua fecunda, efficiente e brilhante actuação no meio nacional, o velho e autorizado orgão tem sabido impor-se á maior consideração e acatamento publicos, desenvolvendo um elevado programma de acção, sempre nobremente dirigido no sentido do bem publico, consultando os mais altos interesses da communhão brasileira.

Tendo presentemente á sua frente, a norteal-o, a dirigil-o, o espirito fulgurante, esclarecido e culto de uma das mais completas organizações jornalisticas do paiz, que é o dr. Barbosa Lima Sobrinho, o conceituado e tradicional diario carioca é, neste momento da vida nacional, um dos mais autorizados orgãos da opinião brasileira.

FON-FON, registrando, com a mais legitima satisfação, a passagem do 37º. anniversario do *Jornal do Brasil*, fal-o com profusão de alma, cumprimentando os brilhantes collegas, que nelle exercem sua intelligente actividade, na pessoa de seu illustre director, dr. Barbosa Lima Sobrinho.

INVERNO

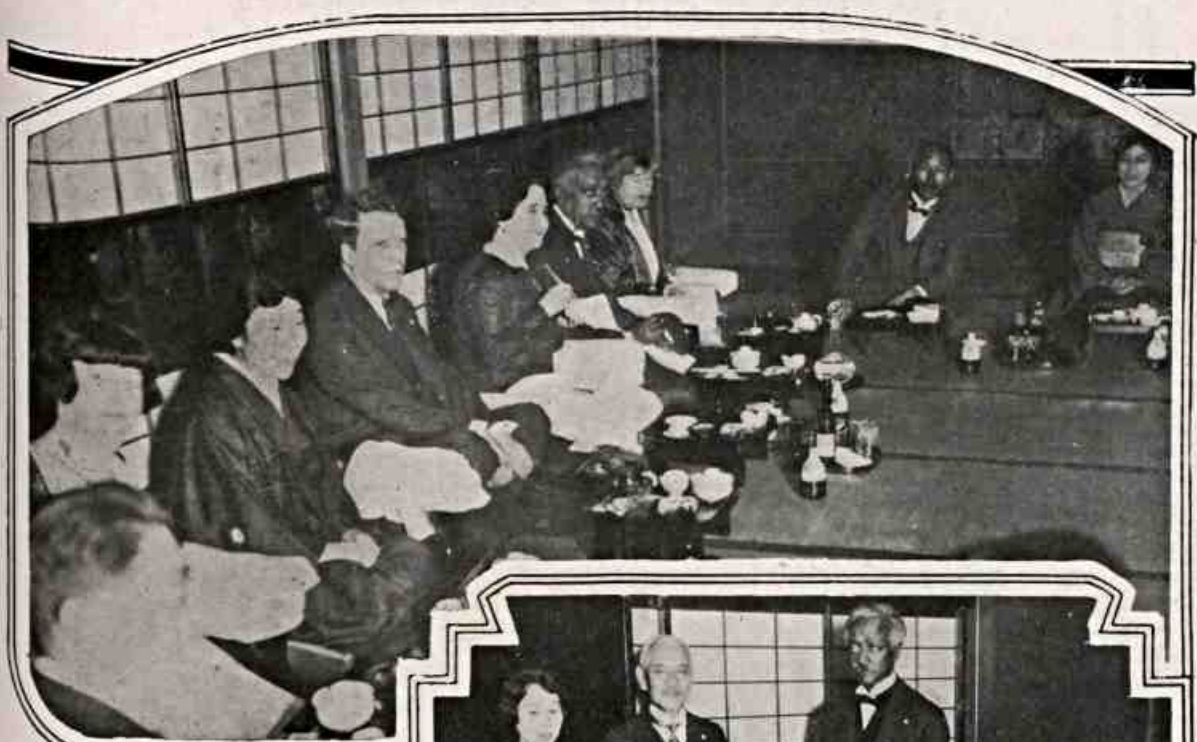
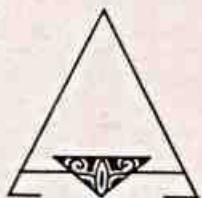
Parece que o inverno, este anno, vae chegar mais depressa do que se esperava.

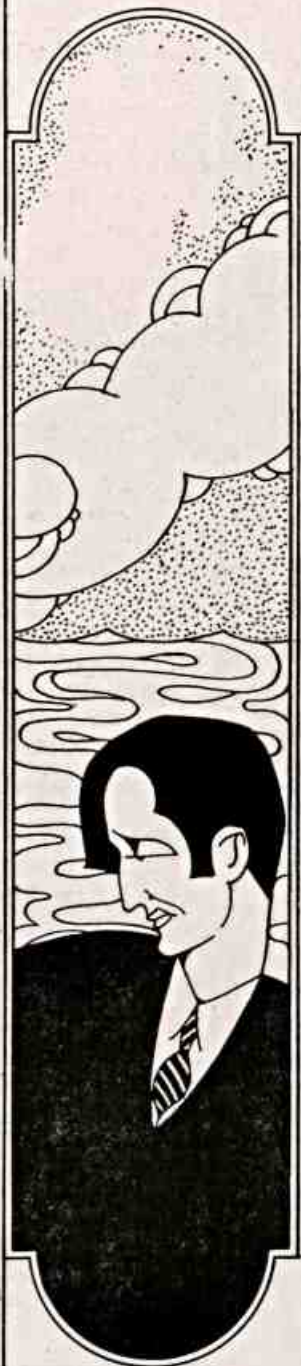
Março findou com dias nevoentos, dias molhados, e abril surgiu com pés de lãs, indicando temperatura em declinio.

Si de facto o inverno se dilatar, devemos crêr que Deus é brasileiro, que é até carioca...

Porque, cessando o calor, deverá igualmente diminuir o surto epidemico do mal amarello, ainda não debellado á vista da impotencia manifesta da hygiene official.

O carioca não acredita no Fraga, mas, crê em Deus...

"FON-FON" NO JAPÃO

O dr. Juliano Moreira, na sua recente visita ao Japão, foi alvo de homenagens que reflectiram as sympathias e a admiração dos japonezes pelo Brasil e seu illustre filho. Entre essas homenagens, devemos salientar a que se traduziu no jantar offerecido ao notavel psychiatra brasileiro pelo illustre diplomata nipponico sr. Shichita Tatsuke, ex-embaixador do Japão no Brasil, e no qual tomaram parte, além do offertante e sua distincta filha, o homenageado e sua exma. esposa, o embaixador do Brasil e sua exma. senhora, a viuva do ministro das Relações Exteriores Motono, o dr. Nuida, actual secretario da embaixada do Japão no Rio de Janeiro, e o sr. Akamatsu, ex-consul geral do Japão em S. Paulo, como documentam os dois flagrantes desta pagina.

A ultima lição...

O Mar já me ensinou tudo que tinha
a me ensinar.
Já não me assombra a vastidão marinha...
Mas, quando a Noite, aos poucos, se avizinha,
nos soturnos silencios de alto-mar,
e o marulho das ondas borborinha
em ladainha
á hora crepuscular,
minha vida parece menos minha,
meu coração parece menos meu...
O Mar não me ensinou tudo que tinha.
O invencivel tridente neptuneano
não tem cordas vibrantes
como a lyra de Orpheu...
Mas, ó Nereidas, ó Sereias, eu
olho o céo, olho o oceano,
perfiro ao Céo, divino, o mar-humano,
pois do Mar foi que, em seculos distantes,
a venúsea Belleza esplandeceu...

E vanidade...

1830...

... "Per le tue buone lanze, tutta la mia riconoscenza ed ammirazione. — Maria Claudia."

Dedicatoria de um livro lindo, de autor francez de renome.

E só.

* * *

Li-a, e fiquei a meditar no alto prestigio do sonho e da illusão. E ao lembrar-me que essa Maria Claudia era uma creatura romantica, neste seculo de trepidação e utilitarismo, disse de mim para mim: "Ah! está uma 1830!"

* * *

Um escriptor italiano já disse que o maior insulto que hoje se póde fazer a uma "jeune fille", (não fala das adolescentes, mas das jovens que timbram em ser tidas como modelo de virtudes...) é frisar, justamente, que ellas são puras e ingenuas, como as jovens do outro tempo... Dos bellos tempos de antanho.

Si dizemos: "Mademoiselle é uma creaturinha tola; é de beatificas intenções; é bôa, é pura, é de uma simplicidade infantil", é bem de vêr que ella se sentirá aggredida.

Que é uma "jeune fille" moderna?

É aquella que tem uma vida "chic", agitada, ultra-elegante.

Sportswoman, conhece todos os jogos de salão, como os de ar livre — "de la vie au grand air"... Dança, baila, declama, canta, toca piano (no minimo toca piano) promove festas de caridade, toma o seu apperitivo, como qualquer ingleza fria de Londres, ou mesmo de Calcutta; faz a vendeuse nos dias de collecta publica, que tem por symbolo esta ou aquella flôr; perpetra literatura, flirta e muitas vezes joga na Bolsa, enfrentando as surpresas das cotações, altas e baixas, dos titulos.

No capitulo flirt, ella é de uma malicia a toda prova. Flirta porque é elegante. O seu flirt não tem outra finalidade, senão a de demonstrar que ella é uma joven de espirito, uma mulher ultra-moderna, intelligente, capaz de desorientar um homem com as suas ruses e estratagemas.

O seu amor é uma flôr de artificio, perfumada a essencias finas de Caron. Ella passa. Passa pela multidão de basbaques, que a espreitam e cobiçam; e, o mais que concede, é que aspirem o raro perfume dessa flôr.

Si ás vezes revela ser algo innocente, é só porque já leu Lamartine; e sabe, com elle, que "a dóce innocencia é a mais infallivel das coquetterias..."

Intimamente, exclama com Barbusse: "Même dans le plus pur des amours on ne peut sortir de soi-même."

Terá razão? Ella póde não na ter; mas o escriptor italiano, que tão bem a descreve, parece ter acertado com a sua psychologia difficil.

* * *

Creio, portanto, que não será um bom elogio, para a senhorita Maria Claudia, dizer que a julgo um pouco 1830.

Mas, Deus do céo! Acaso ser differente das mulheres de hoje; ser uma creatura romantica, que ama a vida moderna, mas sabe sentir as coisas bellas da arte, e do sonho, não será uma felicidade rara?

O prazer de viver alguns momentos para as grandes idéas, para os extasis silenciosos do espirito, e das altas creações do pensamento, é, sem duvida, uma ventura ineffavel, que os deuses concedem apenas aos sêres privilegiados.

SOCIEDADE CARIOCA

Senhora Rocalia Camara, esposa do dr. Genesio Falcão Camara e figura de grande relevo na nossa alta sociedade.

RÊVERIE — De Yves — Sonho comtigo... Imagina que a hora é pallida como si fôsse desmaiar. E desmaia, na realidade. Desmaia no doce languor côr de malva e de rosa que banha o céo, neste declinio do dia.

Ah, minha amiga! Acaso a tua sensibilidade terá a delicadeza das pellucias? Poderás sentir no intimo toda a serenidade deste extasi — que é ficar deante das estatuas caladas de um jardim, vendo o sol fechar-se por traz das arvores como uma rosa de ouro e de sangue?

Imagina como não é doce e suave a pallidez desta hora... Imagina como não é repousante a doçura deste extasi, que parece possuir mãos de velludo e caricias de feminina ternura...

"Rêverie"...

Nada define melhor o meu enlevo, neste momento em que a tarde fica mais branca, para resaltar a pureza do céo — nada define melhor o meu enlevo do que esta embaladora palavra: "Rêverie..."

Mas por que este meu estado de alma? Por que este meu sonho de acordado, este sonho lindo em vigilia?

E' que penso em ti, minha amiga. Em ti, que és uma rosa branca, pura como as de Jericó, abertas ás tardes biblicas e mansas de Jerusalém...

A tarde agora é doce como um beijo dado na face ingenua do céo. Um beijo que fôsse agonizando, em surdina... Devagar... Docemente... Uma rosa que se desfolhasse em penumbras...

Percebes?

... E eu penso em ti! Penso nos teus olhos de sêda, nos teus cabellos curtos e crespos, na tua bocca cheia de arôma e de sangue.

Meu amor! Meu amor!

Pudesses pousar aqui, a meu lado, neste banco de pedra! Neste recanto paradisiaco de jardim...

As tuas mãos adormeceriam nas minhas. A tua cabeça inclinar-se-ia sobre o meu hombro. As tua face fina, macia e morna, perfumada como uma violeta branca, roçaria no meu rosto áspero e viril. Depois, os teus olhos se cerrariam, como sob uma vertigem bôa, lenta, pesada como uma embriaguez de perfumes.

E a tua bocca? E o cravo pentagonal da tua bocca?

Tu, de certo, advinharás a poesia desta hora, o enlevo desta "rêverie", a embriaguez deste sonho...

Meu amor! Meu amor!

Uma dama de escol, numa «pose» elegante.

NOCTURNO — O luar é triste. Elle sóbe, no céu limpo, de azul profundo, por traz de uma arvore larga, cuja sombra se alonga sobre a calçada. No chão, rolam folhas mortas. O vento fóge, sobre as suas azas invisiveis. E' brando. Ciciante. A rua deserta, ladeada de renques escuros de arvores, de oitys luzentes e ramalhudos, acorda, de quando em quando, á passagem veloz de um auto, ou aos passos retardatarios de um transeunte.

Depois, recáe na sua solidão.

E o luar?

Não ha nada mais suggestivo, n'uma noite calada, do que a melancolia da lua. Porque é uma melancolia feita de todos os sentimentos subtis; participa de todas as melancolias; e a propria luz que escorre sobre a terra parece uma ternura que é mixto de sonho e de perfume...

... Vou caminhando, quasi sem destino. A's vezes vamos pelas ruas. — as ruas que adormecem, — como si fôsse a nossa alma que caminhasse, e não o nosso corpo.

As coisas que nos cercam parece que se revestem de um aveludamento claro; embellezam-se de suavidade; adquirem fórmas fantasticas que tentam a imaginação para as concepções mais lindas e bizarras.

Por isso eu gosto das noites de luar. E, nessa noite, em que as ruas estão caladas, os jardins são pensativos como as suas arvores, as suas flôres, e as estatuas são brancas, brancas como si fossem feitas de camelias, brancas desafiam a neve, com a pureza dos seus marmores — nessa noite de ballada e contos, eu me deixo levar cheio de emoções e de anseios, de desejos e aspirações impossiveis.

De repente, rompe do fundo de um pomar a voz ferida de um violino que desperta.

Oh! como chora esse violino!

Sob o luar, um luar branco e fantasmal, como esse, só ha uma emoção que se parece com elle: é a dolencia de um violino que chóra, alongando os seus soluços dolorosos.

Como costumo associar ás coisas bellas a tua lembrança e a tua saudade, eu me recordo de ti, de ti, querida morena de perfil de turca e olhos scismativos...

E emquanto o luar caminha pelo céo, como um sonho vago da noite, um sonho perdido entre as estrellas virgens, e o violino chora a sua ballada ro-

mantica, eu digo para mim mesmo a desolação de um poema.

E as palavras cantam na minha memoria, num tom grave de cantochão...

Para que no estuvieras triste...
puse esperanza en mi canción
y dije en decir mi corazón
cosas que nunca me creíste.

De ti apiadada me escuchabas
y sin consuelo sonreías.
¡Oh, tú, que todo perdonabas
porque todo lo comprendías!

Mi corazón fué dulce y fuerte.
Para una voz que no tengo hoy.
Para ser digno de quererte
yo fuí mejor de lo que soy.

Si me arrodillo a recordarte,
pienso que clama mi egoísmo,
y me averguenzo de llorarte
pues tal vez lloro por mí mismo.

Dulce maestra de bondad
y camarada de pureza.
Te reemplazó la soledad.
Te substituye la tristeza...

FARPAS — O correio me trouxe um exemplar do Fon-Fon. Ora, o presente da nossa revista, feito a qualquer um de nós, é o mesmo que chover no molhado.

Foi, por isso, com uma certa surpresa que recebi o exemplar do nosso semanario.

Abri-o com curiosidade.

Folheei-o, com vagar, no interesse de descobrir algo que fizesse luz sobre o caso. O caso daquella remessa postal.

Mas nada. Nada de novo.

Já estava disposto a abandonar a revista, sobre a minha banca de trabalho, quando se me deparou esta exclamação, á margem da minha secção *Fvanidade*: "Hélas!..." Esse *hélas* era traçado por mulher. Certamente. Letra fina, doce, revelando um temperamento velhaco, gente maliciosa e matreira.

Assignalava, ou melhor, devia referir-se a um trecho da secção.

Quem o escreveu, não póde ser uma creatura intelligente. Não teve, nem sequer, a clareza de espirito necessaria para fazer notar que a tal exclamação, na lingua de Hugo, se relacionava com o paragrapho do commentario feito — que era o seguinte:

"Esse dialogo é commum pelo telephone.

A's vezes, a voz é dessas que embalam como uma berceuse. No emtanto, quando se vae vêr a creatura que a possúe, a decepção é dolorosa...

Ha dias, alguem me falou ao telephone. Discorrendo sobre arte, sobre as cousas bellas da vida, a alma de mulher que a possuia me dava a impressão de ser uma creatura divina."

Por que, afinal, o *hélas!*

Mais adeante, a commentadora, frisou outros periodos. Um delles era este:

"De longe, ella nos encanta e seduz, como o mysterio que representa: de perto, dá-nos a vêr o erro em que cahiramos: ella nada tem de encantar, nem o que observar ou aprofundar."

Uma citação, que foi de Julio Dantas, tambem mereceu o commentario da anonyma. A citação a que me refiro é o verso da *Ceia dos Cardeaes*: "A conquista é quasi tudo, o resto é quasi nada..."

Emfim, a "illustre desconhecida" acaba frisando o trecho final da minha chroniqueta "Bom humor":

"Mas a verdade é que não tenho amores. E nem soffro. Nem penso nisso. E até devo accrescentar que não acordei com a alma contundida: acordei muito satisfeito. Muito alegre. Muito cheio de enthusiasmo pela vida..."

Ora, de tudo isso deprehendi, apenas, que a incognita, autora dessa obra-prima (?) não é, evidentemente, uma joven, nem bonita.

Todos esses subterfugios indicam a preoccupação de esquivança, em que ella se mantem. Porque, vamos e venhamos, uma mulher bonita não tem medo de se fazer conhecer. E' corajosa. E' da estirpe daquellas que figuraram no concurso de belleza e se exhibiram em um *stadium*, aos olhos da multidão inclemente.

E' que ellas sabem confiar na propria graça, nos encantos da sua mocidade, no esplendor da sua personalidade attrahente e privilegiada pelos deuses.

A de preto:
— Finjamos que não lhes damos importancia...

A que recorre ao subterfugio, ao trote insipido, e appella para as "convenções sociaes", os "rigidos principios da moral", e a "conducta inflexivel de uma "jeune fille" — tenham cuidado com ella: está prestes a entrar para o Jardim Zoologico... Si é que não fugiu de lá...

OS HOMENS... AS MULHERES... — Ella parecia uma figura de Greuze. Disse com uma certa melancolia na voz:

— Ah! que bom, a gente saber escrever! Como eu gostaria de ser, poetisa, de ser uma literata! E' tão bonito, não é?

— Mas...

— Não me contrarie. O sr. sabe disso. Está certo de que é uma felicidade.

— Felicidade?

— Pois não é, meu amigo? Então, o sr. deseja mais do que essa nuvem de incenso em que vivem os intellectuaes? São admirados. São apontados. Si chegam a um salão, logo os cerca a sympathia ambiente. Toda as attenções se voltam para elles. Mesmo os que fingem não os conhecer, se preoccupam com a sua pessoa. O seu prestigio lhes faz mal. E quantas vezes não subjugam o burguez, o homem de dinheiro, que ali fica apagado.

Ah! escrever bem, com elegancia — que maravilha! que encanto! que felicidade!

— Illusão!

— Illusão? Ora, doutor, deixe-se de modestia. O sr. não é o homem modesto que simula. O sr. é excessivamente vaidoso, como os outros. E' a sua vaidade que o obriga a se tornar displicente, alheiado, discreto e reservado,

como si não comprehendesse que é um escriptor, um poeta, um homem de espirito...

Uma pausa. E com uma tristeza infantil:

— O sr. diz: "Ser bella e moça como é, senhorita, é passar pela vida como uma estrella pelo céo: luminosamente..."

Pois creia que daria toda a minha belleza, a minha luminosidade para ser uma escriptora de merito. E' só o que não se consegue na vida, por dinheiro nenhum: o esplendor do espirito.

Ri-me.

— Ingenuidade, minha amiga. Eu colloco o dinheiro acima de todas as coisas da vida, porque só elle é que fala eloquentemente á mulher.

— Que sacrilegio! Isso é negar a nós outras uma capacidade mais alta de comprehensão, o sentido do julgamento, o espirito de justiça e a noção dos valores intrinsecos. As mulheres se podem nivelar pela apparencia, pelas exterioridades, pela *toilette*, isto é, pelo figurino; mas nunca pelo cerebro.

Pensei commigo, silenciosamente: "Cerebro! Cerebro de mulher! Que aberração!" E logo retruquei:

— E' claro que em todo argumento as excepções figuram, implicitamente. O conceito é de Calino. As mulheres tambem fazem excepções, nesse particular.

— E quaes são?

— As que têm cerebro, e não pensam em nada; e as que só pensam nesta trilogia da época: o "flirt", o cinema e a dança, os quaes, sommados, dão sempre este resultado: dinheiro.

Ella disse apenas:

— O sr. é satanico.

E saiu cantarolando:

Sou da Fuzarca
não nego não...

GRAND-GUIGNOL — Dr. Yves — O homem era feroz. Não admittia pilherias com elle, nem tolerava que a mulher o enganasse no menor detalhe da sua vida.

Si ella sahia a passeio, que lh'o dissesse antes. Ia ao cinema? Elle queria que ella o prevenisse:

— Marido, vou vêr hoje a Pola Negri no "Beijo de chammas".

— Vá, mulher, vá direitinho...

Afinal, o homem não era de brincadeiras. Em casa, os criados o chamavam o — "Satanaz". O seu nome, porém, era Anastacio, o commendador Anastacio das Flechas.

Na vizinhança toda gente sabia que elle era um pavor de ferocidade. Chegava-se mesmo a affirmar que batia na esposa e, quando os criados não andavam direito, eram egualmente espancados.

Por isso causava admiração, que madame Flechas fôsse leviana... Seria possivel? Com aquelle marido feroz?

Erro de psychologia. Puro engano! O fructo prohibido é sempre o mais cobiçado. Si o commendador fôsse menos severo, e não a humilhasse com aquella vigilancia irritante, talvez ella não se sentisse tentada a ludibriar o marido.

A mulher, para ser fiel, necessita de duas coisas capitaes: confiança e uma meia liberdade. Mas o commendador Anastacio era intransigente, nesse ponto.

Dahi, o facto della o enganar. Mas como? Si não sahia de casa?

O plano era intelligente.

Ella dizia ao cavalleiro do seu ideal, o cavalleiro andante do seu sonho:

— Disfarça-te em polaco de prestação, e vem cá trazer-me uns tecidos para eu comprar.

— Bôa idéa! Eu mesmo queria offerecer-te tres vestidos, um "manteau" e um chapéu da moda.

— Pois, nesse caso, aproveite a occasião...

Essa táctica era desenvolvida pelo telephone. Dias depois, lá apparecia o felizardo com os presentes promettidos.

E' claro que a entrada em casa do commendador Anastacio era uma coisa facilima. Era sópa — como se diz na gyria.

Um bello dia, o nosso heroe — o tolo do marido — encontrou Madame Flechas em soluços:

— Que é isso, amorzinho?

Chorando por um olho e rindo pelo outro, ella o tomou pela aba do casaco, e levou-o até o gabinete de vestir. Abriu o guarda-vestidos e soluçou com estrondo:

— Uái!... uái!... uái!... Sou

uma desgraçada!... Vê, marido, comprei tudo isso que ahi vês a um polaco da prestação; e, agora, não tenho dinheiro para pagar a entrada. Elle me ameaça de um escandalo, si me não tomar as compras: tres vestidos de crêpe da China, um "manteau" e um chapéu. Que pena, não é?

E berrava: — Uái!... uái!... uái!...

O commendador, carinhoso, abraçou-a, longamente, beijou-lhe a testa, e declarou:

— Não te incommodes. Em quanto importa tudo isso?

E ella, chorando por um olho, e rindo pelo outro:

— Em dois contos de réis!... Uái! Uái! Uái!

— Não chores! Não chores, querida!

Abriu a carteira e entregou-lhe o dinheiro reclamado. Pulando de contente, madame deu-lhe dois longos beijos nos parietaes, e foi guardar os dois contos...

EIS um lindo vestido de baile, que Miss Fay Harcourt ostenta com garbo e elegancia. E' uma «toilette» de tulle verde. Modelo Jean Patou.

(Photo Luigi Diaz — Paris — Especial para FON-FON)

LANTERNAS DE PAPEL

LADAINHA DA LUZ

A FOGUEIRA

Bemdito sejas tu, ó Agni, espirito ardente que queimas os sarmentos das vides e os toros de lenha! Fôste tu quem sal os primeiros homens do Inverno, das Trevas e da Ferocidade, aquecendo as suas cavernas sombrias e humidas, illuminando as suas longas noites solitarias e afugentando a ronda sinistra dos lobos, dos leopardos, das pantheras e dos leões. Fôste tu quem lhes deu os primeiros alimentos, a primeira canôa no tronco queimado e a primeira forja para fundir os metaes.

Berço da civilização, ó Agni, sê bemdito!

O ARCHOTE

Salvé, fanal que esclareceste o negrume dos vetustos subterraneos e a confusão nocturna dos primitivos acampamentos! Salvé, facho que aclaraste do alto das penhas o desembarque dos antigos aventureiros e traficantes nas praias ignotas! Salvé, tocha de gravetos e resinas que incendiaste as paliçadas inimigas e permittiste aos guerreiros os assaltos nas horas da obscuridade! Salvé, almenara e phalárica, arma de guerra e lume de paz, clarão de regosijo e chamma de soccorro, vermelho como o sangue e crepitante como as risadas!

A CANDEIA

Deus te abençôe, signal humilde da adoração e da utilidade! Tua chamma debil illuminou os sacrarios mysteriosos no fundo obscuro das naves dos templos e clareou as viellas esconsas das cidades de antanho. Queimaste lentamente no gabinete dos sabios e na cellula dos monges, testemunha do estudo e da oração. O teu azeite vinha dos bichos do mar e foi grande como o mar a tua discreta contribuição para o progresso humano.

Deus te abençôe, candeia util e triste!

A VELA

Branca de Neve dos salões fidalgos, avé, bugia encastoada nos candelabros de prata floreiada e nos grandes lustres de crystal e bronze. A mão dos lacaios passeou-te pelos corredores ricos dos palacios ducaes e esplendeste nos salões das côrtes, derramando o teu brilho sobre o decote das mulheres e os bordados dos fardões. Luis XIV sorriu-te nas festividades de Versalhes e guiaste os amantes de passos silenciosos ás alcovas das fidalgas gentis...

Ainda hoje queimas deante dos altares. Avé, aristocrata das luminarias!

O BICO DE GAZ

Mataste o azeite de peixe e a estearina e, antes de morrer ás mãos da electricidade, em ti os escriptores sem previsão symbolizaram o progresso. Frequentaste os salões e os templos, mas o teu cheiro e o teu silvo fizeram sempre de ti o novo-rico da illuminação. Indiscreto! Apeado do teu prestigio que durou pouco, és agora o signal da pobreza e do atrazo: vegetas nos fogões das cosinheiras, nas escadarias torcicollosas das casas de commodos e nos lobregos becos de segunda ordem.

Mas pelo que representas do esforço humano para a luz, eu te saúdo!

A LAMPADA ELECTRICA

Abençoada sejas, ó divina claridade festiva das cidades modernas, produzida pela mesma força mysteriosa que move os tramways e as machinas industriaes. Não tens azeite nem cheiro e nem rumor. Ardes silenciosamente como tudo o que é grande. E por ti a humanidade fez da noite um dia esplendoroso. Projectas no cimo dos arranha-céos as côres luminosas dos annuncios e na tela das salas de espectaculo os encantos da cinematographia. Toda a grandeza do homem vive e queima em ti.

Abençoada sejas, ó divina!

A LUZ DIFFUSA

Dia virá em que o homem não terá mais inveja do sol. Sua sciencia creará nas alturas a luz que queime e esclareça sem dynamos e sem fios. E, nas salas dos museus, a par do bico de gaz, da vela de espermacete, da candeia de azeite, do archote de resina e da fogueira de gravetos, se alinhará a lampada electrica como uma reliquia do passado.

E os homens inconstantes que adorarão a luz diffusa sorrirão, ingratos, dos apparelhos usados para illuminar as idades mortas...

Eu te adoro antes de vires, ó luz do Futuro!

Claudio França

O BRASIL EM HAVANA

O ministro Frederico Castello Branco Clark, que acaba de ser nomeado para a legação do Brasil em Havana, é uma das affirmações mais brilhantes da nossa diplomacia moça. Ingressado na «carrière» no aureo periodo da chancellaria Rio Branco, não tem feito senão justificar as esperanças que nelle depositava o grande brasileiro e que se confirmaram através dos altos e delicados postos que o governo lhe confiou. Encarregado de negocios no Chile e no Perú, secretario de legação em Buenos Aires, encarregado de negocios em Paris, ministro junto á Liga das Nações (onde occupou o alto cargo de membro do Conselho em substituição dos drs. Domicio da Gama e Gastão da Cunha), enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em La Paz, em toda parte se houve o brilhante diplomata com intelligencia, habilidade e dedicação, figurando na sua larga folha de serviços ao Brasil, entre outros, a sua collaboração na importante questão dos navios ex-allemães e o assentamento das bases para a conclusão do nosso tratado ferroviario e de limites com a Bolivia. Em Havana, o ministro Clark continuará, sem duvida, a sua brilhante trajectoria diplomatica, prestando ao Brasil novos, efficientes e magnificos serviços.

REVERBEROS

Eu sempre senti uma grande attracção pelas vitrinas. Não por ellas, em si, nem pela linda confusão de coisas e de côres que brilha detraz das vidraças illuminadas. Mas porque, deante dellas, as almas despreoccupadas se abrem como livros de leitura facil, e ás vezes a gente lê paginas bem interessantes.

Naquelle esfarrapado e abatido rapaz que se demorára na admiração de uma gravata bonita, eu vi, num instante, toda uma alluvião de cobiça por essa porção de coisas necessarias para se entrar num salão brilhante, e apanhar uma dessas flôres finas que nelles vivem como em estufas, e com ella girar, girar, como em delirio, uma valsa eterna...

Depois meus olhos acompanharam, deslumbrados, uma outra alma que por alli passára, envolvida num corpo esguio com longos cabellos de ouro, e que na vitrina vira apenas, e com elles se enlevára, dois bonequinhos de panno que, em saltos desengonçados, dançavam uma dança impossivel...

A senhora Amaral Nogueira, festejando, sexta-feira penultima, a data natalicia de seu esposo, o dr. Antonio do Amaral Nogueira, reuniu, á noite, em sua elegante vivenda, na Tijuca, varios casaes amigos, para o encanto de algumas horas de alegria e de amavel «cauzerie», num ambiente de seductora intimidade. Algumas horas que decorreram vertiginosamente, como tudo o que nos delicia e nos deixa saudade... Dançou-se. Bebeu-se á saude do anniversariante, que ouviu, resignado, alguns discursos e alguns versos, proferidos e declamados pelos nossos brilhantes confrades Povina Cavalcanti e C. de Paula Barros, e pelo dr. José Eusebio Filho, que fez séria concorrencia aos dois apreciados e illustres escriptores...

REVERBEROS

Cidade do trabalho! E' assim que todos chamam S. Paulo. Diz-se ás vezes isso, e não se diz mais nada, como se, com uma só pincelada, se pudesse colorir uma tela inteira, e nella espalhar um formigamento humano, abafando desejos e ambições sob o pó e o fumo.

Entretanto, para além de onde se levantam as chaminés fumarentas e a musica infernal dos malhos e das machinas, emergem, de bosques e jardins, como flores immensas de ouro e marmore, os palacios dos ricos. Por que não se chamaria, então, a Cidade da Riqueza?

E além disso: depois do suor das fabricas e da fadiga dos escriptorios, a multidão que produz se derrama nas ruas, envolvendo a cidade com seu sorriso immenso, unanime, feliz, que á noite invade os theatros e os "bars", os cinemas e os "cabarets". Não poderia, portanto, chamar-se tambem a Cidade da Alegria?

E ha tempos em que o céu se empana, o sol deixa de brilhar, as estrellas não luzem mais e em que desce sobre tudo uma humidade muito branca e muito fina, que o paulista se orgulha, sem saber por que. E assim, poderia igualmente chamar-se a Cidade da Garôa.

Mas outros tempos ha, como estes que passam, em que tudo desapparece — o cansaço e os folguedos, a alegria ruidosa e as sombrias tristezas — para dar logar a um pensamento só, que é o de fazer o bem. Como as outras que se fizeram, a Semana da Santa Casa, que ora se realiza, é empolgante e grandiosa. Parece que o coração inteiro de um gigante se abriu, para mostrar a alma que encerra, alma muito singela e quasi bonacheirã, mas feita só de piedade e bondade. Por isso, São Paulo poderia chamar-se, tambem, a Cidade do Amor.

* * *

«Miss Rio de Janeiro» (senhorita Olga Bergamini de Sá), quando visitava a sua galante collega «Miss Fluminense» (senhorita Marietta Relvas), a cujo lado apparece.

«Miss Bahia» (senhorita Nair Pedreira de Freitas), ao desembarcar nesta capital, sabbado á noite, procedente de seu Estado. Ladeando-a, estão membros da colonia bahiana, jornalistas e familias amigas.

LINDO, sob todos os aspectos, foi o baile que o Arpoador Club offereceu ás «Misses» Ipanema e Leblon, na semana ultima. As homenageadas apparecem no centro da photographia.

BEIXOS

Na descrença innominavel que me atormentava, instante a instante, esta existencia solitaria e triste, eu as[illegible]. Sem um gesto, sem uma palavra, ao lento des[illegible] do funeral de meus sonhos... E já me via con[illegible]mnado, ao odio talvez, talvez ao esquecimento, porque, sem amor, sem fé, eu não vivia mais senão a propria morte... a morte que é a renuncia prolongada ao infinito, a resignação total...

Mas, — ou porque eu o merecesse, ou porque exista o Deus em que me fizeste crêr, — vieste, sorrindo, para o meu destino, transmudando em dilucuio esplendente toda a treva de horror e soffrimento em que meu sêr se debatia e meu ideal agonizava...

Benedicite!

UM outro aspecto do baile offerecido ás «Misses» Ipanema e Leblon, na noite em que foram homenageadas no Arpoador Club.

:: PAINEL DE AZULEJOS ::

NARIZES E NARIZES

Mettamos o nariz em assumpto de narizes, embora com o receio de que nos aconteça o que sóe acontecer aos que mettem o nariz onde não são chamados...

Dizem os rhinologos que o nariz ponteagudo indica máu caracter; o grande e fino, perfidia; o grosso e redondo, bravura; o longo e curvo, o instincto da rapacidade... Cuidado com os narizes!... Felizmente, os que têm pequena elevação no meio denotam bom senso, criterio e valor.

Os narizes dos genios são grandes com grandes orificios. Os aquilinos demonstram os temperamentos passionaes e autoritarios. São os narizes de Cyro, Constantino, Dante, Condé, Luis XIV e Napoleão.

A ponta do nariz dos bebedos é, desde que o mundo é mundo, rubra e atomatada... Os pêlos abundantes no nariz são signaes de simplicidade e bom coração. Cita-se até o aphorisma italiano: Uomo buono — naso peloso

Dizia o grande pintor Horacio Vernet que o nariz é o orgão mais importante da architectura humana. Para os occultistas, elle é a janella do corpo astral. Por elle o duplo respira e se alimenta.

Ha narizes escandalosos e horriveis que chamam a attenção na rua e merecem epigrammas como aquelle do grande poeta sarcastico portuguez:

Nariz, nariz e continua,
nariz que posto entre o sol e a lua
faria eclypse total...

Como a moral, a opinião a respeito dos narizes varia conforme a latitude. Na Tartaria, a belleza da mulher é calculada pelo tamanho do nariz: quanto maior, mais bella... No Japão, onde os narizes são chatos, acham-se lindos os salientes e recurvos. Na propria arte, cotejando-se as estatuas gregas, os retratos de Holbein, os quadros de Rafael e de Ticiano se vê como muda com o tempo o conceito esthetico dos narizes. Os das mulheres estão fóra de apreciação depois que a cirurgia plastica — os institutos de belleza fazem com elles o que querem...

A MUSICA DA LINGUAGEM

"A identidade simples do phenomeno auditivo é o som; a sua identidade complexa é a harmonia, produzindo a palavra, a glottologia, o canto e a musica. Ora, a Glottologia e a Musica são collateraes do som e uma não pode abstrahir da outra, porque ambas consistem, "physicamente na arte de combinar os sons entre si, debaixo de certas fórmas e em certas condições", sendo a Linguagem para traduzir idéas e pensamentos, e a Musica para exprimir sentimentos e paixões.

Sendo assim, na linguagem como na musica, nós não podemos despresar os principios de acusticas vas composições a que sujeitamos o som, quer isoladamente, como phonema, quer em grupamentos, como palavras e frases no seio do periodo grammatical, attendendo á frequencia e ao periodo, que nos permittem comprehender a intensidade, a altura e o timbre, por onde temos o seu entendimento.

Assim como um trecho musical existe um periodo, e frases, com os respectivos membros, sujeitos aos principios do rythmo, da melodia e da harmonia, temos na oração esses mesmos elementos constitutivos da musica da frase, que obedece ao rythmo e á melodia.

....

A linguagem tem o que se denomina em physica um momento reagente, para restabelecer a sequencia, o periodo do som. A toda acção corresponde uma reacção, e as frases que se agglomeram tendem a isolar-se: é nesse momento reagente que se vêm pôr os pronomes, como semi-tons, restauradores da melodia na oração."

ELIAS MALLMANN

LETRAS JURIDICAS

O dr. Hernani de Barros Camara é o autor do livro «A Santa Sé em Direito Internacional», interessante obra juridica sobre a Questão Romana e que tem, por isso mesmo, e porque é bem escripta, alcançado magnifico successo de livraria. O dr. Barros Camara é um advogado moço e de talento, de quem o Brasil muito póde esperar.

RAYMUNDO Menezes, que, ainda ha pouco, concluiu, com brilho, o curso de direito na Faculdade do Ceará, é um nome em evidencia nos circulos intellectuaes de sua terra. O joven escriptor cearense vae empregar sua intelligente actividade em S. Paulo, para onde seguiu em dias desta semana.

A ANECDOTA GREGA

A princeza Mathilde da Grecia passava todas as manhãs por uma ponte onde fazia ponto um cego que pedia esmola. Da primeira vez, elle lhe disse:

— Bella e caridosa senhora, tende compaixão deste pobre cégo!

Ella olhou o desgraçado que se acocorava á entrada da ponte e, com o seu caxorro immovel do lado, estendia uma bandeijinha aos transeuntes. Deu-lhe uma moeda de prata e seguio seu caminho. E todas as vezes que por alli se dirigia no seu passeio matinal lhe dava a mesma quantia.

Certa manhã, por acaso caminhava pelo passeio opposto quando ouvio a voz do mendigo:

— A senhora esquece-se hoje do seu pobre cégo!...

Surpresa, a princeza delle se approximou e indagou:

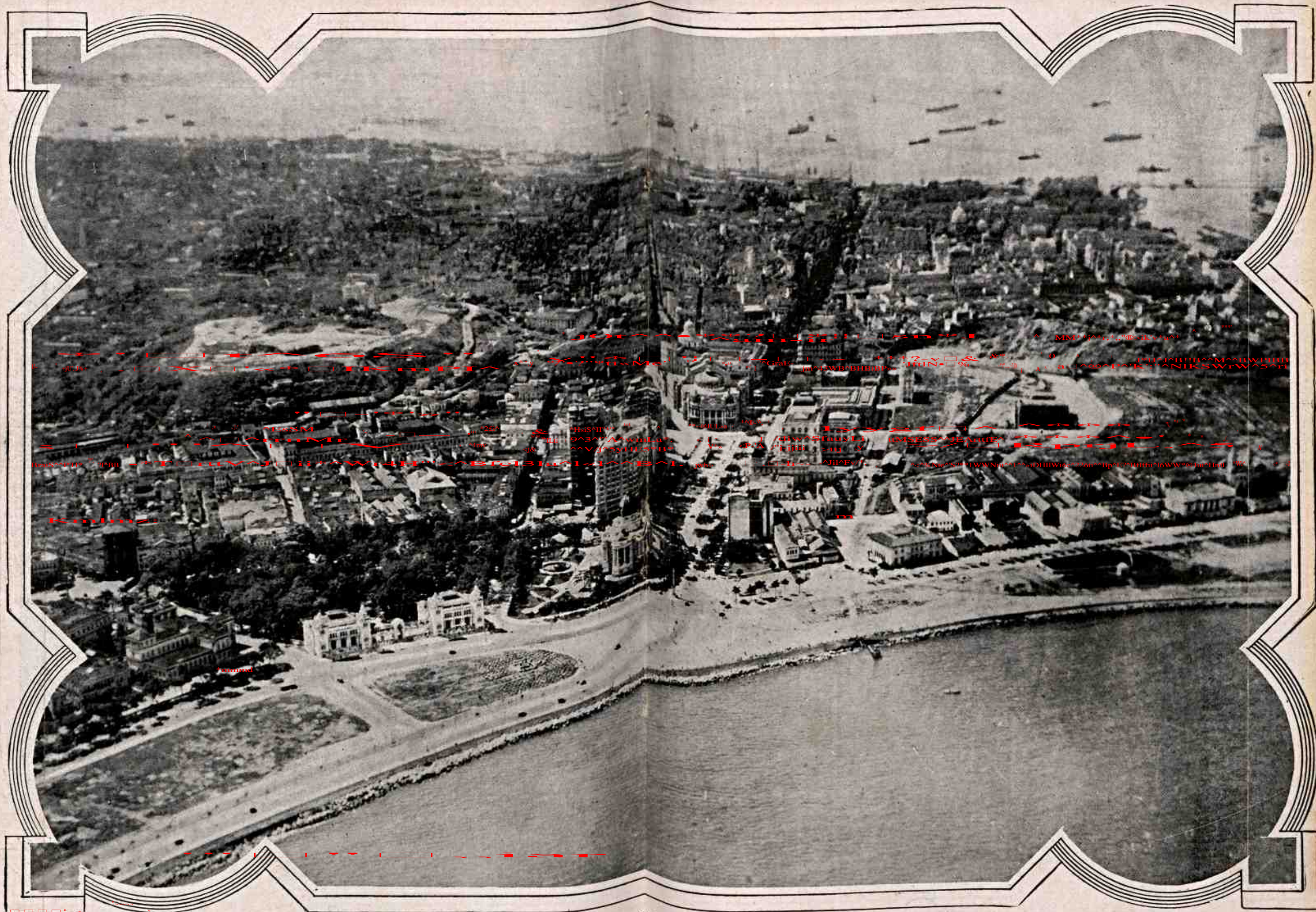
— Como sabeis que era eu que ia passando?

— Porque vos avistei, replicou elle.

— Então, não sois cégo?

— Não, senhora, o pobre cégo é o meu caxorro..

D. JAYME

A ultima photographia de sua majestade o rei Jorge V, que é, tambem, a primeira tomada após a recente enfermidade do soberano inglez. Jorge V apparece, alli, ao lado da rainha, sua esposa, quando, convalescente ainda, passeava pelos jardins de «Craigwell House», numa linda manhã de sol.

As perspectivas que se nos apresentam neste flagrante photographico vêm confirmar que o Rio é a cidade maravilhosa, a «cidade de ouro», no dizer do poeta, a cidade das praias, das montanhas e dos jardins. Porque em qualquer canto em que o nosso olhar repouse, encontrará um trecho de verdura, o recorte de uma collina, e o espelho de uma agua fresca, onde as manhãs, os crepusculos e as noites dos tropicos se vêm reflectir.

"THE BEAUTY-PARADE"

As "misses" vão chegando, vão chegando...
Cada qual, mais bonita e mais jovial.
E os cariocas estão enamorados
pelas "misses".
Estão enamorados,
mas não fazem tolices.
Os cariocas são homens educados:
"Sentem" o Bello, mas não "pensam" mal.

O Paraná mandou-nos uma "miss"
que é uma flôr de bondade:
Porque, quanto á belleza, já se disse,
Didi Caillet é joia de belleza
e de cultura: é flôr, de natureza
e flôr, de "chic" e de simplicidade.

A do Rio Grande corresponde, á plena,
ao natural orgulho do gaúcho:
formosura serena!
Ao mesmo tempo, candidez e luxo,
Ao mesmo tempo, esplendidez e graça,
em seu sorriso matinal expande
uma alegria nova que ultrapassa
os gloriosos confins do Rio Grande.

A de Sergipe, flôr do Cotinguiba,
perola juvenil de Aracajú,
Elogia Didi e Curityba,
faz justiça á belleza das rivaes,
e esquece a propria, esquece os naturaes
dotes que Deus lhe deu, encantadores.
Que graça! E que modestia! Entre louvores,
a Tanagrinha esquece que é um "bijou".

A de Minas Geraes, que bellezinha!
Que esplendida belleza! (sim, senhor!)
Quem previria que a mais bella vinha
da Capital, como do interior?
Pois, em grandes bellezas femininas,
Minas pacata, Minas
possue gemmas authenticas, genuinas,
continua a ter minas
do ouro mais puro, do melhor fulgor.

E as "misses" vão chegando, vão chegando.
Aquella, bello typo anglo-normando!
Essa, linda cabeça egypcio-grega!
Esta, expressão de sonhos e de lendas!
E o carioca, em seu extase, em seu pasmo
(as "misses" vão chegando...)
vê que o seu enthusiasmo
é que não chega,
ou já não chega para as encommendas.

Depois que se escolher Miss Brasilia,
si a escolha não sahir como se quer,
meu Deus! não vá sahir briga em familia:
Pois isso de demanda ou de quizilia,
é sempre por dinheiro, ou por mulher.

E, por simples vaidade, ou ambição
(E' a Biblia: está escripto no papel),
Caim matou Abel,
E Eva estragou Adão...

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

— E o seu amor de outomno, meu amigo, esse amor de que você tanto me tem falado, já não é, então, a sua consolação, o seu raio de sol, a alegria e a festa de sua vida?...

Ante essa pergunta, um tanto brusca e indiscreta de Boneca, Mario Silvares ficou, por um momento, silencioso, como quem se entregasse a um exame interior, intimo e profundo.

— Então, não me responde? Desculpe-me se o interpello assim. Tenho sido sempre sua confidente, e o meu caro amigo nunca teve reservas para mim. Por que, hoje, que o sinto triste, desilludido, descrente, sceptico, inquieto e apprehensivo, não se abre commigo com a mesma franqueza e a mesma confiança?

— Sim, minha boa amiga. Você tem razão. Estou triste. Profunda, intensamente triste!...

— Adivinhei, não é? O seu amor de outomno é que o faz soffrer... Uma desillusão a mais?...

— Um sonho de menos... uma saudade a mais...

— Mas, por que? Que houve? Romperam?

— Não. Não nos comprehendemos. Ella, com o seu ar de pureza, com a sua apparencia de ingenuidade, com aquella carnação de mulher feita, onde parecia palpitar e vibrar uma alma de criança, era bem uma mulher como são, em geral, todas as mulheres...

— Como está rispido, hoje, meu querido amigo! E como é que são todas as mulheres, geralmente?

— Com raras, rarissimas excepções, no numero das quaes colloco você, minha amiguinha, levianas, moinho de vento, falsas, perfidas e... futeis.

— Falsas, perfidas, levianas, futeis! Que horror! Como está mau, hoje, você, que sempre me pareceu ser bom e indulgente para os nossos pequenitos defeitos, comprehendendo-nos e julgando-nos melhor do que faz o commum dos homens! Onde, pois, o seu criterio? Por uma, pelas faltas de uma, não se julgam todas, nem todas deverão pagar tão pesado tributo de injustiça, ao sabor dos impulsos de revolta de seu coração. Depois, quem sabe se não está enganado, se não estará sendo injusto mesmo com essa que, até bem pouco, enchia de alegria e de festa a sua vida? As apparencias illudem, enganam tanto, e a mulher, meu amigo, mais do que o homem, não deve ser julgada pelas apparencias...

— Como julgal-as, então, se ellas são feitas de artificios, de apparencias,... se ellas são uma eterna ficção?

— Ah! Acabo por me zangar com você! Que houve, porém, entre o meu amigo e o seu "Raio de Sol"?

— Que houve? Nada. Quasi nada! Apenas, ha tres dias — tres dias que parecem tres annos — ella não raia para mim, não faz brilhar, no céo azul de meus olhos, a sua illuminada caricia de todo dia... E o outomno de minha alma se faz inverno, a pouco e pouco, porque ella — a ingrata, a perfida, a grande má — tambem começa a me abandonar. E só a saudade — uma saudade feita de neve e de tristeza — canta ainda, dentro de mim, num rythmo dolente de canção de berço, para acalentar crianças, a inquietação da minha vida, do pôr de sol do meu outomno...

— Não comprehendo. E ella, que lhe fez ella? Ella, que era o seu grande amor, a sua abençoada consolação?...

— Já não attende ao clamor de minha alma, já não ouve as supplicas de meu coração, já não illumina e aquece o meu mundo interior...

— Escute. Vejo, reconheço que soffre. Confie em mim. Diga-me o nome della, seu verdadeiro nome. Irei procural-a. Quem sabe?...

— Não, Boneca. Já não ha geito. Ella morreu e os mortos não resuscitam.

— Morreu? Quem morreu?

— Minha illusão, minha potencialidade de sonho — o ultimo amor e a ultima consolação de todo homem que viveu muito, intensa e profundamente, como eu, pelo coração...

— Ah! e por que, seu mau, para fazer toda essa *blague*, tanto atacou e feriu as mulheres?...

— Por que? Porque a Illusão, como tudo que é fragil e ficticio na vida, tambem é mulher...

— *Blagueur!* Que susto que me fez!...

BELLEZA PARANAENSE

Mlle. Zazá Pinheiro Lima. Da terra dos pinheiraes. E' o «passarinho louro do Paraná», como a chamou um poeta. E disse-o maravilhosamente bem. Mlle. Zazá é linda, e tem uma voz tão doce...

BONECA NA AVENIDA

A Avenida é e sempre será a grande e movimentada feira da elegancia e da graça carioca. E Boneca, a enchel-a com o prestigio e o encanto de sua silhueta aristocratica e distincta, é a *great attraction*, o disputado e caro *bibelot* daquelle lindo e faustoso bazar mundano.

Com a mudança verificada, nestes ultimos dias, na temperatura, as tardes frescas, suaves, leves como as bonequinhas que passeiam a sua graça no majestoso *boulevard*, attraem ao mesmo as mais encantadoras figurinhas da cidade.

E é um nunca acabar de silhuetas a se movimentarem em todos os sentidos, qual a mais linda e mais seductora.

Ante essa estonteante revoada da graça e da belleza, da elegancia e da distincção, não ha como se manter indifferente o cidadão mais *raffinément blasé* deste mundo. Olhares que entram pela alma da gente, sorrisos que dão a illusão de um céo a descer, devagarinho, de mansinho, sobre o nosso coração... Magia, feitiços e feiticeiras — lindas feiticeiras! — por toda a parte, tudo isso transforma a grande Avenida carioca numa Avenida do outro mundo...

E os *potins*, os salamaleques, as *charges*, as encantadoras perversidades e as phrases deliciosas, com doçura de mel e travo de veneno!

— Ah, doutor, como folgo em vel-o aqui! Convido-o, desde já, a honrar com a sua presença a nossa proxima recepção. Um chá intimo, um simples chá que offereço ás minhas amiguinhas...

— ... no numero das quaes me sinto deliciosamente bem, pois não é?

— Quem sabe? Acha? Se não me deixou terminar a phrase...

— Pela simples razão de preferir ficar entre as mulheres. Naturalmente entre as mulheres bellas e encantadoras como está, hoje, a minha gentil amiguinha...

— Somente hoje?

— Hontem, hoje, amanhã e sempre... Hoje, porém, mais do que hontem...

— D'aqui a dez annos ainda repetirá o galanteio?

— Juro-lhe, se não fôr seu marido.

— Então, se fosse meu marido...

— O galanteio seria positivamente insincero, descabido e... irritante para a minha amiguinha. Irritante como tudo que é banal..., e não ha nada mais banal do que o marido — ha de convir.

— E' possivel. E, para evitar essa catastrophe, desde já afastemos toda hypothese de casamento entre nós...

— Fechado! Mas só de casamento, pois não é?...

— Sim. Adeus. Não deixe de ir ao chá!

ESTRELLAS CADENTES

Tambem o Ceará, a sempre encantadora terra de Iracema — a virgem dos labios de mel — já nos enviou a sua *Miss*, a digna representante da graça e da belleza locaes.

Vimol-a, e é realmente um typo expressivo, galante e encantador a linda e meiga *Miss* cearense. Tem aquella singeleza das mulheres de sua terra natal, e uns olhos — olhos em que a alma, toda sua alma se revela, se retrata e espelha — feitos do sol, do céo e do mar cearenses. Por isso mesmo, mysteriosos e profundos, divinamente femininos.

Deante da delicada e seductora silhueta da gentil filha do Ceará, não sei por que, aquelle todo de meiguice e de candura me deu a suave impressão de ter ante os olhos, para delicia e encanto dos meus olhos, o symbolo, a encarnação viva da minha terra distante. E, insensivelmente, puz-me a evocar a alma da terra e da sua gente, o coração infinitamente bom de suas mulheres.

Senhora Almerinda Porto Frota, esposa do nosso confrade de imprensa dr. Isaias Frota Cavalcanti.

Miss Ceará era a Violeta Mystica da minha adoração interior ao meu abençoado torrão natal. Uma linda e meiga violeta das que desabrocham em profusão, perfumando a terra e o coração da gente, lá no rincão cearense onde, um dia — tantos annos já passaram! — eu abri os olhos, estonteado, para o baptismo e para o soffrimento da Vida.

Miss Ceará (Mlle. Maria Nazareth da Silveira) é bem como as violetas do meu berço serrano — as lindas violetas de Guaramiranga, lá, bem distante e bem alto, no sólo sagrado da terra natal, — "onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba"...

SORRINDO

Je pensais: les fleurs tombées
Retournent à leurs branches:
Mais non! C'étaient des papillons.

Este *haikai* japonez, por signal que lindo e profundamente expressivo, na arte *raffinée* e delicada que lhe deu forma, fez-me lembrar de ti, sempre saudosa e querida flor cahida da arvore da minha vida!

E o teu perfume — o perfume da saudade em que te trago — emprestou-me, novamente, a illusão de que tu tinhas voltado a enfeitar com o teu encanto e a tua belleza a arvore, já madura, de que, um dia, te desgarraste.

Mas, não. Não eras tu, não, sempre lembrada flor cahida da arvore da minha vida. Eram as borboletas da minha Illusão — as mulheres como tu, que eu amei — que cantavam, em revoada, a canção da Saudade nos ramos já resequidos da arvore da minha vida...

SEARA ALHEIA

"LA SUGESTIÓN DE TUS OJOS"

DE EMILIO ORIBE.

Tus ojos pardos a mis ojos rigen.
Sus fulgores me atraen y me ciegan.
Mis torres más gallardas se doblegan
a las flechas de luz que les dirigen.

Oh, esta noche en que ansío que se fijen
en mi tus ojos de ágata, que riegan
sobre el alma sus luces y la anegan
en resplandores de celeste origen!

Mis sueños, con sus élitros brillantes,
vuelan hacia tus fulgidos diamantes.
Y, cuando yo te pido que me mires,

mis penas, a la luz de tus miradas,
son como esas serpientes encantadas
bajo la magestad de los fakires!

POMBO-CORREIO

Minha encantadora e querida amiguinha — Sua captivante e fina correspondencia commigo, que eu, data venia, venho estampando nesta pagina de FON-FON, sob o suggestivo titulo de *Rosas de Santa Therezinha*, constitue, hoje, o meu maior enlevo, encanto e tambem... orgulho, desvanecimento.

Sei que, assim lhe falando, firo a sua modestia, e que a minha linda e encantadora Sensitiva ha de fechar-se, um tanto ou quanto desconfiada, na sua timidez e na sua santidade.

Mas, que fazer? Não estou a lhe tecer madrigaes, nem, pelo menos por emquanto, tenho a intenção de lhe fazer subir o sangue ás faces com um galanteio daquelles que você chama "profanos". Porque você, minha querida amiguinha, é uma das raras mulheres que ainda deixam transparecer nas faces a rosa vermelha do pudor, hoje tão difficil de ser vista sob a camada de *rouge* do *maquillage* elegante. E minha Santa Therezinha — essa adorada Maria do Céo, que me dá a honra e o prazer desta correspondencia de pura e leal amizade (será somente amizade?), não conhece ainda a utilidade do *rouge*, do *baton* e outros objectos dessa natureza, artigos reputados indispensaveis no arsenal de guerra da mulher moderna, que sabe e quer defender, artificiosa e artificialmente, o seu patrimonio de belleza, sobretudo quando elle é precario.

Você, porém, não pensa e não age assim, minha amiguinha, e consola-se com o roseo natural das suas faces, que só o pudor tinge, ás vezes, de vermelho, de rubro. E quanto você, nesses momentos, fica adoravelmente linda, como deverá estar agora, ao ler este trecho de carta... profana!

Escute: sua ultima carta, esta deliciosa cartinha rescendendo a perfume de rosas do céo, que você bondosamente me dirigiu, trouxe-me uma grande e consoladora esperança — a esperança do seu amor.

Será que a "avózinha" adivinhou o mysterio de seu coração, Maria do Céo? Você propria não estará enganada, não se illudirá pensando que é amor um sentimento que ainda não comprehendeu bem?

As santas, como você, terão coração capaz de se inflammar por um pobre peccador como eu? *Coquetterie*, simples *coquetterie* de mulher bonita e intelligente, tambem não será. Uma santa *coquette*... Emfim, actualmente tudo é possivel e não duvido muito que as filhas de Eva ainda venham a encher o céo de graça, de elegancia, de *raffinements* de de *coquetterie*.

Uma gracinha, uma santa *coquette*, não seria?..."

PETIT BLEU

Já não duvido, já não tenho o direito de duvidar de teu amor, sem te fazer uma grande injuria. Creio em ti, meu doce e suave Evangelho de luz e de carinho. Se, um dia, porém, a descrença novamente me dominar a alma e o coração, então é que tudo na vida, neste mundo, é falso e feitiço como o amor das mulheres...

A *REBELLIÃO DAS MULHERES*...

A interferencia dos poderes publicos nas coisas da... moda toma vulto em alguns paizes. Agora é a Italia, pela palavra official do *fascio*, que se manifesta, fazendo sentir ás moças da terra do *idioma gentile* a conveniencia de descerem um pouco as saias. A grande e poderosa instituição politica de Mussolini não é, porém, muito exigente e pede apenas se addicionem ás saias mais umas duas pollegadas de panno.

Antes, em um outro paiz, providencias mais extremadas e mais severas deram logar a um zum-zum de revolta por parte do elemento feminino em agitação. Na patria do Duce, a rebellião, se ha, está ainda no seu periodo de incubação. Se rebentar, se vier a furo, o facto poderá trazer as mais graves consequencias, ameaçando os alicerces mesmos do *fascismo*.

As mulheres são, em tudo, mais extremadas do que o homem. E, por isso mesmo, mais de temer, mais perigosas. Esses chamados anjos da terra, são de uma audacia, de uma arrogancia capaz de todos os excessos; quando em franca rebellião E a moda é o seu fraco, é um privilegio todo seu, exclusivo, absoluto, despotico, de que a mulher não abrirá mão em hypothese alguma.

Uma guerra por causa da moda, uma revolução mundial contra os poderes constituidos de toda a parte, que calam na tolice de querer controlar os excessos da moda, parecerá uma coisa absurda, simplesmente absurda, e, no emtanto, deante das primeiras escaramuças entre as partes belligerantes, parece que será um facto, mais dias, menos dias.

E ai dos homens que, em vez de apoiar o movimento de pannos sempre mais curtos, se manifestarem em favor dos que querem a descida das saias por mais uma ou duas pollegadas!

Eu estou com as mulheres e, desde já, lhes hypotheco inconidicional solidariedade. Que ellas subam, cada vez mais, as suas lindas *amostras* de saias! Lindas e generosas e providencias...

Eu sou pela bandeira da saia cada vez menos saia...

NO lindo e movimentado torneio de Belleza, que vem de se realizar em todo o Brasil, as nossas encantadoras patricias representaram-se de modo brilhante. O lindo perfil, fino e aristocratico, que se vê na gravura acima, é da senhorita Elza Amor, 2.º logar entre as mais bellas da Paulicéa.

O RIO DE HONTEM

O morro do Castello em pleno coração da cidade, a dois passos da Avenida. A seu tempo, era uma tradição da vida da metropole, primeiro pelos episodios historicos a que o seu nome estava ligado; depois pelo seu valor chorographico. Collina histórica, famosa pelos costumes da sua população, pela sua edificação colonial, pela egreja do padroeiro da cidade, — S. Sebastião — e os seus populares capuchinhos — o morro do Castello era uma exclamação altiva no poema da vida carioca...

O RIO DE HOJE

A esplanada do morro do Castello. Quer dizer, em vez daquella exclamação do passado, é o campo liso, a planicie onde correm as reticencias do presente... Que poderá surgir desse terrapleno — cuja visão nos evoca um trecho de Manchester ou da California? «Arranha-céos», expressões do progresso, da architectura moderna, gritos de cimento armado, atirados ao sol pompeante dos tropicos? Um novo bairro? Um novo recanto de belleza, a espelhar-se nas aguas da Guanabara? Após a exclamação do passado, as reticencias do presente...

(Do Album, inédito, do photographo Malta)

TREPAÇÕES

ELLES adoptaram uma estrategia interessante. Encontram-se alli na Cinelandia, e penetram juntos numa das salas onde os *films* passam na téla, reproduzindo scenas da vida.... E' claro que, no escuro (desculpem o trocadilho), ninguem percebe que ambos ficam juntinhos, agarradinhos, etc....

A menina Isis, filha do sr. Aynéas de Assis e de d. Walkyria de Assis, e sobrinha do nosso confrade de imprensa dr. Adaucto de Assis.

Quando acaba a sessão, elle sáe primeiro, como si estivesse sozinho, atravessa a praça, toma um taxi e, uma vez no interior do mesmo, procura esconder-se dos olhares curiosos.

Ella, elegantissima, esbelta, tambem sáe como si sozinha estivesse, atravessa a praça e.... cáe no taxi onde elle a espera, cauteloso.

O vehiculo desapparece, rumo de um bairro proximo do centro, veloz, transportando o venturoso par.

Naturalmente, quando chegam á casa, na hora do jantar, cada qual sonha com a tardinha do dia seguinte, com a sessão do cinema, com o beijo da Dolores del Rio, na téla....

E dizer-se que elle tem uma esposa formosa, e que ella possue um marido modelo!

♣

A coisa ia muito bem. Mademoiselle sentiu que era preferida do moço, naquelle baile. Parece tambem que não antipathizou com o rapaz. A prova é que dançou com elle, varias vezes. E isso demonstrou certa satisfação.

Mademoiselle, porém, ignorava que o moço era casado. Nem sabia que a esposa delle estava na casa, onde se realizava o baile.

A certa altura, ella perguntou:

— O senhor é solteiro?

— Sim.

— E' noivo?

— Não.

Ella ficou ainda mais enthusiasmada.

Subito, porém, uma outra pessôa veio chamal-o no meio do salão, emquanto o rapaz conversava com a moça.

— Madame procura pelo senhor.

A moça, desconfiada, indagou:

— Quem é madame?

E elle, cynicamente:

— E' minha irmã casada.

Mas a senhorita dahi a pouco vinha a saber do *truc* do rapaz

....E era uma vez o tal *flirt*...

INQUIETA, já não podendo encobrir a agitação que a dominava, madame começou a andar de um extremo ao outro de certo quarteirão de um bairro aristocratico.

Passavam os bondes, os autoomnibus, carros e mais carros e ella.... firme!

Que seria? Que, ou por quem esperaria aquella linda dama, tão fina, tão elegante?

E madame já estava quasi decepcionada, quando um auto risca de repente proximo ao local em que ella se achava. Alguem, de dentro, lhe fez um signal. Madame seguiu e entrou, prestes, na luxuosa *limousine*.

O que "elles" não viram, porém, é que, logo a seguir, um outro carro os acompanhava, conduzindo precisamente a outra — a encantadora cara metade do "amiguinho" de madame.

Depois, minutos depois, se dava o "choque". O choque e a "derrapagem" da aventura, que acabou, ha poucos dias, numa separação de.... corpos.

Dos males, o menor.... Não houve tragedia, para gozo dos amadores de sensações violentas.

Jonas Correia Netto, galante filhinho do casal Jonas Correia Filho e d. Walmerina Correia.

VIDA THEATRAL

PAULO de Magalhães e Procopio Ferreira, que estão novamente juntos, aqui e... no cartaz do Trianon... «O querido das mulheres» é a nova comedia do primeiro, que o segundo leu, gostou e poz á scena na «boite» da Avenida. Paulo completa, com essa de agora, quarenta peças representadas no Brasil e oito no estrangeiro. Por isso é que elle se julga (e sua «pose» está revelando, mau grado o sorriso incredulo do Procopio) o... querido das mulheres...

SEIXOS

Para a illusão de gloria e a illusão de amôr, espinhos; só espinhos... E, por fim, como apotheose infernal, a gargalhada immensa que has de dar, minha doce amiga, quando eu me declarar vencido... Porque o amôr, afinal, é como tu dizes: uma cousa sem razão de ser... um brinco de crianças grandes... uma futilidade a que a gente não deve dar muita importancia...

E eu, que sempre amei, devo ser, no teu conceito, um doido, simplesmente um doido...

Comtudo, espero, ao menos por esta vez, me perdôes o affirmar eu, daqui, que te idolatro...

. . .

O GAROTO EXPLICOU...

Um domingo luminoso, movimentado, pleno de alegria, que convidava a gente a sair para a rua, ao léo, sem destino...

Foi o que fiz, apanhando o chapeu, atirando-me para as almofadas de um auto, que rodou pelas avenidas plantadas á beira mar.

Depois, parei deante dos imponentes edificios da Cinelandia, para apreciar quem passava...

E os meus olhos fixaram uma esbelta creatura, muito moça, trazendo uma linda "toilette" do "foulard" de seda verde, bello chapeu, bem calçada.

Porém, feriu a minha attenção o tecido das meias...

Que tecido maravilhoso aquelle, que punha em destaque o azul das veias, a pellugem das pernas, o rosado da carne!...

Mas, reparando bem, reparando melhor verifiquei que a creatura esbelta, de "foulard" de seda verde, ricamente vestida, não trazia meias.

Esta circumstancia chamava a attenção publica, provocava commentarios de quantas cabeças se voltavam para certificar-se da originalidade da dama.

Seria moda?!

E' tão extravagante, a moda, que bem póde ter dictado essa novidade, — a de andar uma creatura sem meias, pela rua, mettida embora em custosa "toilette."

Não tinha ainda sahido do meu espanto, e pensava na moda, sim, que a creatura esbelta traçara uma atrevida creação importada talvez do paiz dos "dollars", da terra onde os homens palestram com as suas damas, tendo as pernas sobre as mesas e deitando largas baforadas de fumo; não tinha ainda sahido do meu espanto, quando estrondosas gargalhadas espoucaram ao meu lado.

Eu completei o côro, rindo igualmente, gostosamente, depois de ter ouvido o garoto que, de olhos estatelados na dama, havia feito este admiravel raciocinio: — *Ué! O dinheiro não chegou para as meias...*

Ah! os garotos das ruas, os garotos das grandes cidades, como sabem philosophar!...

PROCOPIO e Palmeirim numa scena de comedia, em que elles não riem, mas fazem o publico rir. Em baixo, Palmeirim Silva, o actor intelligente, sincero, que, no Trianon, interpretando papeis de galã comico, tem conquistado, brilhantemente, applausos para os seus trabalhos e prestigio para a sua figura artistica.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

MELINDROSA é um poço de vaidade. Neste ponto ella é tão mulher como as outras. E' até mulher demais. E, por vaidade, pour épater e para tentar é que ella gosta de mostrar o que tem e, ás vezes, tambem o que não tem... Isso na rua, quando sae para fazer o "tour" de sua esbelta e encantadora figurinha exótica, espaventosa, pelas ruas chics da cidade.

Falando, é quasi a mesma cousa. As palavras, as phrases saem-lhe dos labios cheias de artificio, falsas, camouflées, maquillées, meio-núas, meio-vestidas como a bonequinha mecanica que as vae soltando, automatica, inconscientemente mesmo, não raro. D'ahi ella, espevitadazinha, dizer o que sabe, o que não sabe e tambem o que nunca ninguem... "não soube".

* * *

PORQUE, minha gente, Melindrosa, com uma simplicidade encantadora, diz coisas, ás vezes, de fazer córar a um frade... de pedra. Mas fal-o ingenuamente, para mostrar sua desenvoltura, seu aplomb, sua linha de moça moderna, com cabeça de arranha-céo, quer dizer, acima da bitola desta coisa semsaborona e bolorenta a que se convencionou chamar o senso commum. E Melindrosa é um desafio vivo, berrante e gritante ao senso commum, — representado por Monsieur Tout Le Monde sempre que se trata de censurar, em alguem, aquillo mesmo que muita gente faz e pratica... por detraz dos bastidores.

* * *

MELINDROSA tem, assim, a audacia e a coragem das suas attitudes mais encrencadas, mesmo daquellas que ella toma sem saber por que sim e por que não, collocando-se, ás vezes, em situações um tanto equívocas e, á primeira vista, suspeitas.

Por esses e outros motivos é que muita gente faz um falso e injusto conceito d'essa linda e bizarra figurinha da Cidade. Mais não do que vestida, delgada, tão delgada que, de longe, ella dá a idéa de ser apenas um par de pernas em marche aux flambeaux, em plena luz deste sol tropical. Melindrosa não é, no entanto, tão leviana, tão futil e "levada" como por ahi dizem, em profundos conceitos accacianos, improvisados moralistas de calças e de saias.

* * *

PORQUE — coisa paradoxal! — artificiosa, feitiça, maquillée en point, ella — esse delicado, esbelto e gracioso pedacinho de tentação, que é a delicia e o encanto das nossas ruas — é sincera nas suas attitudes, sincera e ingenua e bizarramente pudica!

Quantas vezes, seu pequenino coração não treme, envergonhado, vexado, dentro de si, ante a audacia irreverente de um atrevido qualquer!

Ella, porém, firme, se faz desentendida, para não dar o braço a torcer, e manter a sua linha de mulher, de moça, de menina moderna. E, de outras vezes, sem comprehender o que lhe dizem, ouve, escuta, superior e serenamente, como se estivesse comprehendendo perfeitamente bem...

* * *

AINDA um dia destes entrei com Melindrosa numa confeitaria. Sentámo-nos a uma mesa e ella, depois de escolher uma salada de sorvetes, abrindo a bolsa, foi retirando os objectos indispensaveis para os retoques do seu maquillage. Na posição em que ella se achava, pernas trançadas, de tal maneira que uma parecia procurar o céo e outra a terra, eu fiquei de frente para o inferno de tentação que ella, a proposito ou não, me fazia adivinhar. E' uma tortura e uma delicia o inferno visto assim, ou melhor, antevisto a rabo de olho, através de uma saiezinha leve e transparente.

No melhor, porém, da minha adoravel semvergonhice, (com licença!), Melindrosa notou e comprehendeu o meu enlevado extase. E, rapido, descruzou as pernas, a puxar, em vão, a saia para os joelhos. E, com um olhar, meio brejeiro, meio exprobador:

— Esaú!

— Que é, filhinha, queridinha, meu amor... (Fico meloso á bessa, nessas occasiões...)

— Você viu, Esaú? Não gosto dos seus olhos quando elles estão assim...

— Mas... se eu nada vi, queridinha...

— Obrigada, Esaúzinho. Sê sempre bomzinho. Sim?

— Sim, filhinha. Mas não te esqueças de que eu tambem sou filho de Deus...

— Pirata! meu piratinha!

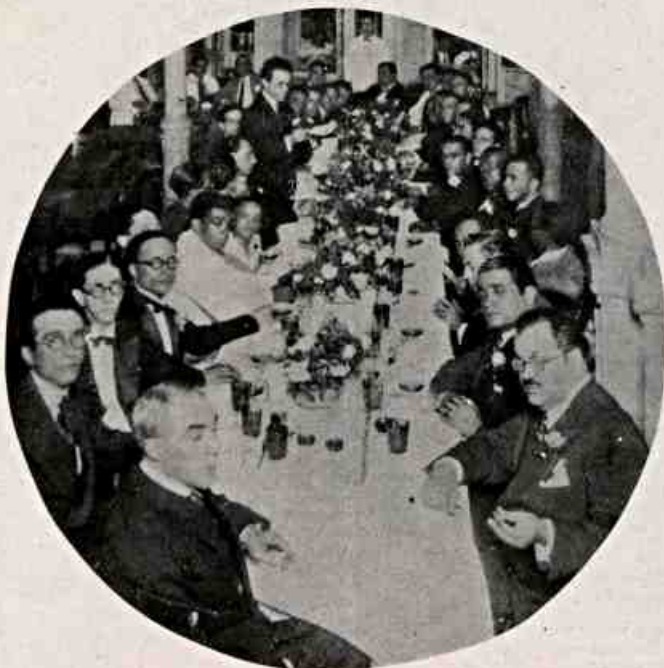
E, com um gesto carinhoso, a mãozinha fria e cheirosa de Melindrosa veiu ao encontro de meus labios quentes...

ESAÚ & JACOB.

NOTAS POLITICAS

O dr. Manoelito Moreira, illustre representante do Ceará no Congresso Nacional, é, na actualidade, uma das figuras mais prestigiosas e de maior relevo na vida publica de sua terra natal. Medico notável, fundador, em Fortaleza, da Maternidade «Dr. João Moreira», humanitaria instituição que dirigiu durante varios annos, ex-vice-presidente do seu Estado, o distincto cearense é tambem um cavalheiro acatadissimo nos altos circulos sociaes e politicos desta capital, onde, ha annos, fixou residencia. Como parlamentar, sua actuação na Camara Federal tem sido das mais uteis e beneficas aos interesses de sua terra, a que o dr. Manoelito Moreira consagra o melhor dos seus intelligentes e nobres esforços.

O desembargador Pedro Francellino Guimarães, presidente da Primeira Camara da Côrte de Appellação, foi alvo, no dia 2 do corrente, de carinhosa e expressiva manifestação de apreço, que os juizes, advogados militantes e funccionarios da justiça local lhe prestaram por motivo de seu 50.º anniversario de magistratura.

Flagrante de um dos chás realizados em São Paulo, em beneficio da Santa Casa de Misericordia daquella capital.

UM CASO SERIO...

O nosso advogado é bello mancebo e um bichinho doido por mulher bonita.

Ia o outro dia, pela rua do Ouvidor, quando viu um mimo, uma garotinha que passava, e, como pedra que rolasse para o abysmo, rolou elle sobre os passos della... Rolou, rolou até que teve opportunidade de lhe falar com os olhos humidos de desejos e, em seguida, com a voz doce de ternuras.

— Que é que diz o senhor?!

E repetiu elle...

— Mas, o senhor está doido?! Com certeza está doido varrido! Que é que pensa mesmo o senhor neste momento?!

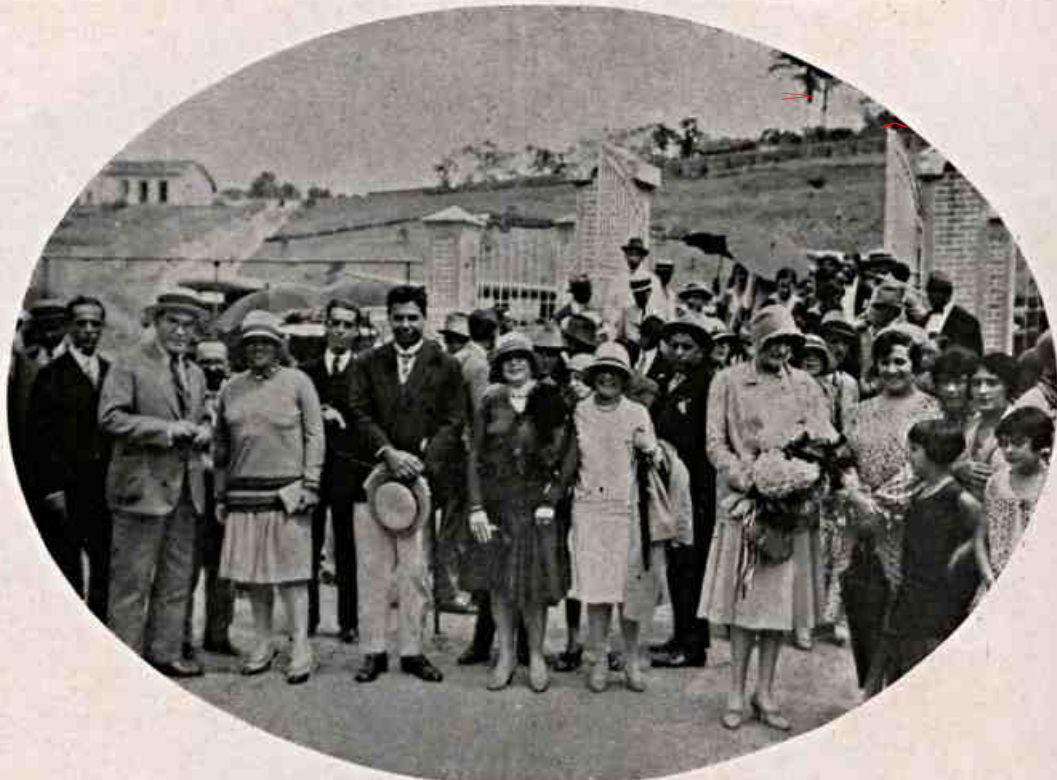
— Minha senhora, neste momento eu só penso é que tomei o bonde errado!...

Riu-se, riu-se ella a valer, e foi-se embora ainda a rir.

E ficou elle a deplorar o tempo perdido, quando faiscou um raio de esperança! Disse então de si para si:

— Aquella pequena é mesmo um caso serio...

AS LINDAS FESTAS DA INTELLIGENCIA E DO CORAÇÃO

Rafael Barbosa, nosso illustre confrade redactor do «Globo» e collaborador de FON-FON, jornalista e poeta da moderna geração, visitou, recentemente, a Bahia, sua terra natal. Amigos e admiradores offereceram-lhe um banquete de 40 talheres, que foi uma festa encantadora de intelligencia e de coração, e na qual o illustre escriptor Carlos Chiacchio leu um magnifico ensaio sobre «O homem velho e o homem novo», cuja parte final é dedicada á personalidade literaria de Rafael Barbosa, que apparece na photographia ao lado, fazendo o seu discurso de agradecimento á homenagem carinhosa.

OS membros da embaixada medica platina que, a convite do presidente Antonio Carlos, veiu ao Brasil especialmente visitar as estancias hydro-mineraes do Estado de Minas. Um flagrante do desembarque dos scientistas da Argentina e do Uruguay em Cambuquira.

CADA UMA!...

Na mesa de um *bar*, em roda de amigos, quando a despesa cresce e não deve ser dividida entre os presentes, sempre foi praxe recorrer-se ao copo de dados, para que a sorte indique o *coronel*...

O copo de couro passa de mão em mão, e, por fim, o pagador sorri amarello, emquanto os demais o saúdam com sonóras gargalhadas, intercaladas de pilherias.

E' uma diversão que não faz mal a ninguem, nem mesmo ao que paga a despesa feita por amigos, uma coisa, um costume universal, que ainda não provocou o deslocamento do eixo da terra nem poz em perigo os fundamentos das instituições...

A policia carioca, porém, implicou com os copinhos de dados, com o *coringa*, e prohibiu terminantemente o seu uso.

Quem observa o ambiente de um *bar* carioca, nota a sua monotonia, como agglomerado de semblantes sorumbaticos.

Quasi ninguem ri, porque é feio rir no Brasil, correndo o risco de ser apontado como bebedo...

Nem uma orchestra. Nada!

O copo de dados era um motivo de pura distracção que a policia resolveu supprimir tambem, para fazer o carioca morrer de tédio.

Ora, dá-se...

Em Cambuquira. Madame Sylvio Marinho, tendo á sua direita uma das senhoras que acompanham a embaixada medica platina.

SEIXOS

Minha vida é cada vez mais triste. Mais solitaria. Mais obscura.

Sobre meus dias dolorosamente nublados não mais brilha o claro sol da esperança desses teus lindos olhos... esses olhos que me fizeram amar e comprehender a vida...

Tu te foste... Mas guardo, cari-

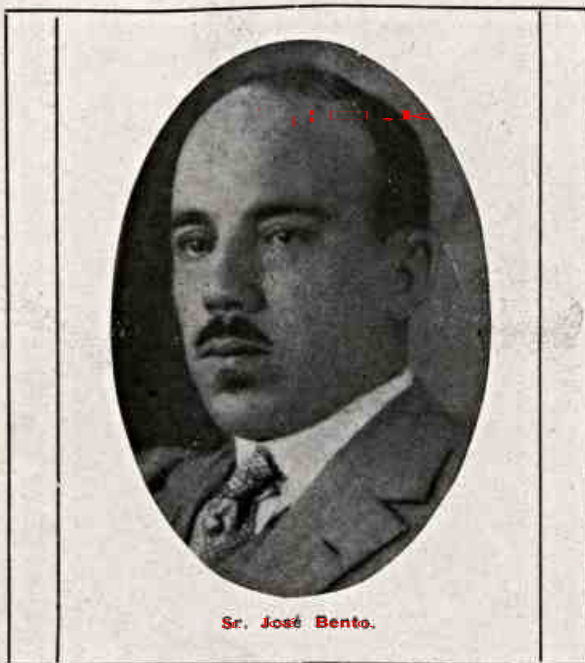
O ULTIMO ACONTECIMENTO COMMERCIAL

INAUGURA-SE A FILIAL DO "PALACIO DAS NOIVAS"

O Rio, que tem, indiscutivelmente, um commercio, podemos dizer com orgulho, progressista, se resentia, entretanto, — dado o seu constante desenvolvimento — de casas especializadas como a que ora se vem de fundar. Queremos nos referir á filial do "Palacio das Noivas", inaugurada a 2 do corrente, em novas e magnificas installações do predio recem-construido da rua Uruguayana, 23 e 25.

E' este estabelecimento completo no genero de artigos para noivas, enxovaes completos, etc., abrangendo seu variadissimo e optimo "stock" todas as modalidades do que concerne ao commercio que se propõe servir casa de tal ordem.

Sr. José Bento.

Não é demais relembrarmos aqui a prestigiosa figura commercial — exemplo de tenacidade e de trabalho — do sr. José Bento, que ora confirma, com a inauguração desse novo estabelecimento, o grande tino de commercio por excellencia que lhe reconhecemos, no decorrer de todo o tempo que tem dirigido o "Palacio das Noivas".

Foi, assim, por innumeras razões, recebida com auspiciosos encomios a filial de uma casa que muito vem honrando nosso commercio, ha annos, sob uma sábia orientação como a que lhe assiste.

Lucra, com isso, o publico carioca, que terá, doravante, dois excellentissimos armazens, os mais completos — senão unicos — no genero. E tudo devemos á larga visão do sr. José Bento, que soube comprehender as necessidades de um centro civilizado que evolue vertiginosamente.

A par do regosijo de todo o Rio, aqui deixamos nossos votos de prosperidade ao novel estabelecimento de que vem de ser dotada a cidade.

Acto inaugural da casa filial do «Palacio das Noivas», recebendo a benção do conego Benedicto Marinho.

"MISS PARANÁ" EM VISITA Á LIVRARIA ODEON

Grupo tirado na «Livraria Odeon», de Soria & Boffoni, á Avenida Rio Branco, n.º 157, por occasião do offerecimento á senhorita Didi Caillet, «Miss Paraná», da edição de luxo da «Divina Comedia». Vêem-se, no clichê acima, os proprietarios da mesma livraria, Mlle. Didi Caillet, Mme. Caillet e o escriptor Albertus de Carvalho, que acompanhou «Miss Paraná» áquelle acreditado estabelecimento commercial.

SEIXOS

O dia, hoje, acordou contente. Azul. Muito azul. E inundado de luz; — o ouro da illusão derramado num sonho de felicidade... E a gente, logo pela manhãzinha, sem saber bem por que, sentia que era tomado de subito contentamento, de imprevista alegria exterior... No intimo, entretanto, quanta magua e que vontade immensa de não ser hypocrita!...

Ante a claridade sonora de um dia assim, como o de hoje, até os tristes, os solitarios, os misanthropos sentem amanhecer-lhes n'alma todo o esplendor de uma resurreição...

O dr. Reginaldo Fernandes, que acaba de concluir seu curso medico na Faculdade do Rio de Janeiro, recebeu, por esse motivo, domingo ultimo, carinhosa homenagem dos seus collegas de imprensa e amigos, os quaes lhe offereceram um almoço em um dos nossos hoteis.

Directores, operarios e funccionarios da Companhia.

A Industria Metallurgica no Brasil

INAUGURAÇÃO DA NOVA FABRICA E FUNDIÇÃO DA C. INDUSTRIAL DE METALLURGIA S. A. DESTA CAPITAL

No dia 16 do corrente, ás 16 horas, a Companhia Industrial de Metallurgia S. A. inaugurou as suas novas installações, em edificio recem-construido á rua Garapuava, 36, S. Christovão, para os serviços de fabricação. Organizada em 27 de Dezembro de 1926, a Companhia Industrial de Metallurgia apenas em dois annos de trabalho e esforço, obteve os resultados bem demonstrados pela festa da inauguração da nova fabrica e fundição.

Acreditada pela perfeição de suas obras a Comp. Ind. de Metallurgia tem nos principaes edificios desta Capital assignalada a competencia de seus profissionaes e a seriedade de seus negocios. Destacando-se entre os seus trabalhos todas as obras de serralheria artistica do Banco Popular do Brasil, á rua da Quitanda, 59 e as vitrines, balcões e grades de metal nas mais importantes casas de commercio desta cidade, taes como a Camisaria Progresso, a Samaritana, a Esperança do Brasil, a Imperial, a Camisaria Diamantina e o Bar Flora.

Ao lado: Directores do Banco Popular do Brasil e da Companhia, Drs. Felix Mascarenhas, Carlos Costa, Jorge de Oliveira Cruz e Ernesto Claudino. Em baixo: Fabrica e Fundição, á rua Garapuava, 36 — S. Christovão.

Assistencia á festa da inauguração, iniciada pela bençam do edificio e das machinas, feita por s. ex. rev. o senhor conego Almeida, vigario da Candelaria.

SOBRE A MULHER

Para se receber palavras doces de uma mulher é preciso, antes, se lhe adoçar a bocca com muitos... bombons.

. . .

O "sempre" e o "nunca" jamais têm seu verdadeiro sentido em uma bocca feminina.

. . .

O amor das mulheres que passam dos trinta annos é sempre um amor mais perigoso devido á sua... persistencia.

. . .

O Club Gymnastico Portuguez realizou sabbado ultimo o baile que organizára para sabbado de alleluia e que deixou de ser levado a effeito então, em virtude do desfile dos prestitos carnavalescos dos Democraticos e dos Tenentes.

DISTRIBUIDORA:

Cia. Commercial e Maritima

"AUTO GERAL"

RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — Rio de Janeiro

PROGRESSO OU DECADENCIA

De ROLAND DORGELÈS

A Indochina de ha cincoenta annos atraz, não ha duvida, presta-se á execução dos quadros mais coloridos, a descripções mais pittorescas que actualmente. Mas não é impressionante assistir a essa revolução de costumes, a essa evolução precipitada que transforma a vida de um mundo?

— Progresso, dizem alguns.

— Decadencia, pretendem outros.

Quando o imperador de Annam veiu a Saigon, e dali partiu para a França, uma grande recepção foi dada na casa do governador, para permittir á élite da sociedade conchinchineza a apresentar-se ao soberano. O imperador não desdenha a nossa civilização, uma vez que não sáe senão em auto, e faz installar, á européa, os appartamentos do palacio. Desenha e esculpe, não no estylo tradicional, mas á maneira de um estudante de Bellas-Artes.

Comtudo, quando notou todos aquelles falsos annamitas, trazendo vestes e gravata brancas, teve um sobresalto que todo mundo observou, e os envolveu n'um olhar, o rosto frio, o mento altivo, que todos os assistentes se sentiram incommodados, e a apresentação não pôde ser muito longa.

Sua Majestade, que inora muitas coisas, recluso no seu palacio de Hué, acabava de descobrir o abysmo que separava já o seu throno daquelles annamitas evoluidos.

Para elle era a decadencia.

Que teria elle dito, si pudesse assistir, no theatro indigena de Pharang, do alto do nono camarote, oscillante, a essa representação ridicula, onde, entre dois actos de um drama interminavel, cheio de generaes caricatos e princezas tagarellas, uma dançarina annamita, vestida de uropeis, procedente de uma *tournée* fallida, vinha ensaiar bailados de *ponta*, emquanto

PROGRESSO OU DECADENCIA

(Conclusão)

alguns musicos executavam a *Madelon* em violas de bambú?

Ou então, si elle se tivesse dignado dirigir-se á casa do encantador *doc-phu* de provincia de Mytho, que de annamita não conservou senão a tunica negra, e vos recebe, não na sala ornada de laças, mas no salão francez, de columnas de estuque e moveis de acajou, onde se póde admirar, entre dois *bleus* de Hué, uma Nenette *ebouriffée*, como se encontra em Montmartre, nas casas dos *lingéres* e nos cabeleireiros.

Nada de chá, depois do meio-dia: champagne. E a mais linda "jeune fille", se pondo ao piano, nos toca o *Pélican*...

Progresso ou decadencia?

Vós podeis bater toda a Indochina, de Las-Kai a Bac-Lieu, e não encontrareis no caminho, uma só cadeira de mão, nem um palanquim, mas uma nuvem de *autobus, de carruagens*, que sobem as costas, de interiores luxuosos.

Antes de 1914, não havia em toda a Conchinchina mais que 389 automoveis, em circulação; hoje, ha para mais de 4.000.

Ser conductor de automoveis para um annamita é melhor que uma profissão: é um titulo.

O primeiro *chauffeur* da Residencia Superior, de Hué, foi condecorado com o Dragão d'Annam; e, quando outros *chauffeurs* atravessam a capital, elles se dirigem, a toda pressa, á sua garage, para lhe apresentar cumprimentos...

Apezar de tudo, o romancista vos apresentará, com mais prazer, um conductor de cadeira, ou um *coolie-xe*, (1) que um motorista: isto lhe parece mais exotico.

E' sempre levado por esse odioso cuidado de "fazer pittoresco" que o escriptor nos mostra *nhaqués* archaicos, se endereçando ao mercado, com uma ligadura de "sapécas" sobre o hombro, em logar de nos apresentar, por traz dos *guichets* do Banco da Indochina ou da Banking Corporation, annamitas activos que visam cheques e contam piastras-papel.

O velho Annam não tem mais o seu logar nessa colonia transformada. Os costumes se modificam.

Recentemente ainda, o annamita que emprehendia uma longa viagem, pintava traços amarellos no rosto: era para enganar o mau genio.

Vendo essa cara de pestoso, alguem o supporia doente, e o deixaria passar, sem lhe tocar, — si bem que elle poderia viajar tranquillo.

Mas ide apresentar-vos, assim maracajado, ao *guichet* da gare, para tomar uma passagem de trem, com destino a Vinh, ou a Nhatrang. Jamáis um annamita ousaria isso; elle teria medo que o empregado da estação lhe risse ao nariz. E as velhas crenças desapparecem...

Tudo mudo, tudo muda...

— Mas, o observador que, durante a noite, trepa no mirante, para fugir ao tigre, estará ao abrigo do contagio do modernismo?

— Nem mesmo esse...

Quando sente rodar o "ong cop", e lhe quer fazer medo, elle puxa a corda, do alto do seu esconderijo, como sempre se fez, mas, agora, suspendeu nella, á guisa de *gongs*, cabaças de ferro que se entrechocam, n'uma barulheira infernal.

Tudo está mudado, vos digo eu. O espirito como as apparencias.

Hoje em dia, si a Indochina se agita, não é mais como outr'ora, sobre uma mensagem de Ham-nghi ou porque os letrados recebem presagios do Dragão. E' porque o curso do *paddy* baixou, ou para protestar contra o escandoloso monopolio do porto de Cholon.

Só para os francezes da metropole é que a colonia permanece a mesma: um grande pantano, colonos de olhos luzentos de febre, frangos a seis réis, opio, a Torre de Inspecção, os piratas, o jogo de trinta e seis animaes...

Sempre a falta de escriptores!

(1) *Carregador de pousse-pousse.*

A ARTE ITALIANA DO FERRO BATIDO

NA IDADE MEDIA E NA RENASCENÇA

UMA das mais bellas exposições que, no genero, se têm realizado no Rio de Janeiro, é a que está funccionando, todos os dias, no edificio da Policlinica Geral, á Avenida Rio Branco, esquina da rua S. José, e para a qual se chama a attenção dos srs. architectos.

COLLABORAÇÃO

PALAVRAS...

Ora, palavras, di-se commummente, *o vento as leva...*

Sim, o vento as leva...

Hoje, mais do que nunca, certo dessa veracidade, temo as palavras que ouço... Ellas me sôam como um aviso para amanhã... Por mais ardentes, por mais sinceras que pronunciadas sejam, ir-se-ão com a aragem que passar...

Toda affirmativa no presente será uma negativo do futuro...

Nada persiste no homem...

As palavras voltam, porém. Mortos os sonhos que com ellas crêamos, desfeitas as illusões em que nos embalamos..., ellas novamente nos vêm aos ouvidos, ao recordarmos do passado, não suaves como outr'ora, mas crueis, funestas muita vez, porque, enchendo o vacuo que deixaram em nosso coração de uma descrença e indifferença, matam todos os bons sentimentos de que eramos possuidores...

PEPE.

AMOR

O homem ama, sobretudo, a mulher; a mulher ama, sobretudo, os filhos. — CARMEN SYLVA.

GOTTAS ESPIRITUAES

Não ha, contra o amor, arma mais poderosa do que o orgulho. — JEAN SIGAUX.

A bondade conserva a belleza; uma mulher bôa nunca se torna feia.

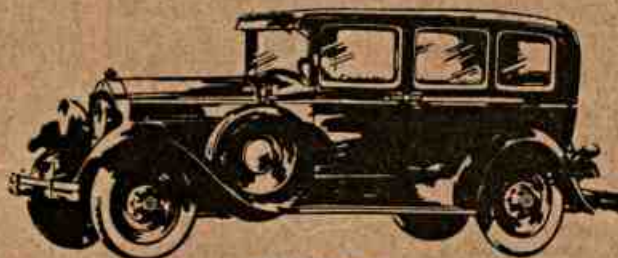
O sorriso é o espirito das mulheres. — JEAN SIGAUX.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

FAZEM vinte e cinco annos que a Packard criou e adaptou uma forma caracteristica de cofre e radiador, que embora tenha soffrido ligeiras alterações, para attender aos augmentos de dimensões do motor, continua a ser caracteristicamente Packard.

Poucos carros existem que se pareçam com os seus antepassados. Por isso, o automovel commum que hoje se adquira, já amanhã será, talvez, antiquado.
E' o que não se verifica com o Packard com suas eternas e elegantes
E' o que não se verifica com o Packard co msuas eternas e elegante.
linhas. O Packard de V. S., novo ou antigo, será sempre reconhecido como um Packard e V. S. nunca deixará de orgulhar-se de o possuir.

PERGUNTE A QUEM TEM UM

PACKARD

Distribuidores:

CIA. COMMERCIAL E MARITIMA

AUTO GERAL

Rua Benedictinos 1 a 7

RIO DE JANEIRO

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

MOULIN ROUGE

DA BRITISH I. PICTURES

(Programma Serrador)

Cine-THEATRO PALACIO — Uma tarde passada no Palacio Theatro é uma tarde de bom encanto artistico, não só pela excellencia dos films, como pela organização do programma, que se eguala no cuidado dos numeros ao que de melhor se apresenta lá fóra. Não é este, certamente, o logar mais proprio para dizer estas cousas, mas, n'um gesto de absoluta justiça, é bom que se salientem, para dar o premio a quem merece. A verdade é que não ha hoje, no Rio, cinema que apresente mais brilhantes programmas que o Palacio e que a Capital Federal póde dizer que tem hoje um theatro que, com a sua organização de diversões, é digno de ser frequentado por estrangeiros que conheçam as grandes capitaes do mundo. E dito isto, vamos ao film, que é a parte principal do programma do Palacio e aquella que mais directamente interessa aos nossos leitores. A direcção de Moulin Rouge pertence a Dupont. Dupont, com *Varieté*, marcou definitivamente o seu valor como director de talento, força intelligente que cria belleza e vida. E' dos mestres, a par de Gance e de Murnau, que se não prendem com futilidades, nem tratam de illudir-nos com fantasias de montagem, nem irrealidades scenographicas. Procura sempre ir ao fundo das almas e arrancar d'ellas a emoção que as agita, obrigando-nos a entrar dentro da acção. O thema amoroso que lhe serviu de fulcro no enredo de *Moulin Rouge* não é inedito. Está tratado no romance, no theatro e na téla e, á sua volta, tem-se tecido emocionantes trabalhos. E' um thema de accentuado sabor romantico; mas, não obstante o ambiente artistico em que se desenrola, Dupont

KOHOUT
Si o Snr. é como São Thomé...

NOS CINEMAS DA AVENIDA —— (Continuação)

procurou, com accentuado esforço, fazel-o humano, isto é, comprehensivel e attrahente para as almas dos nossos dias. Por força d'esse mesmo ambiente, certas scenas de fantasia theatral cortam a acção. Não são muitas, nem ellas interessam ao observador. Sem ellas, o film valeria o mesmo, porque, retiradas da metragem, apenas levemente indicadas, por necessidade da acção, o film conservaria todo o seu valor de obra de sentimento vibrante, de emoção profunda. Como está, evidentemente, serve melhor ás multidões. Se alguma cousa poderiamos notar seria o não se encontrar sufficientemente clara a qualidade de sentimento, ou melhor, a força do sentimento amoroso que ligava a sogra ao genro. Isto, no emtanto, poderá ser considerado como um traço de delicadeza. Dupont teve receio de cair no lado grosseiro e material do amôr. A interpretação é elevada e clara. Tsheschowa tem expressões d'uma verdade emocionante. O seu trabalho scenico jogado nas horas em que a filha soffre a operação é bom. A parte technica honra a British. As photographias do Paris nocturno, um bello trabalho. Ha ainda no film um ponto que não póde passar em claro: queremos referir-nos a certos typos, figuras, situações que, não estando dentro da acção, representam annotações á margem muito bem observadas.

Cotação — MUITO BOM

FAZENDO FITA

DA METRO

Cinema GLORIA — Mais um film traçado sobre a vida intima dos "studios". Parece que os directores, fartos de olhar para fóra do seu ambiente, desataram a verem-se ao espelho. A' força de repetido, o expediente já não interessa muito. Em todo o caso, esta pellicula traz no seu "cast" o nome sempre querido de Marion Davies, cuja belleza e impressão photogenica encantam o publico. O enredo é d'uma banalidade atroz. Os episodios que o cercam não o valorizam. Salve-se a parte exclusivamente technica, que, na realidade, é boa. E é só, lamentavelmente só. Parece que o fim do film foi fazer espirito. Não demos por elle, se bem que confessemos que alguns esforços se fizeram.

Cotação — SOFFRIVEL

O TANQUE DO JARDIM — As photographias das crianças despertam sempre interesse. Com a Kodak Moderna é muito facil tira-las.

O BEBÉ NA SUA CADEIRA — Dentro de pouco andará sósinho, e então, com o decorrer dos annos, que valor não terá esta photographia?

Crianças hoje, homens amanhã

Quem é que pode imaginar o Joãosinho como um homem feito? Elle mal pode andar agora! Quem é que pode fazer uma ideia de Irene em vestido de casamento? Ella nem sequer tem ainda quatro annos e só pensa nas suas bonecas.

De facto, são poucos os paes que ao olharem para os seus filhinhos pensam que elles jamais crescerão. As crianças são tão interessantes que não se quer que ellas cresçam.

As crianças mudam rapidamente

Comtudo, não se pode duvidar que ellas crescem e mudam tanto que em breve os cavallinhos de baloiço do Joãosinho e as bonecas de Irene são apenas coisas do passado. Em breve as crianças vão para a escola e depois, muito rapidamente, completam os seus estudos. Diz-se: "Parece apenas hontem. Parece realmente, mas, lembram-se os paes de todas as transformações da vida dos seus filhinhos como se, de facto, tivessem tido lugar apenas hontem? Lembram-se de todas as transformações rapidas?

Se a memoria falha — a Kodak lembra

Apenas vos lembraes vagamente e de uma forma geral. Quanto, comtudo, pagariam os paes para ver os seus filhinhos de novo exactamente como pareciam quando tinham apenas alguns dias, alguns mezes, um anno e meio, etc.? Quando a memoria falha, a Kodak lembra. Um diario graphico das crianças, em todas as suas posições e travessuras, uma collecção de photographias tiradas periodicamente atravez dos annos. Esta é a melhor recordação para os paes de ver novamente as horas felizes da infancia dos seus filhinhos.

As novas Kodaks

As novas Kodaks tornam o tirar photographias actualmente mais facil do que nunca. As lentes rapidas, nas Kodaks modernas permittem tirar instantaneos muito bons com má luz, retratos de exposição rapida dentro de casa, photographar os pequenitos a brincar, em acção. O antagonismo natural dos pequenitos de se manterem quietos é bem conhecido, porém elles não ficarão crianças por muito tempo. É por essa razão que os paes devem tirar-lhes photographias, um semnumero dellas! É muito facil com a Kodak moderna.

Eis aqui uma Kodak Moderna: a No. 1, Serie III, para photographias de 6x9 cm.

Kodak Brasileira, Ltd., Rua São Pedro 268-270, Rio de Janeiro

O que nem todos sabem

O olfacto dos insectos é prodigioso. As abelhas que trabalham em uma mesma colmeia distinguem por elle seus habitantes, pois a rainha tem um cheiro caracteristico, emquanto zangões e operarios possuem, tambem, sua fragancia particular. Isso facilita o trabalho e a defesa, em caso de ataque. As operarias sabem que a rainha está presente e isso significa tudo para as abelhas na perpetuação da colonia.

As familias de formigas tambem se distinguem pelo cheiro.

A religião brahmanica, como todas as religiões antigas, diviniza os animaes, especialmente os da raça bovina.

O Egypto venerava na vacca uma incarnação da grande deusa Isis; os gregos e os romanos faziam figurar o touro nas suas lendas; para os hindús brahmanicos o boi e a vacca são objecto de um culto especial. A vacca representa a força criadora da natureza e, como tal, é um dos attributos do deus supremo.

"O culto da vacca, disse Zoadhi, o apostolo da India, é essencial para nós, pois indica a fraternidade do homem e dos animaes, isto é, a nossa solidariedade com a natureza."

Assim, comer a carne de uma vacca seria para os hindús um peccado imperdoavel.

Alguns bois, consagrados aos deuses, gozam de um favor particular. São alojados em dependencias dos templos e vagueiam livremente pelas ruas.

A captura de aves para estudos biologicos é praticada de fórma que os animaes nada soffrem, como o provam os seguintes factos:

Em Thomasville, foi capturada uma coruja á qual se deu liberdade por não interessar o exemplar. Pois ella voltou a cahir no alçapão, no mesmo logar, durante seis annos consecutivos.

No outomno de 1914, um pato ferido e enfermo foi aprisionado, posto em tratamento e marcado pelo doutor Wetmore. Doze annos depois, foi encontrado, e morreu na California.

No anno de 1913, um pinguinho, com alguns outros de sua especie, foi marcado por um professor, e quatro annos depois um negro encontrou, ás margens do Niger, na Africa, o cadaver de um estranho passaro branco com um anel de aluminio em uma perna. Surprehendido, levou-o a um missionario, que o entregou á Sociedade Biologica.

Nos arredores de Cairo, a lendaria capital do Egypto, vive u mhomem que se suppõe seja o mais velho do mundo. Conta 153 annos e é arabe.

O que nem todos sabem

O olfacto dos insectos é prodigioso. As abelhas que trabalham em uma mesma colmeia distinguem por elle seus habitantes, pois a rainha tem um cheiro caracteristico, emquanto zangões e operarios possuem, tambem, sua fragancia particular. Isso facilita o trabalho e a defesa, em caso de ataque. As operarias sabem que a rainha está presente e isso significa tudo para as abelhas na perpetuação da colonia.

As familias de formigas tambem se distinguem pelo cheiro.

A religião brahmanica, como todas as religiões antigas, diviniza os animaes, especialmente os da raça bovina.

O Egypto venerava na vacca uma incarnação da grande deusa Isis; os gregos e os romanos faziam figurar o touro nas suas lendas; para os hindús brahmanicos o boi e a vacca são objecto de um culto especial. A vacca representa a força criadora da natureza e, como tal, é um dos attributos do deus supremo.

"O culto da vacca, disse Zoadhi, o apostolo da India, é essencial para nós, pois indica a fraternidade do homem e dos animaes, isto é, a nossa solidariedade com a natureza."

Assim, comer a carne de uma vacca seria para os hindús um peccado imperdoavel.

Alguns bois, consagrados aos deuses, gozam de um favor particular. São alojados em dependencias dos templos e vagueiam livremente pelas ruas.

A captura de aves para estudos biologicos é praticada de fórma que os animaes nada soffrem, como o provam os seguintes factos:

Em Thomasville, foi capturada uma coruja á qual se deu liberdade por não interessar o exemplar. Pois ella voltou a cahir no alçapão, no mesmo logar, durante seis annos consecutivos.

No outomno de 1914, um pato ferido e enfermo foi aprisionado, posto em tratamento e marcado pelo doutor Wetmore. Doze annos depois, foi encontrado, e morreu na California.

No anno de 1913, um pinguinho, com alguns outros de sua especie, foi marcado por um professor, e quatro annos depois um negro encontrou, ás margens do Niger, na Africa, o cadaver de um estranho passaro branco com um anel de aluminio em uma perna. Surprehendido, levou-o a um missionario, que o entregou á Sociedade Biologica.

Nos arredores do Cairo, a lendaria capital do Egypto, vive um homem que se suppõe seja o mais velho do mundo. Conta 153 annos e é arabe.

A Sciencia enaltece as qualidades da "ASTRÉA"

O preparado ASTRÉA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) Fernando Magalhães.

O uso do preparado ASTRÉA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) Augusto Brandão Filho.

«ASTRÉA» é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) Oliveira Motta.

ASTRÉA é um dos melhores preparados destinados á toilette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) Fernando Vaz.

Caixa Postal 2.577 — S. Paulo

Glaxo

É GARANTIDAMENTE LIMPO E PURO

GLAXO é tão digestivel, puro e nutritivo como o leite materno.
GLAXO não tem microbios nocivos. Até recemnascidos o assimilam.
GLAXO é puramente leite, que se dissolve em agua acabada de ferver.
GLAXO criará o seu bebé, caso falte ou escasseie o leite materno.

Casa Candès — Data de 1849

BELLEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPHELICO
ou LEITE CANDÈS

Puro ou misturado com agua, dissipa Sardas, Tez Crestada, Pintas-Rubras, Borbulhas, Rosto Sarabulhento e Farinaceo, Rugas &
Conserva a cutis liza e clara.

Paris — 8 Bd St Denis

CRÈME CANDÈS Oxydante
Dá mocidade, tez limpida e frescura

TINTAS PARA IMPRESSÃO AS MELHORES

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL

CAPPUCCINI & C.

RUA DA CONCEIÇÃO, 16 - Rio de Janeiro - Tel. N. 3347

"FON-FON" é sempre impresso com as TINTAS HUBER

A VOLTA Á CHAVE

HERBERT JAMIESON

ERAM mais de onze horas quando Clive Durbridge chegou ao seu quarto. Vinha do conhecido restaurante de Holbern, onde se celebram todas as noites grandes concertos, durante os quaes é permittido fumar. O porteiro dormia diante da chaminé do vestibulo e Durbridge, sempre complacente, não quiz despertal-o para subir no elevador. Meditou um momento e começou a galgar os innumeraveis degráos que conduziam ao seu quartoe situados no terceiro anadr. Não encontrou ninguem pelo caminho até chegar ao segundo andar. Ahi, diante da porta, que dava accesso a uma série de aposentos situados sob os seus, viu um homem que, pela posição em que se achava, parecia procurar abrir a porta sem conseguil-o, e que recuára um pouco ao ouvir ruido de passos. Durbridge olhou-o de perto. Aquelle homem lhe era completamente desconhecido. Vestia largo sobretudo de pelles, aberto na frente, deixando vêr um traje de fraque de côrte impeccavel e trazendo á cabeça um chapéo claque. O rosto illuminado pela fraca luz da escada, não era o de uma pessôa vulgar.

Então Durbridge lembrou-se de que a porteira lhe dissera naquella mesma manhã que se havia apresentado um inquilino para occupar os aposentos lo segundo andar, desalugados ha algumas semanas, e aquelle cavalheiro devia seu o novo vizinho.

O homem estava em attitude vacillante, com as mãos mettidas nos bolsos, e parecia querer falar. Encontrava-se, além disto, alguma cousa excitado.

— Dá-me licença — começou Durbridge, que não conhecia o médo. — Não póde entrar?

A voz que respondeu era em extremo agradavel.

— Não, não posso.

— Não lhe deu a porteira, uma chave, ao tomar o senhor, hoje, posse dos seus aposentos?

— Supponho que sim, digo, claro está que me deu; mas... de que me póde servir a chave se não a tenho aqui?

— O mesmo me succedeu uma vez.

— Que lhe succedeu?

— Vesti o fraque para sahir e deixei a chave esquecida na roupa de uso. Devia-lhe ter acontecido a mesma cousa. Não é verdade?

Uma expressão muito curiosa passou pelo semblante do outro.

— Não está muito longe da verdade.

Durbridge sorriu satisfeito.

— Sinto que tal se tenha dado. Terá que despertar a porteira para que lhe dê a outra chave em seu poder, e esta bôa mulher fica furiosa quando a incommodam a semelhante hora.

— Não ha outro remedio? Não abriria a porta, por acaso, a sua chave?

— Parece-me que não. Mas experimentemos.

Durdridge tirou do bolso a argola de chaves, tomou da chave da porta e introduziu-a na fechadura.

— Entra bem, é certo, mas não dá a volta. Diacho! Bem que a dá! Já está aberta!

Com a surpresa momentanea, Durbridge soltou uma sonora gargalhada. Riu-se tambem o outro, mas menos ruidosamente.

— Muitissimo obrigado, cavalheiro — disse. Eu tremia só de pensar que teria de despertar a iracunda porteira.

— Ora vamos! Não o diria nunca! — respondeu Durbridge mettendo a chave no bolso. — Quem poderia lá crêr que eram eguaes as duas fechaduras? Pedirei que m'a troquem amanhã. Não faltava mais nada que Pedro, João ou Diogo se pudessem impunemente servir de minha sala de recepção...

— E fará muito bem, cavalheiro, mas esta noite foi o meu anjo protector. Bôas noites, e muitissimo agradecido, senhor...

— Durbridge. Bôas noites! — respondeu este apertando-lhe a mão.

O novo inquilino entrou nos seus aposentos, fechou a porta atraz de si, e o outro proseguiu em seu caminho até os seus.

Vinte minutos depois, Durbridge dormia profundamente.

II

NA manhã seguinte, Clive Durbridge acordou em sobresalto.

A luz do dia penetrava em cheio em seu dormitorio. Sabia muito bem, antes de despertar de todo, que havia dormido demasiado e consultou o relogio que mettia todas as noits debaixo do travesseiro. De certo! pois passára a noite anterior numa atmosphera asphyxiante pelo fumo do tabaco!

— Oh! Deus! Eram oito menos um quarto! A agua que a criada lhe deixava todas as manhãs ás sete e um quarto em ponto, atraz da porta, deveria estar fria. Por que não chamaria com mais força a rapariga?

Saltou da cama e abriu a porta. A agua não estava em seu logar.

Assim, pois, não era o unico faltoso naquella manhã. O serviço domestico estava desorganizado tambem. Perguntou a si mesmo se não teriam estado, por acaso, todas as criadas em algum *smoking-concert*, como elle. Tocou a campainha e, contente em dormir um pouquinho mais, metteu-se de novo na cama.

Passaram-se tres, quatro, cinco minutos. Ninguem parecia ter vontade de responder ao chamado. Afastou da cabeça os lençóes e poz-se a escutar.

— Ah! alguem afinal, apressando furiosamente os passos, chegava! Esperou que chamassem e disse:

— Onde puizeste a agua esta manhã?

— Oh! mister Durbridge! Não ouviu o senhor?

— Ouviu que? Não ouvi nada.

Era a voz da senhora Ritson, a gerente.

— Commetteu-se um assassinato no numero quatro.

— Numero quatro?

— Sim, nos aposentos de baixo.

— Céos! Quem é o morto?

— O novo inquilino que veiu hontem. Uma bala atravessou-lhe o coração emquanto dormia no proprio leito. A casa está em reboliço, e não se sabe o que fazer. Aqui está a agua, meu senhor. E assim que fôr possivel, subirá o almoço.

Durbridge ficou tão emocionado que perdeu a fala. O homem com quem estivera falando na noite anterior e cuja porta abrira, fôra assassinado. Era horrivel isso. Elle era, certamente, a ultima pessôa que o tinha visto vivo. Recordou o aperto de mãos que lhe déra, quente e vigoroso, e, agora, aquella mão estava hirta e gelada.

Ao pensar em tal, estremeceu dos pés á cabeça e seus dentes se entrechocaram, rangendo.

Vestiu-se apressadamente. Não era caso para o momento a *toilette* matinal demorada de sempre. Deixava-a para depois; as mãos lhe tremiam demasiadamente. Uma vez vestido, penetrou na sala. A criada punha nesse momento, em cima da mesa o almoço, composto de ovos fritos e de presunto.

— E' terrivel o que se passou, Joanna.

A VOLTA Á CHAVE — *Continuação*

— Horrivel, senhor!

Os olhos de Joanna pareciam querer saltar das orbitas.

— Qual poderá ser o movel do crime?

— A policia diz que é o roubo, senhor. O criminoso arrombou uma gaveta e ha uma porção de papeis espalhados pelo chão. Oh! um cavalheiro tão cortez e tão amavel como elle era, pelo menos me pareceu, porque só o vi uma vez.

— Já levaram o cadaver?

— Chegaram agora mesmo para isto.

Uma curiosidade talvez morbida, mas muito natural naquellas circumstancias, levou Durbridge, ao cabo de um minuto, a levantar-se da mesa e a dirigir-se ao patamar da escada. Ouvira um ruido que não podia deixal-o em duvida. Conduziam o cadaver. Inclinou-se no corrimão e olhou.

No segundo andar, a senhora Ritson, em meio dos criados, mostrava-se tambem afflicta, com as feições demudadas. Appareciam o homens encarregados de levar o cadaver, dando instrucções em voz baixa, com aquelle respeito que todos os homens sensiveis guardam diante da morte. Depositaram o cadaver numa maca, mas ainda não o tinham coberto.

Durbridge sentiu eriçarem-se-lhe os cabellos.

O morto não era o homem a quem abrira a porta do quarto.

* * *

Durbridge afastou o almoço que tinha diante de si sem tocal-o. A cousa estava bem clara, tão clara como a luz do dia. O homem a quem tinha aberto a porta com sua propria chave não era o inquilino do segundo andar. Era u mdos mais acabados e dos mais atrevidos impostores que vira durante toda a sua vida. Aquelle homem tão cortez, tão amavel, que pretendia ter esquecido a chave no interior do aposento, era um impostor, um ladrão, um assassino. Inconscientemente Durbridge facilitára a realização do crime. Poz-se logo a passear pela sala em attitude pensativa. Nunca em sua vida passára tão máo pedaço. Seu dever, naturalmente, era ir á delegacia de policia declarar tudo quanto sabia. Descrever, pelo menos, os signaes do homem com quem falára. Céos! Como póde qualquer um enganar-se com as apparencias!

Mas, se fosse declarar-lhes a verdade, que triste conceito formariam delle os juizes! Que humilhação ser alvo da risota de todo o tribunal! Estava certo de que ninguem no mundo teria sido enganado como elle o fôra, acreditando piamente na historia da chave.

E o peior de tudo é que algum daquelles funccionarios, desejoso de subir depressa, podia insinuar que elle era cumplice do crime.

Quanto mais meditava a respeito, tanto mais perplexo e indeciso se mostrava Durbridge. Inimigo da publicidade em geral, odiava esta sobretudo. Seu nome appareceria em todos os letreiros, escrever-se-iam artigos de fundo criticando e censurando a sua estupidez em abrir a porta. Teria que ir fazer declarações perante o juiz, e, se o assassino cahisse nas mãos da justiça, seguir-se-iam procedimentos criminaes, nos quaes poderia vêr-se envolvido. Depois nas edições da noite dos jornaes populares, vêr-se-ia reproduzido em gravuras toscas, apontando como bandido. Um suor frio banhava-lhe o rosto ao pensar horrorizado no negro porvir que o aguardava.

Todos estes pensamentos ferviam e se agitavam no cerebro de Durbridge, e bem que a sua decisão não fôsse lá digna de elogios, era, no emtanto, muito natural. Esperaria, pois, algumas horas antes de apresentar-se para fazer declarações. Durante este tempo, talvez a policia descobrisse o assassino e então, as declarações seriam desnecessarias.

Aproximava-se já a hora de ir para o seu escriptorio na "City"; alli procuraria esquecer a sua afflicção. Poz o chapéo e desceu. No vestibulo encontrou o porteiro, loquaz, como são todos e que cuidava do elevador, bem esperto desta vez e dando-se ares de homem importante. Não havia sido elle, por acaso, o primeiro a subir ao numero quatro, a descobrir o cadaver do homem assassinado? Não fôra elle que fizera vir o primeiro agente de policia que por signal chegára arquejante ao theatro do crime? Nãs tinha sido tambem elle que com autoridade contivera um grande numero de rapazes que se esforçavam por entrar? Depois, sua gloria e seu orgulho não teriam limites ao pôr um dique á avalanche de reporteres que se apresentaria sedenta de noticias.

— Que horroroso assassinio, mister Durbridge! Pensar que fui a ultima pessôa que viu o pobre senhor com vida?

— Oh! E a que horas se passou isto?

— A' noite, pelas onze e vinte e cinco. subiu e deu-me muito amavelmente as bôas-noites!

— A's onze e vinte e cinco? — Durbridge fez rapidamente um calculo. O homem que entrou teve de permanecer occulto nos aposentos meia hora antes de apresentar-se á sua victima, e teve ainda de esperar que adormecesse para commetter o delicto. Era um crime premeditado e á sangue frio.

— Tem a policia alguma idéa de como póde entrar o assassino?

FERNET-BRANCA
EM SUA EXISTENCIA DE MAIS DE OITENTA ANNOS CONQUISTOU A CONFIANÇA DE TODOS OS POVOS.
E' UM ESTOMACAL QUE NÃO TEME CONCORRENCIA NEM TEM SIMILARES.

CAMIZAS, CUECAS E PYJAMAS DE LUXO
O CAMIZEIRO
28/32 — ASSEMBLÉA
A MAIS IMPORTANTE
CASA DE CAMIZAS DO RIO

A VOLTA A CHAVE — *Continuação*

— Acredita ter entrado pela janella. Uma dellas estava apenas encostada. Asseguro-lhe que estou horrorizado. Vamos, rapazes, que fazem aqui?

Durbridge sahiu e proseguiu em seu caminho. Entraram pela janella! A policia estava a seguir, então, uma pista falsa. O segredo atenazava-lhe as entranhas e acreditava que todo o mundo podia lêl-o em seu rosto.

Quando chegou ao escriptorio, ouviu que apregoavam edições relatando o crime. Pouco antes das dois, trouxeram-lhe um recado de que alguem esperava por elle; a pessôa que se apresentava não queria dar o nome. Que horror! O golpe ia cahir-lhe sobre a cabeça! Tratou de repôr-se um pouco e deu ordem para que a fizesem entrar.

Era um joven vermelho, de bôa e agradavel presença. Durbridge observou que fechava cuidadosamente a porta atraz de si.

— Mister Durbridge?

— Sou eu mesmo.

— Fui a sua casa. O porteiro deu-me direcção do escriptorio, e aqui estou. O assumpto que me traz á sua presença é de tal ordem e de tanta importancia, que vim, como se costuma dizer, voando. Lord Avondale deseja vêl-o immediatamente em sua residencia particular.

— Lord Avondale! O ministro de Sua Majestade?

— Elle proprio. Sou o secretario particular de sua excellencia.

— E deseja... vêr-me? Não está o senhor equivocado?

— Não, senhor; não estou enganado.

— Mas que poderá necessitar de mim sua excellencia?

— Nada mais posso dizer. Sei que o assumpto é urgentissimo apenas.

— Virá tambem?

— Pois não! Vamos ambos.

Durbridgne tomou o chapéo como se estivesse sob um terrivel pesadello.

Os acontecimentos daquella manhã se succederam com uma rapidez pasmosa. Uma entrevista com um minitro da Corôa, com quem nunca trocára a mais simples palavra, a quem nem siquer conhecia directa ou indirectamente, era caso raro, assombroso, excepcional. Claro que aquillo não podia ter connexão possivel com o assassinio que acabava de commetter-se em sua casa. Encontraram-se, num momento, na rua, chamou o secretario um taxi e entrou nelle com Durbridge.

— Parece-me que nem siquer sei onde mora sua excellencia.

— Grosvenor Square. Si o trafego não nos detiver, chegaremos em menos de quinze minutos.

Durbridge ficou silencioso. Não podia supportar, no momento, as conversações vulgares, e, felizmente para elle, começou o secretario a tomar notas num canhenho. Depressa appareceram as solidas fachadas dos palacios de Grosvenor Square. Deteve-se o taxi diante de um daquelles palacios, e apeou-se em primeiro logar o secretario. Durante um minuto Durbridge ficou só no salão da bibliotheca. Aquella sala, com seus grandes armarios repletos de livros, cujos artisticos remates tocavam o tecto, com uma mobilia de roble esmaltado e seus preciosos tapetes da Turquia, era a ultima palavra em materia de luxo. Durbridge, pela vigesima vez, perguntou a si mesmo que poderia necessitar delle sua excellencia.

Abriu-se de repente a porta e appareceu a majestosa figura de lord Avondale. Apezar de seus setenta annos, tinha o corpo tão direito como uma haste; suas feições, no emtanto, eram bastante familiares a Durbridge, por têl-as visto reproduzidas varias vezes nos periodicos illustrados, mas o certo é que nenhuma daquellas photographias reproduzia a ma-

majestade de sua fronte, a viveza de seus olhos, a dignidade de toda a sua pessôa. Estendeu a mão a Durbridge numa cortezia á antiga. A attitude do nobre lord tranquillizou-o.

— Muito grato por ter vindo tão depressa, mister Durbridge. Tenho que dizer-lhe alguma cousa de summa importancia, e com sua permissão vou chamar minha filha porque desejo que esteja presente á entrevista que vamos ter, e possa ouvir tudo que nella vamos tratar.

Durbridge inclinou a cabeça em signal de assentimento. Dirigiu-se lord Avondale á porta e chamou: Phebe!"

A visão celeste que appareceu — verdadeiro retrato do pae — deslumbrou Durbridge.

— Apresento-lhe minha filha, mister Durbridge. Faze-me o favor de sentar-te Phebe! Mas, melhor será que nos sentemos todos. A entrevista que lhe pedi deveria têl-o surprehendido extraordinariamente, cavalheiro.

— E' verdade, milord.

— Não sei se terei chegado a tempo. Perdão se entro no assumpto immediatamente e lhe faço uma pergunta á queima-roupa. Apresentou-se á policia para fazer declarações a respeito do homem a quem abriu a porta na noite passada?

— Não, milord.

— Graças a Deus! — exclamou lord Avondale.

— Graças a Deus! — repetiu como um éco a filha.

Durbridge, cada vez mais assombrado, olhava alternativamente o pae e a filha. Estava, por acaso, sonhando? Que tinha que vêr elle com...?

— Eu lh'o agradeço infinitamente, mister Durbridge. Tirou-me um peso enorme de cima.

— Perdão, milord, mas não era o homem com quem falei o assassino que...

Lord Avondale levantou a mão como para impôr-lhe silencio.

— Está claro que o senhor e todos chegariam a esta conclusão. O homem que acredita ser o assassino, encontra-se aqui, nesta casa, poderei chamal-o já. E' meu futuro genro, o noivo de minha filha, aqui presente: homem de honra immaculada e que me tem servido lealmente.

Durbridge, ao ouvir estas phrases, perdera o uso da palavra.

Lord Avondale continuou:

— Para esclarecer o mysterio, dir-lhe-ei que o homem assassinado á noite em sua casa foi meu criado, um intrigante em politica e o peor velhaco quantos têm existido. Ha tres dias que deixou meu serviço sem dar-me satisfação, e quando entrei em meu quarto comprehendi a razão do seu acto. Uma das gavetas de minha secretária havia sido saqueada e algumas cartas de natureza extremamente privada tinham desapparecido. Seu fim era evidente; pretendia vendel-as á imprensa. Mas, graças a Deus, não pôde levar a cabo seu intento. Si o tivesse podido, a Gran-Bretanha estaria hoje compromettida numa guerra terrivel com uma potencia estrangeira, o que teria perturbado a bôa harmonia européa.

— Imagine o senhor o meu estado de espirito durante estes tres ultimos dias — proseguiu lord Avondale, cada vez mais emocionado. — A policia secreta do reino poderia auxiliar-me, mas, por certas razões que devo calar, eu não podia lançar mão dos meios ordinarios que concedem as leis para perseguir o criminoso. Assim, pois, tinha tudo de resolver-se em familia, como se costume dizer. Meu futuro genro, mister Pery Wadham, poz-se na pista sem descanso, e á noite descobriu seu esconderijo na casa em que o senhor mora. Dirigiu-se a elle resolutamente com o fim de vêl-o e obrigal-o a devolver as cartas subtrahidas, mas encontrou o quarto fechado e o inquilino ausente. Occorreu-lhe arrombar a porta, mas naquelle momento, segundo mister Wadham refere depois, apresentou-se o senhor repentinamente

A VOLTA A CHAVE — (Conclusão)

na escada. O resto já sabe; a sua chegada foi verdadeiramente providencial.

A personalidade do ministro impressionou grandemente a Durbridge. Parecia escutal-o não só com os ouvidos, mas com todo o corpo.

— Pois bem; uma vez dentro, começou mister Wadham a procurar as cartas. Não lhe foi difficil abrir uma gaveta e nella, debaixo de muitos outros papeis que ia espalhando pelo chão, encontrou o que buscava. Receioso de que meu criado pudesse estar de volta de um momento para outro, deteve-se sómente para cerrar a porta da sala e sahiu, passando felizmente pela portaria num momento em que o porteiro dormitava, e não encontrando ninguem até muito longe da casa. A's onze e vinte e cinco, mister Wadham estava de regresso a esta casa com as cartas subtrahidas.

— Com licença, milord — interrompeu Durbridge, — mas creio que não lhes desgostaria saber que a essa hora o homem que foi assassinado passou pela portaria e deu as bôas noites ao porteiro.

— O que vem provar a innocencia de mister Wadham, se tal prova fôsse necessaria — disse sorrindo lord Avondale. — Agora é muito facil pensar no que depois occorreu. Meu ex-criado, cujo nome de momento não me recordo, entrou nos seus aposentos sem a menor suspeita, e encontrando-se provavelmente cansado, penetrou no dormitorio sem abrir siquer a porta da pequena sala e adormeceu. Então entrou alguem, indubitavelmente pela janella, como o suppõe a policia. Que mão vingadora o feria é o que não sabemos. Parece que era relacionado com varias sociedades secretas e dahi... com o desapparecimento das cartas... e a decepção com o naufragio do negocio... seu passado era, na verdade, tão vil que é de estranhar não lhe tivesse occorrido muito antes semelhante desgraça.

Ha ainda outra cousa a accrescentar, mister Durbridge. O senhor bem póde imaginar a nossa afflicção ao lermos nos jornaes desta manhã que o homem tinha assassinado. Receiava mister Wadham que se tivesse de prestar declarações perante o juiz fôsse apontado como autor do crime e que a historia das cartas se divulgasse. E não pudemos atinar com a razão de sua demora em apresentar-se á policia.

— Porque pensei, milord, que me tomariam por um nescio.

— Ah! Fez muito bem! — replicou lor Avondale. — Quem diria que de uma simples volta de chave dependia minha reputação pessoal, que importa pouco, e a paz da Gran-Bretanha que importa muito! Muito obrigado, cavalheiro, agradeço-lhe de todo o coração. E agora, permitta-me que chame mister Wadham para que, por sua vez, demonstre sua gratidão.

Ao cabo de um minuto, Durbridge estreitava a mão de um homem risonho que acreditava ter sido assassinado.

O CARNAVAL

DE HENRI LAVEDAN

O carnaval!

Que poderosa seducção exerce elle sobre os homens, para que resista sempre a tudo e ao tempo, e sobreviva a tudo do que passa?

Elle atravessou, sem duvida, épocas mais faustosas; mas, si bem que um pouco transformado, empobrecido e mesmo decaido, continúa a viver, a vida intermittente e fugace, que o galvaniza uma vez por anno (sem contar a "mi-carême"), e lhe assegura, ainda, seculos de duração.

Tentaram matal-o. Ninguem póde garantil-o, está visto.

Admiravel thema para philosophar do alto do balcão, a perder de vista.

O carnaval é a recreação, o jogo desajuizado dos homens.

Como a criança, no pateo do collegio, ao sair da escola, salta, aos gritos, fazendo contorsões e caretas; salta, rola por terra, pelo prazer animal de manifestar a sua alegria, pela terminação dos estudos, naquelle dia, e para se dar a illusão de liberdade, assim o homem, no meio dos seus trabalhos, experimenta, por instantes, a necessidade, quasi selvagem, de se distrair, mesmo se degradando, e como não tem mais a agilidade da criança, para recorrer á embriaguez do movimento e a suppre com a radical transformação do corpo e do rosto, com o auxilio do vestuario e da mascara.

Quer rir, e eis tudo. Quer encontrar, de novo, o riso, esta expansão ingenua, esse jubilo da alma, que elle perdeu ou não conheceu; é elle que o procura, se atirando até onde lhe dizem que elle nada tem a perder.

Rir e rir, ainda...

Mesmo chorando e soffrendo, esse jogo é agradavel. O desgraçado que não ri nunca é um homem morto e que não fará palhaçadas.

Mas, por deleitavel que seja o rir, não é o bastante ser alegre.

Para que a felicidade attinja o paroxismo, é preciso que esse riso e essa alegria tenham por causa uma encarnação nova, do individuo, e que um ser inesperado, bizarro e fecundo em sensações, substitua aquelle que existia, que não se tolerava, senão com uma fadiga mal resignada, e cuja banalidade era um motivo de aborrecimento.

Então, o resultado é completo.

Tendo mudado de roupa, a forma do seu corpo, a côr dos seus cabellos, os seus traços, e tudo quanto pudesse revelar a sua pessôa, o homem, baptizado, por si mesmo, com um outro nome, se olha no espelho, um pouco embriagado com essas metamorphoses, e porque vê, deante de si, um mosqueteiro, um rei ou um pierrot, elle imagina que matou tres espadachins, governador de imperio ou que Colombina o espera.

E elle ri. Esquece e esquece de tudo.

Não devemos crer que esse gosto do disfarce, esta sêde de sair de nós mesmos, de nos evadir, seja um pernicioso effeito de educação, pois que o selvagem sente esse mesmo prazer, do mesmo modo.

Observemos os negros que vão e vêm pela cidade, com ar deliberado, de ter uma pallidez de camelia. Constataremos o seu fanatico amor pelo branco, pelas vestes claras, etc.

Não é um estratagema innocente, para se transformar e se offerecer, assim, fóra de toda e qualquer mascarada publica, uma perpetua terça-feira gorda?

Contaram-me, certa vez, que os negros do Haiti, em determinadas épocas do anno, cobriam o rosto com mascaras brancas, entregando-se a um desenfreado delirio carnavalesco.

Era como uma festa de simios desatinados.

E' preciso, pois, tomar, em toda nossa vida, o partido de brincar o carnaval, que jamais nos abandonará, — emquanto a elle não renunciarmos.

MOCIDADE TRISTE

Ha, na vida, uma quadra de illusões,
Uma idade de sonhos revestida;
Nessa quadra feliz, rosea, florida,
Referuem dentro dalma as emoções

Como as flôres que surgem dos botões,
Nós surgimos, em risos, para a vida,
Nessa quadra risonha, colorida,
Em que não móra a dôr nos corações

Mas o meu, na tristeza mergulhado,
Na mocidade, por maldito fado,
Sorveu, chorando, o calice da dôr

Por isso, nessa quadra venturosa,
O meu livro de capa côr de rosa
Uma pagina só não tem de amor

JORGE DUARTE RIBEIRO.

Deixem as crianças saltar e brincar!

A actividade é o tonico da Natureza para as crianças.
Os alegres brinquedos, correrias, saltos e jogos constituem os meios naturaes de desenvolvimento dos jovens corpos.

A Natureza tambem fornece os alimentos proprios e necessarios á construcção dos ossos, dos musculos, ao desenvolvimento da força e do vigor, á Saude. O Leite Maltado Horlick contém esses elementos naturaes e indispensaveis ás crianças no periodo de desenvolvimento: o puro e rico creme, as proteinas, as vitaminas — tudo isso, em forma deliciosa, se encontra no

HORLICK'S

A BEBIDA ALIMENTO PARA TODAS AS IDADES

PEÇAM AMOSTRAS A

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 35 — S. Paulo.